Lobsang Rampa

O EREMITA

Capítulo primeiro

Lá fora, brilhava o Sol. Vívido, iluminando as árvores, projetando sombras negras por trás das rochas e pendentes, mandando milhares de pontos resplandecentes refletidos, o azul do lago. Aqui no bom abrigo da caverna do antigo eremita, a luz se filtrava através dos galhos e chegava verde, suave, aos olhos cansados de uma exposição.

O jovem, respeitosamente, aproximava-se do eremita magro, sentado sobre uma pedra gasta pelo tempo.

"-Eu vim a Ti para ser instruído, ó Venerável!" Disse o homem santo com voz tranqüila.

"–Sente-se", ordenou o mais velho dos dois.

O jovem monge, de vestes vermelho-tijolo, curvou-se novamente e sentou-se de pernas cruzadas no chão-apisnado, próximo ao professor.

O velho ermitão ficou em silêncio, como se visse uma infinidade de coisas passadas, mas com as órbitas dos olhos vazias.

Muitos, mas muitos anos atrás, quando era um jovem lama, tinha caído nas mãos dos oficiais das tropas chinesas em Lhasa, por não revelar segredos de Estado que ele não conhecia, e privado de seus olhos. Torturado, mutilado e cego de ambos os olhos, tinha andado para lá e para cá, com amargura e decepção, fugindo da cidade. Viajando à noite, andou até longe dela, quase enlouquecido de dor e horror; evitando a companhia dos homens.

Pensava. - Eu pensei. - não lhe deixaram os seus pensamentos.

Subindo sempre a maior altura, vivendo do gramado e das ervas que encontrava em seu caminho; e guiado, para onde encontraria o que beber pelo murmúrio dos riachos. Manteve uma centelha da vida. Gradualmente, as suas piores lesões foram sarando, as órbitas de seus olhos pararam de sangrar. Mas sempre buscava ir mais alto. - eu sempre olhando para cima a ele. - Humanidade... Torturando ferozmente homens como você e sem razão.

O ar estava ficando mais rarefeito. Desapareceram as árvores, que com sua casca podia sustentar-se. Não podia ele estender a mão e arrancar planta ou grama.

Então ele precisava rastejar sobre as mãos e joelhos, vagando de um lugar para outro, esforçando-se, esperando para fazer o suficiente para afastar o tormento da fome.

O ar ficou mais frio, mais penetraram os dentes do vento; mas ainda mais se esforçou para cima, sempre mais arriscando, como movida por um impulso interior.

Poucas semanas antes, antes do início de sua jornada, ele encontrou uma forte rama, que empunhava como um cajado para buscar seu caminho. De

repente, seu bastão de cego foi encontrado em frente a uma parede e não conseguia encontrar maneira de conduzi-lo mais adiante.

O jovem olhou para o velho monge. Não há qualquer sinal de movimento. "Assim devia ser" pensou o jovem, e consolou-se que os "Veneráveis Presbíteros" vivem no mundo do passado e nunca alteram sua forma de ser por nada. Ele olhou com curiosidade em torno dele, na caverna nua. E ela era completa. De um lado, se observava uma palha amarelada - a cama.

Ao lado dele, uma tigela. De uma projeção da rocha, havia pendurada uma túnica cor de açafrão suja, triste, como que consciente de estar descolorida pelo sol. E nada mais. Nada. Nada.

Este velho ponderou o seu passado quando ele foi torturado, mutilado e cego. Quando ele era um jovem como aquele que estava sentado em frente dele.

Num acesso de frustração, com sua bengala bateu a estranha barreira diante dele. Em vão, ele lutou para ver através das tigelas vazias de seus olhos. Finalmente, rendido pela intensidade de suas emoções, desmaiou ao pé daquela barreira misteriosa. O ar rarefeito atravessava suas roupas, roubando o calor e a vida de seu debilitado corpo.

Longos momentos passaram. Finalmente, os passos de uns pés calçados ressoaram no chão pedregoso.

Escutaram-se palavras murmuradas em uma linguagem incompreensível e o corpo fraco daquele lama foi levantado e levado embora.

Ouviu-se um "iclang!" metálico e como um abutre que estava lá pousado, considerando-se satisfeito de sua comida, voou pesadamente.

O velho ermitão começou a lembrar. Tudo aquilo que aconteceu muito tempo atrás. Agora, ele teria que instruir o jovem monge que tinha em frente e que era como ele foi. Quantos anos fazia? Sessenta? Setenta? Talvez mais? — Não importava; tudo tinha sumido, perdido nas brumas do passado.

O que significam os anos da vida de um homem, quando ele conhece o que tem o mundo?

. Era como se o tempo tivesse parado. Até o vento débil, que sussurrava através das folhas tinha cessado seu sopro. No ar, flutuava uma expectativa temerosa, enquanto o jovem monge estava esperando o velho ermitão começar seu discurso. Finalmente, quando a tensão foi se tornando insuportável para o jovem, *o Venerável* iniciou suas palavras.

"Você foi enviado para mim - disse ele -, porque lhe foi destinado um grande trabalho nesta vida, e eu tenho que instruir todos quantos são meus conhecimentos, então você tem que encontrar-se até certo ponto de seu próprio destino."

O velho encarava em direção do jovem, que se movia confuso. Era difícil, pensava, tratar com cegos; "olham" sem ver; mas dão a sensação de que vêem tudo. Ninguém sabe como tratar com eles.

A voz desacostumada a expressar-se continuou: "Quando eu era jovem, reuni-me com experiências diversas, experiências dolorosas. Deixei nossa grande cidade de Lhasa e vaguei, cego, através do deserto. Enfraquecido, enfermo e inconsciente, fui arrebatado, eu não sei onde e ali fui instruído na

preparação para este dia. Quando meus conhecimentos do que aconteceu passarem a você, o trabalho da minha vida haverá terminado e eu poderei ir em paz para os campos Celestiais ".

Dizendo estas palavras, um brilho beatífico iluminou as bochechas encolhidos e enrugadas do homem velho, que deu inconscientemente mais velocidade à sua roda de oração.

Lá fora, as sombras, lentamente, rastejavam pelo chão. O vento ficou mais forte e empurrava a poeira seca, cor de osso formando pequenos redemoinhos ao longo do piso. A intervalos, um pássaro lançava um apelo urgente.

Em um modo quase imperceptível, a luz do dia foi desvanecendo e as sombras se alongavam. Dentro da caverna, agora francamente no escuro, o jovem monge fortemente pressionava o corpo, esperando assim suprimir o ronco de sua fome crescente. Fome. "Estudo e fome", pensou, "Sempre andam juntos." Um passageiro sorriso atravessou o rosto do eremita. "Ah! — Exclamou - a informação era precisa. O jovem se sente faminto."

A barriga dele faz o som de um tambor oco. Ela que me informou desse detalhe. E também o remédio. Vagarosamente, pacientemente se pôs em pé sem titubeio, com o ranger de idade, a uma parte escondida da caverna. A seu regresso deu ao jovem monge um pequeno pacote.

"Da parte de seu Honorável Guia", explicou. "Ele disse que quer fazer mais doces seus estudos." Tortas doces da Índia. E um pouco de leite de cabra, para mudar a água como única bebida.

"Não, não", exclamou o velho ermitão, quando foi convidado a compartilhar o alimento.

"Percebo as necessidades dos jovens, especialmente aqueles que vivem além das montanhas. Come e desfruta. Eu, pessoa insignificante, tento seguir em meu caminho humilde o gracioso senhor Buda e viver da semente metafórica da mostarda. Mas você, come e dorme, porque a noite vem sobre nós." Dizendo essas palavras, o velho tinha voltado ao interior oculto da caverna.

O jovem foi até a entrada da caverna, que agora era um oval cinza contra a escuridão interna. Os picos mais altos da montanha pareciam recortes negros contra o espaço vermelho do céu em torno delas. De repente, houve um cresceste resplendor prateado pela passagem de luz em algumas nuvens escuras solitárias, como se a mão de um Deus abrisse as cortinas que ocultavam aquilo que os homens chamam "o Reino dos Céus". - Mas o jovem monge não se entreteu, o jantar foi frugalíssimo e não teria resistido qualquer garoto ocidental.

Ele então retornou para a caverna e, cavando uma depressão no solo arenoso onde descansaria seu quadril, caiu em um sono profundo.

Os primeiros raios de luz chegaram com um tremendo inconveniente

Ele se ergueu num único impulso, e pôs-se em pé, envergonhado olhou em volta. Neste momento, o velho ermitão entrava caminhando incertamente para dentro da caverna.

"Oh, venerável - exclamou o jovem monge nervosamente - eu dormi a mais da conta e não me lembrei dos ofícios noturnos!" Então ele se deu plenamente conta de onde ele estava.

. "Não temais, jovem amigo - riu o eremita -. Aqui não há ofícios. O homem, uma vez desenvolvido, terá ofícios dentro de sua própria alma, em toda parte e sempre, sem que tenha que ser reduzido a um rebanho de iaques, que não têm uma mente. Mas faz o teu tsampa (*) e come; porque hoje eu tenho que lhe dizer muitas coisas, e você tem que lembrar-se de todas elas." Com estas palavras, o homem santo, liderou o dia emergente.

Uma hora depois, o jovem estava sentado em frente ao ancião ouvindo esse relato, tão emocionante como estranho. Uma história que englobou todas as religiões, histórias sobrenaturais e lendas do mundo. Uma história que havia sido reprimida por todos os sacerdotes sedentos de poder e os "cientistas" a partir dos primeiros tempos tribais.

A luz solar filtrada pela folhagem da boca da caverna e deu brilho às fibras metálicas das rochas. O ar ligeiramente quente, e uma leve neblina pairavam sobre o lago. Alguns pardais se batiam ruidosamente, preparando-se para a sua tarefa sem fim de procurar comida suficiente.

No alto, um urubu ficou sozinho, apoiado por uma corrente ascendente do ar, subindo e descendo com asas estendidas, imóveis enquanto que com os olhos aguçados procurava no solo desnudo algum corpo morto ou moribundo.

(*) água fervida com a farinha torrada.

Convencido que não havia nada a seu favor, foi a outros céus com um grito e saiu em busca de melhor fortuna.

O velho eremita estava sentado ereto e imóvel, com a sua figura esquálida mal coberta pelos restos de sua túnica dourada. "Dourada", já não era, mas sim descolorida pelo sol e se transformou em umas tiras de trapo amarelo, onde as pregas foram reduzidas em partes branqueadas pela luz solar.

A pele era enrugada em suas bochechas magras, e com a cor de cera, branquíssima comum entre pessoas privadas da visão.

Ele estava descalço e os objetos de sua propriedade eram limitados a umas poucas coisas: uma tigela, um moinho de orações, e apenas uma mudança de roupa, assim desbotada e manchada como a que ele estava vestindo. Nada mais, absolutamente nada mais no mundo.

Sentado na frente do eremita, o jovem monge meditando.

Quanto maior espiritualidade de um homem, menor são seus bens terrenos.

Os abades grandes, com seus hábitos de ouro, sua riqueza e abundância de alimentos, eles sempre estavam em luta para alcançar o poder político e viviam para o momento presente, ainda que reverenciassem dos lábios para fora as Escrituras.

"Jovem amigo" começou a voz anciã. "Meus dias se aproximam da sua conclusão. Tenho que transmitir-te o conhecimento que tenho; após o que, meu espírito estará livre para ir para aos Campos Celestiais. Você, por sua

vez, deve transmitir esse conhecimento a outros. Ouça, então, e armazena tudo o que diz em sua memória sem falhas."

"Aprende isto, estuda aquilo! A vida agora é nada, mas do que trabalho incessante", pensei.

Mas o ermitão continuou: "Você sabe como me trataram os chineses, como eu estava vagando pelo deserto e eu terminei aonde me aconteceu um grande prodígio. Um milagre, porque um instinto secreto me levou até as portas do Santuário da Sabedoria".

Quero dizer a você. "Minha sabedoria será sua, como foi mostrado a mim, porque, apesar de estar privado da visão, eu vi tudo."

O jovem monge assentiu com a cabeça, esquecendo que o ancião, não podia lhe ver, então, percebendo, ele disse:

"Eu estou ouvindo, ao Venerável Mestre, e eu estou qualificado por meu treinamento para se lembrar de tudo."

Embora dizendo estas palavras, ele fez uma reverência e sentou-se, aguardando um tempo. O ancião sorriu e continuou sua história:

"A primeira recordação é que eu estava confortavelmente deitado em uma cama macia. Naturalmente, eu era jovem, então, como você é, e acreditava que ele havia sido transportado para os Campos Celestiais. Mas ela não podia ver e eu pensei que se o lugar onde eu estava era o outro lado da vida teria recuperado minha vista. Então eu continuava lá deitado e esperando.

Depois de um longo tempo, alguns passos muito silenciosos se aproximaram e pararam ao meu lado. Eu ainda estava imóvel não sabendo o que esperar".

"Ah", exclamou uma voz que parecia ser um pouco diferente da nossa.

"Ah, eu vejo que recuperou a consciência. Você está bem?".

Que pergunta mais idiota, pensei para mim mesmo. Como posso encontrar-me bem, se eu estou morrendo de fome?

Era certo? Eu realmente não sentia fome. Encontrava-me bem, muito bem.

Cautelosamente, movi meus dedos, senti meus braços, sem um traço algum de agulhadas. Eu tinha me recuperado e eu me senti normal, exceto que ele não tinha olhos.

"Sim, sim, sinto-me bem, obrigado pela pergunta", eu respondi. A voz disse em seguida: "Gostaríamos de restaurar sua visão, mas tinham lhe tirado os olhos e não foi possível. Descanse um pouco e falaremos logo com você em detalhes".

Descansei, não tinha outra opção. Logo eu estava dormindo de novo.

Quanto dormi, eu não sei, mas um doce som de sinos, casualmente, manteve-me acordado; doce toque e, aliás, mais agradável do que os mais antigos sinos de prata, mais sonoro que o som das trombetas ao longo do templo.

Sentei-me e olhei ao redor, como se pudesse forçar a vista das minhas órbitas sem olhos. Um braço deslizou amigável muito próximo de minhas costas, e uma voz me disse: "Levanta-te e siga-me. Vou levar-te".

O jovem religioso permanecia sentado e experimentava uma estranha sensação, pensando que nunca tinham lhe ocorrido aventuras semelhantes; ignorando que seu dia chegaria.

"Eu peço, continua, Venerável Mestre.", exclamou.

O velho mestre sorriu satisfeito com o interesse que mostrava o jovem.

"Ele me levou para um quarto espaçoso, aparentemente repleto de gente, ouvi o som de suas respirações e pelo atrito de suas vestes. Meu guia disse-me, "Sente", e um estranho engenho foi empurrado para mim. Esperando sentar-me no chão, como todas as pessoas educadas, eu quase caí ao choque com este artefato".

O velho ermitão fez uma pausa e uma risada seca escapou de sua boca para relatar a última cena. "Sentei-me com muito cuidado - continuou - e eu achei que o objeto era macio, mas também sólido. Sentia que eu estava apoiado em quatro pernas e pela parte de trás havia uma coisa que eu podia apoiar minhas costas. De momento, pensei que me acharam muito débil para sentar-me sem qualquer proteção, então eu percebi de surpresa e diversão entre os presentes, e que, aparentemente, essa era a maneira de sentarem-se todas aquelas pessoas e, sinceramente, eu estava pendurado tristemente a aquela plataforma acolchoada."

O jovem monge tentou imaginar o que poderia ser uma plataforma para sentar-se. Porque existiam semelhantes objetos? Por que tem que inventar coisas inúteis? Não, ele decidiu, o solo era suficiente para ele, sem riscos de cair. E quem é tão fraco que ele precisa ter as costas apoiadas?

Mas o velho estava falando mais uma vez - seus pulmões eram resistentes - ao jovem monge.

A tão estranha da nossa voz continuou – "Estabelecemos contato com você e esclareceremos quem somos e por que você se sente tão bem. Sente-se com todo o conforto, porque temos a dizer-lhe muitas coisas ".

"Ilustres senhores", eu disse me desculpando. "Estou cego, eu fui privado de minha vista e me diz que tem muito a dizer e para me mostrar. Como pode ser isto?"

"Tranqüiliza-te - disse a voz - porque tudo vai ficar claro para você, com o tempo e paciência."

As partes de trás das minhas pernas começaram a doer-me, pendurado naquela posição estranha, de modo que as encolhi, tentando me manter na posição de lótus sobre a pequena plataforma de madeira sobre quatro pés e suportei com aquele incômodo nas costas.

Então, sentia mais a minhas ancas, apesar de que, por não ver, poderia perder o equilíbrio, sem querer.

"Nós somos os jardineiros da Terra," a voz continuou. "Viajamos pelos universos, colocando os seres humanos e animais por mundos diferentes. Vocês, os filhos da Terra, possuem lendas sobre nós, nos chamando de deuses celestiais, falando sobre nossas carruagens de fogo. Agora lhe daremos uma informação relativa à origem da vida na Terra, assim que possa você passará o seu conhecimento para o outro que virá depois e escreverá sobre essas coisas ao mundo, porque é hora que as pessoas conheçam a verdade sobre seus deuses, antes que comece o Segundo Período".

"Há certa confusão", exclamei em desânimo. "Não sou mais que um pobre monge que veio a esta fase sem saber como".

"Nós, com nosso conhecimento, o orientaremos - murmurou a voz - escolhemos você pela sua memória extraordinária, que ainda iremos reforçar. Sabemos tudo sobre você. É por isso que te trouxemos a nós."

Fora da caverna, a luz, agora brilhante, do dia, a nota do canto de um pássaro se elevou aguda e penetrante como um alarme. O grito de uma ave de rapina e o pássaro fugiu daqueles lugares precipitadamente. O velho ermitão levantou a cabeça de um momento, dizendo: "Não é nada, provavelmente um pássaro voando em altitude, lançou um ataque".

O jovem monge encontrava-se tão entretido com a história de antigamente, que não era difícil de visualizá-la. Na ponta do lago, salgueiros balançando preguiçosamente perturbados apenas pelas brisas que agitavam suas folhas e os faziam protestar contra a invasão de seu descanso. Agora, os primeiros raios de sol tinham deixado a entrada da caverna e nela reinava o frio, com a luz tingida com a cor verde claro. O velho eremita se estremeceu ligeiramente, cobriu-se melhor com as suas simples vestes e continuou:

.

"Eu estava com medo, muito medo. O que eu sei sobre esses Jardineiros da Terra? Eu não era um jardineiro. Não sabia nada sobre Eles, nem sobre plantas, muito menos de universos. Eles não precisavam chamar-me até lá."

Ao pensar sobre essas coisas, coloquei meus pés na de ponta de meu assento e me levantei. Mãos carinhosas, mas firmes, me fizeram sentar-me naquela estranha forma, com meus pés apoiados e meu descanso para as costas em alguma coisa que ficava atrás de mim.
"A planta não deve emitir ordens para o jardineiro", murmurou uma voz. "Te trouxemos até aqui, e aqui você tem que aprender."

"Em volta de mim, enquanto eu me sentei para trás, atordoado, mas também irritado, começou uma grande discussão em uma língua desconhecida para mim. Vozes. Vozes. Outras profundas, ressonantes, como touros e iaques em períodos de acasalamento, berrando por toda a paisagem. Quem quer que fossem, eu pensei, não augura nada de bom para mim, uma pessoa rebelde, em cativeiro involuntário.
Ouvi com medo e incerteza todo o tempo que levou a discussão para mim incompreensível.
Aqueles assobios e trovões como estridentes trombetas em um desfiladeiro. Que pessoas eram aquelas? Pensei, o que pode representar esta multiplicidade de tons e supertons em gargantas humanas?

Onde eu estava? Talvez eu estivesse em mãos piores do que quando fui preso pelos chineses. Oh, ter os olhos! Olhos para ver o que eu já estava proibido. Talvez fosse o mistério desvanecer-se, à luz do olhar? Mas, como eu entendi, então o mistério viria a ser mais profundo. Permaneci sentado, cheio de apreensão e muito assustado.

A tortura que tivera experimentado nas mãos dos chineses tinha me debilitado, fazendo-me temer que não pudesse suportar, de nenhuma maneira. Teria sido melhor se os Nove Dragões chegassem e consumissem-me de uma vez que do que eu ter que suportar a obra do Desconhecido. Então permaneci sentado, como não havia nada a fazer.

“Muito me fizeram temer pela minha segurança. Tivesse olhos para ver, tinha feito um esforço desesperado para fugir, mas aquele que não os tem é especificamente sem esperanças, à mercê de tudo. A pedra foi lançada, a porta trancada, as ameaças que eu tive, mais crescentes me apresentavam, ameaçadoras, opressoras, e sempre temerosas. O ruído crescendo. Os gritos gritando mais alto como um rugido de touros em batalha.. Temia golpes violentos sobre a minha pessoa, através de minha escuridão eterna. Peguei fortemente a lateral de meu assento, mas o soltei em seguida, pensando que um golpe poderia deixar-me sem sentidos, mas se não tivesse resistência o choque seria suave.

"Não temais", disse a voz, agora familiar para mim. "Este é unicamente uma reunião do Conselho. Nenhum dano pode acontecer para você. Precisamente, estamos discutindo a melhor maneira de instruir-te."

“Grande Senhor", eu respondi um pouco confuso. "Estou surpreendido com a verdade, ao ouvir a grande variedade que suas vozes sejam assemelhando-se aos pastores de iaques mais humildes, nas montanhas”.

Um divertido rumor de risadas celebrou meu comentário. Meu auditório, ao que parecia, não estava chateado pela minha louca franqueza.

"Lembre-se sempre", respondeu o jardineiro. "Não importa o quanto que se levante a voz, há sempre uma discussão, uma discrepância. Sempre uma opinião que diverge do que os outros dizem. Todo mundo tem que discutir argumentar e inevitavelmente realizar sua própria opinião, pois ninguém quer ser um mero escravo, um autômato, sempre pronto a aceitar os ditames de outro. É preciso discutir, raciocinar. A livre discussão sempre se interpreta pelo observador incomprensivo como prelúdio de una violência física."

. "Ele tocou meus ombros, tranqüilizou-me e continuou: "Temos pessoas aqui não só de raças diferentes, mas de vários mundos. Alguns são de nossa galáxia. Outros vêm de galáxias mais distantes. Alguns deles lhe pareceriam pequenos anãos, ao passo que outros são verdadeiros gigantes, seis vezes superiores aos que são dotados com alturas inferiores ".

Escutava seus passos ao deixar-me para se juntar ao outro grupo.

"Outras galáxias" O que significa tudo isso? Gigantes, como eram aqueles que tinham ouvido falar em histórias maravilhosas. Anões, similares

aos que se viam às vezes em comédias. Eu balancei a cabeça, tudo o que estava além de minha compreensão.

A voz me disse que não iria sofrer nenhum dano, tratava-se apenas uma discussão. Mas nem mesmo os comerciantes indianos que passavam pela cidade de Lhasa montavam tal ruído, e as vozes alardeando.

Decidi permanecer sentado e aguardar no que iria parar aquilo tudo. Afinal, eu não podia fazer nada!"

Dentro da caverna do monge ermitão o jovem permanecia absorto, ao ouvir a história embutida de estranhos seres. Mas não era tanto para que não percebesse o de suas entranhas. Comida, comida urgente, já pediu completamente. O velho eremita, de repente parou de sua história e murmurou: "Sim, precisa de um café da manhã. Prepare a sua comida. Voltarei logo".

Dizendo estas palavras, levantou-se e caminhou lentamente até o seu aposento. O jovem monge foi rápido para ir ao ar livre. Em alguns instantes estava contemplando a paisagem, seguido de um vento à margem do lago, onde a areia fina colorida, brilhava convidativa. De suas roupas puxou a tigela de madeira e lavou-a em água. Tomando un pequeno saco cheio de cevada, que carregava dentro de seus hábitos, tomou um pequeno punhado na tigela e em seguida, encheu de água do lago o oco de sua mão. Dentro da tigela foi amassando a pasta formada, e com dois dedos da mão direita, assim sem nenhuma colher, deste prato se serviu, devagar e sem entusiasmo.

Quando ele terminou de comer, lavou a tigela em água do lago e, em seguida, tomou um punhado de areia e esfregou vigorosamente por dentro e por fora e, ainda molhada, colocou-a no dentro do seu hábito.

Então ele se ajoelhou e segurou a barra de seu manto e reuniu areia até que não agüentasse mais. Levantando-se, voltou à caverna.

Uma vez ele a deixou a areia no chão e imediatamente saiu em busca de um ramo caído que tivesse alguns pequenos brotos.
Voltando à caverna, varreu a areia compacta antes de lançar uma camada de areia que acabara de trazer. Com uma camada não foi suficiente, apenas depois de colocar sete delas estava satisfeito, pois não poderia sentar-se, com uma consciência clara sobre o seu cobertor de lã de yaque.

Ele não possui pratos à moda de todo o país. Seu hábito desbotado era todo o seu conforto, todos os seus ornamentos. Roído e desgastado, em alguns pedaços quase havia transparência, não protegia contra ventos frios. Ele não tinha nenhum sapato ou roupa interior.

Nada mais do que este manto solitário, quando se envolvia pela noite gelada, quando enrolado na folha. Como utensílio, unicamente contava só com uma tigela, um pequeno saco de cevada e uma velha e inoperante Caixa Mágica, que se conservava desde tempos longínquos que substituíam uns aos outros, que se manteve unicamente como um talismã.

Ele não tinha qualquer roda de oração. Isto era para os mais ricos. Ele tinha raspado a cabeça e apontou para as Marcas da Virilidade, queimaduras que testemunhavam que havia suportado as velas queimando incenso em sua cabeça para testemunhar a sua capacidade de meditação e sentir-se imune a dor e ao cheiro de carne queimada. Agora, havia sido eleito para uma missão especial, tinha viajado até a caverna do eremita. Mas, agora, o dia tinha caminhado, com as sombras cada vez mais extensas e refrigeração progressiva do ar.

Ele se sentou e esperou a aparecer o eremita.

Depois de uma curta espera, ouviram-se passos arrastados, o bater da vara longa e a dificuldade para respirar do velho.
O jovem monge olhou para ele com reverência renovada;
Quanta experiência teve! Muito sofrimento! Quão sábio lhe parecia!

O velho apareceu e sentou-se. Naquele mesmo instante, uma respiração e uma enorme e peluda criatura saltou para a entrada da caverna. O jovem se pôs de pé e estava disposto a procurar a morte protegendo o velho ermitão.

Agarrando dois punhados de terra do solo arenoso, estava prestes a lançar nos olhos o intruso, quando ele parou e se tranqüilizou a voz do recém-chegado.

"Saúde, saúde, eremita Santo", gritou como se se dirigindo a uma pessoa distante una milha. "Peço sua benção, vossa benção por essa noite, que acampamos a orla do lago. Aqui eu trouxe chá e cevada! Sua benção, eremita, sua benção!“

Movendo-se de um salto, mas não sem renovar o alarme o jovem monge, disparou na frente do eremita e se prostrou na areia que havia acabado de depositar.

"Chá, cevada, aqui, aceita-as. Trouxe dois sacos para que possa toma-los.” Saiu e trouxe dois sacos para colocar ante o eremita.

“Mercador, mercador – respondeu humildemente o eremita – está assustando a um ancião enfermo com sua violência”. Que a paz esteja convosco. Possam as bênçãos de Gautama reinar sobre vós e habitar dentro de vós. Que sua viagem seja rápida e seu negócio seja lucrativo

"E quem é você, galo jovem?", Gritou o comerciante.

“Ah, exclamou o bom homem, as minhas desculpas, reverendo padre, devido à escuridão da caverna não tinha visto que você é um dos de hábito."

"E o que notícias que nos traz o comerciante", perguntou o ermitão com sua voz seca e rachada.

"Novas?", Respondeu o comerciante, "O credor hindu foi espancado e roubado, quando foi aos que lhe deviam, voltou a ser espancado e roubado de novo, por ser atrevido com eles. O preço de iaques baixou, a manteiga subiu”.

As autoridades das fronteiras aumentaram suas taxas. O grande lama viajou ao Palácio de Jóias. Oh, eremita santo, não há notícias. Esta noite acampamos ao lado do lago, e de manhã seguimos nossa jornada para Kalimpong. O clima é bom. Buda nos tem protegido e os demônios nos deixaram em paz.

E o senhor, talvez precise que lhe tragamos água ou areia seca para o solo de vossa cova, ou esse jovem monge pode procurar por vossas necessidades?

Então as sombras viajavam fazendo escura a noite, o eremita e o comerciante falavam e trocavam notícias de Lhasa, do Tibet, da Índia e mais longe, além dos Himalayas. Afinal o comerciante se pôs em pé e observou a escuridão crescente.

"Adeus, jovem monge santo! Não posso ir sozinho na escuridão, os demônios me atacariam. Podeis acompanhar-me até o acampamento? - implorou".

"Estou às ordens do Venerável Ermitão, disse o jovem monge, irei se ele me permitir. Meus hábitos me protegerão dos perigos da noite."
O velho eremita, risonho, lhe deu permissão.

O jovem monge magro abriu o caminho fora da caverna. O gigante enorme, o comerciante, fedendo a lã de iaque e pior, foi após o jovem lama. Na entrada ele estava prestes a ir de encontro a um ramo cheio de folhas. Ouvimos um grito e um pássaro assustado escapou da folhagem. Galhos. O comerciante deu um grito de terror e se jogou aos pés do jovem monge. "Ugh! Santo pai", suspirou o comerciante. "Eu pensei que os diabos haviam me prendido. Eu pensei que, embora não absolutamente convencido, que devesse devolver o dinheiro que peguei em empréstimo do agiota indiano. Você me salvou, dominando aos demônios. Acompanha-me até o acampamento e irei dar-lhe meio tijolo de chá e um saco cheio de tsampa".

A oferta era boa demais para perder, por isso o jovem monge colocou-se num cuidado especial, recitando as Orações dos Mortos, a Exortação aos Espíritos Inquietos e o Cântico dos Guardiões do Caminho. O ruído resultante - uma vez que o jovem monge não era nada músico - havia

espantado todas as criaturas que vagavam pela noite, onde quer que pudessem andar na terra. Eles chegaram, finalmente, para as fogueiras onde os parceiros estavam cantando e tocando instrumentos musicais, enquanto as mulheres torravam folhas de chá e jogavam-nas em um balde de água borbulhante. Um saco cheio de cevada foi colocado no caldeirão e uma velha com a mão como uma garra, extraiu de um saco cheio um monte de

manteiga de iaque. Então ele, outro e outro dentro do caldeirão, até que uma camada de gordura esticada estava a borbulhar a superfície.

O brilho das fogueiras era convidativo e a alegria era contagiosa. O jovem monge envolto decentemente e com calma sentou-se no chão. Uma velha, cujo nariz tocava o queixo, deu-lhe hospitaleiramente algo na mão, mas o monge, decentemente apresentou a tigela e um generoso tributo a ele chá e tsampa foram nele depositado. No ar leve da montanha, a água fervia, pelo menos, a cem graus Celsius - ou duzentos e doze Farenheith - mas era suportável para os lábios. A reunião passou agrada-velmente e rapidamente se estabeleceu uma procissão até as águas do lago, para que as vasilhas pudessem ser lavadas e esfregadas com areia fina da praia. Esta areia era uma das melhores da montanha e, muitas vezes continha partículas de ouro.

A reunião era alegre. As histórias dos comerciantes, a música e canções animaram a noite e a existência, bastante aborrecida, do jovem monge. Mas, enquanto isso, a lua subia cada vez mais, iluminando a paisagem desolada e desenhando sombras de uma firme realidade. Apa-garam-se as chispas das fogueiras e se apagaram as chamas. O monge levantou-se com relutância e com agradecimentos e reverência devidos aos dons do comerciante, que estava seguro de que o rapaz o tinha salvado da ruína.

Por último, carregado com pacotes pequenos, andou em torno do lago, rumo ao bosque de salgueiros onde havia a boca, tenebrosa e ameaçadora da caverna.

Page 18

Num momento, se deteve o jovem e olhou as estrelas, Acima, muito acima, próxima a Morada dos Deuses, uma chispa brilhante navegava silenciosamente pelos céus.

Será o carro dos Deuses, por acaso? O jovem monge se perguntou brevemente a si mesmo e logo entrou a cova.

Page 19

Capítulo Dois

O bramido dos iaques e os gritos agitados dos homens e das mulheres despertaram o jovem monge. Sonolento, se pôs em pé erguendo suas vestimentas e encaminhando-se a boca da caverna para não perder nenhum detalhe do espetáculo. Na beira do lago, alguns estavam ordenhando, outros tentando tirar os iaques que permaneciam dentro da água e não queriam

abandoná-la. Finalmente, perdendo a paciência, um jovem mercador se lançou à água, tropeçando em uma raiz submersa. Com os braços estendidos deu de cara contra a superfície, recebendo um forte golpe. Grossas gotas de água se levantaram e os iaques correram para a margem. O jovem mercador, coberto de um lodo pegajoso, encharcado comicamente, saiu do barro entre as gargalhadas de seus companheiros.

Rapidamente as tendas foram enroladas e os utensílios de cozinha, depois de haverem ser esfregados com areia, foram embrulhados e a caravana dos mercadores vagarosamente, ao monótono ranger de arreios e gritos daqueles que tentavam em vão encaminhar as fortes bestas de carga.

Tristemente, contemplava-os o jovem monge com as mãos a proteger-se do sol nascente. Tristemente ele estava de pé o tempo todo até que o ruído fosse perdido na distância.

"Oh! - Eu pensei - por que eu não era um comerciante a viajar para terras distantes? "Por que você gastar a sua vida a estudar coisas que mais ninguém parecia querer estudar?"

Eu teria gostado de ser um comerciante ou um barqueiro do Rio Feliz. Eu precisava passar de uma população para outra e ver coisas. Mal sabia que iria ver "lugares e coisas" até que seu corpo pedisse descanso e seu espírito ansiasse pela paz.

Sem saber que seu destino era vagar na superfície da Terra e sofrer incríveis tormentos. Naquele tempo, só precisava ser um comerciante ou um barqueiro, qualquer coisa, menos o que era.

Lentamente, a cabeça para baixo, pegou um galho do chão e voltou para a caverna, varrer o piso e espalhar areia nova.

O velho eremita estava entrando lentamente. Mesmo para os olhos inexperientes da juventude, decadente a olhos vistos. Ofegante, ele sentou e disse em voz rouca: "A minha hora está chegando, mas eu não posso sair sem transmitir-te minha sabedoria antes. Aqui há algumas gotas especiais de ervas que me foram dadas por meu Guia para tais casos, se eu desmaiar introduz seis gotas na minha boca e imediatamente voltarei a viver. Eu não estou autorizado a deixar o meu corpo até que ter cumprido a minha missão ".

Ele procurou suas vestes e entregou ao jovem uma garrafa pequena de pedra que o monge pegou com especial atenção. "Agora, vamos continuar", disse o velho. "Nós podemos comer quando eu me sentir cansado e também descansar. Agora escute bem e põe um cuidado especial para se lembrar. Não perca a sua atenção, porque essas coisas
são muito mais importantes do que a minha vida ea sua vida. É um saber que tem que ser preservado e transmitido até quando chega a plenitude dos tempos”.

Após um breve descanso, pareceu recuperar suas forças e uma cor rosa subiu para as suas bochechas. Sentindo-se mais restaurado, continuou: "Você se lembra que eu expliquei que tudo aconteceu a um certo tempo. Então, nós vamos continuar. A discussão continuou e foi, na minha opinião, muito acalorada. Mas chegou um momento em que terminou o debate. O ruído produziu o ruído de pés que se arrastavam, misturava vários passos, passos leves, como um pássaro salto sobre o
grama, alguns lentos como um iaque carregado pesadamente. Som de passos que me intrigavam profundamente porque alguns deles não pa- reciam vir de seres humanos como os que eu tinha conhecido. Mas minhas reflexões sobre as diferentes maneiras de caminhar terminou abruptamente. Outra mão agarrou o meu braço e uma voz ordenou: "Vem conosco." Outro agarrou a minha mão e me levou a um corredor que meus pés descalços sentiram como se fossem pavimentadas com o metal. A cegueira desenvolve os demais sentidos; notei que caminha- vamos ao largo de uma espécie de tubo metálico, se bem que me foi impossível imaginar do que se tratava concretamente”.

O velho parou para pensar que inesquecível experiência, então continuou: "Logo chegamos a uma área mais espaçosa, a julgar pelos ecos que sentia. Ali ouvia um som metálico, deslizando antes de mim, e um dos que me acompanhavam falou respeitosamente a um personagem que era obviamente superior. O que ele disse eu não poderia compreen-der, já que era uma linguagem composta por chiados e guinchos. Em resposta veio o que sem dúvida era uma ordem e eu fui empurrado para a frente enquanto uma matéria metálica foi fechada com um som atenuado por trás de mim. Fiquei ali sentindo que alguém estava me olhando com força. Ouvi ruídos como aos que se produziram quando eu havia me sentado, assim me pareceu. Então, uma mão fina e ossuda, pegou minha mão direita e me levou para a frente. "

O eremita fez uma pausa, sorrindo. "Você pode imaginar os meus sentimentos? Eu era um milagre vivo, não sabendo o que tinha na frente e tinha de cumprir de imediato o que me ordenavam. Meu companheiro, no final, falou na minha própria língua. "Sente-se", me ordenou quando me empurrava para me sentar. Abri a boca com medo, dos dois lados havia como um par de braços, provavelmente para não cair, se bem que não se adormecia por causa da estranha maciez. O homem que estava na frente, parecia divertir-se com a minha reação, eu diria que foi um mal disfarçado riso. Muitos parecem divertir-se a observar como pegam as coisas esses que não podem ver.

"Eu acho que você se sentir estranho e com medo", disse a voz da pessoa que eu estava na frente. Finalmente, veio o reconhecimento! "Não se assuste" - continuou a voz - por que você não receberá nenhum dano. “Os exames que fizemos de você nos mostraram que tem uma memória eidética, para que possamos comunicar-lhe a informação – que nunca irás esquecer - e mais tarde ele irá transmitir para o outro passará em seu caminho.”

Tudo aquilo me parecia misterioso e alarmante, visto que não me davam seguranças. Não disse nada, mas permaneci sem mover-me, aguardando novas explicações, que não tardaram a vir.

“Agora irás ver – continuou a voz -, a todo o passado, o nascimento de nosso mundo, a origem dos deuses e por que razões carros de fogo cruzam o firmamento e nos infundem temor.”

“Respeitável senhor – eu exclamei -, usais a palavra “ver”, mas meus olhos foram arrancados e estou completamente cego”.

Então eu ouvi uma exclamação de raiva reprimida e uma pouco áspera resposta: "Nós sabemos tudo o que diz mais do que você conhece a si mesmo. Seus olhos foram removidos, mas o nervo óptico permanece. Com a nossa ciência Conectaremos o nervo óptico e você verá o que eu precisava ver.”.

"Isso significa que eu vou ver o resto da minha vida?" Eu perguntei.
"Não, não pode ser”, ele respondeu. "Nós usaremos a sua pessoa para um propósito particular. Dar a você o dom da visão de forma permanen-te

deixaria este mundo com um conhecimento muito avançado para os nossos tempos e isso não é bom. Agora, chega de conversa, eu vou avisar a meus assistentes".

"Imediatamente, houve um respeitoso som como uma chamada a uma porta, seguida por um deslizar de um objeto de metal. Iniciou-se uma conversa, evidentemente, duas pessoas haviam entrado. Percebi que minha cadeira estava se movendo e tentei escalar, mas com horror, eu me sentia imobilizado. Eu não conseguia mover um único dedo. Com plena consciência da minha parte, senti-me movido de um lado para o outro, sobre esta cadeira estranha. Seguíamos por corredores, cujos ecos me davam sensações estranhas. Depois de uma curva um, curiosos cheiros assaltaram as janelas debaixo do meu nariz. Paramos a uma ordem de comando, apenas sussurrada, e as mãos agarrou-me pelas pernas e axilas. Com facilidade, fui transferido, acima, e em seguida, para baixo. Eu estava assustado, mais precisamente, apavorado. Terror aumentado quando meu braço direito foi envolvido por uma atadura espessa logo acima de meu cotovelo.

A opressão cresceu até que eu senti como se inchasse meu antebraço. Depois veio um furo no meu tornozelo esquerdo e uma sensação estranha como se algo tivesse se infiltrado em mim. Outro dispositivo, a um comando de voz, foi aplicado em minhas têmporas e em seguida, senti como se dois discos de gelo naquela parte do meu corpo. Houve um ruído como o zumbido de abelhas na distância, e senti que a minha consciência me deixou. "Centelhas brilhantes a piscar, a piscar na minha visão. Faixas verdes, vermelhas, roxas e de todas as cores. Cores!" Então exclamei: "Não vejo nada, eu devo estar na Terra dos diabos e devem estar se preparando para me atormentar."

Uma acentuada e dolorosa agulhada - como um alfinete - aumentou o meu terror. Eu não agüentaria mais! Uma voz falou-me na minha língua: "Não se preocupe, não quero te machucar, vamos consertar as coisas assim você poderá ver. Qual cor você vê agora?" Então, eu esqueci os meus medos e eu estava explicando, quando eu vi vermelho, verde e outras cores. Então, deu um grito de surpresa. Eu podia ver, mas tudo o que vi foi tão estranho para mim que não conseguia entender nada. "Quem pode descrever o indescritível? Como você pode explicar uma cena para outra pessoa, se inexistem naquela língua, palavras adequadas ou conceitos aplicáveis?" Só posso dizer que ele viu? Aqui no Tibet, estamos bem equipados, com palavras e frases apropriadas para os deuses e demônios, mas quando se trata

de obras dos deuses e demônios, eu não sei o que se vê, não o que se deve fazer ou descrever. Eu só podia dizer que eu via. Mas a minha visão, mas não foi localizada no meu corpo e eu podia ver a mim mesmo. Foi uma experiência perturbadora, que não queria experimentar novamente. Mas deixe-me explicar a ordem, desde o início.

"Uma das vozes me perguntou se eu vi o vermelho, quando vi o verde, quando as outras cores, e então começou a experiência impressionante, com essa maravilhosa luz branca que eu descobri que eu estava vendo - é a palavra mais adequada – uma cena bem diferente de tudo quanto havia visto antes."

Page 24

Estava encostado, meio deitado, meio sentado, apoiado sobre o que parecia ser uma plataforma metálica. Parecia que ela estava apoiada em um pilar solitário, e tinha medo de que toda a estrutura viesse a cair a qualquer momento, e eu junto com ela. Toda a atmosfera do conjunto era de uma limpeza nunca vista. As paredes, feitas de material brilhante, não apresentavam nenhuma mancha, eram de um tom esverdeado, muito agradável e suave para os olhos. Nessa sala estranha, que era como um imenso salão, na minha idéia de proporções, se viam peças de máquinas que não posso explicar, porque não há palavras para descrever a sua raridade.

"Mas as pessoas que estavam nesta sala me deixaram surpreso e me assustaram ao ponto que eu estava a ponto de proferir gritos de alarme e eu pensei que era algum truque de perspectiva. Havia um homem ao lado de uma máquina. Seu tamanho seria duas vezes o de um homem chamado Bom Moço. Media cerca de quatro metros de altura e sua cabeça tinha uma forma cônica, terminando em ponta como o mais agudo de um ovo. Não se via nenhum e era enorme. Ele parecia estar vestido com um pano verde que pendia do pescoço aos tornozelos, extraordinários, e cobria os braços até os pulsos. Fiquei horrorizado ao ver que ele usava uma máscara que cobria suas mãos. Eu pensei que poderia ter significado religioso ou que eu era considerado impuro e tinha algo a esconder".

"Meus olhos se distanciaram deste gigante, haviam mais dois que pela sua figura, eu pensei que eles deviam ser mulheres. Um deles tinha o cabelo encaracolado preto, enquanto o outro tinha o branco e liso. Mas devido a minha falta de experiência sobre o sexo feminino, deixei os
detalhes à parte, pois não interessavam" As duas mulheres olharam para mim e, em seguida, uma delas acenou com a mão em uma direção que eu não tinha notado. Lá eu vi uma pessoa extraordinária, um anão, um

gnomo, uma figura pequena, cujo corpo foi comparável a um menino de aproximadamente cinco anos, como eu pensava, mas a cabeça é que era Habitantes da Mongólia, homens de Khan.

enorme, um crânio enorme como uma abóbada, sem cabelo nenhum, nenhum vestígio se via em todo o personagem. As bochechas eram pequenas, muito pequenas, e os lábios não eram como nós os temos, mas mais pareciam um buraco triangular. O nariz era pequeno, não mais que a protuberância de um beliscão. Era claramente a pessoa mais importante de todas, já que os outros o olhavam com atitude reverente, voltados para ele. Mas então, a mulher moveu a mão dela novamente, e a voz de uma pessoa a quem eu não tinha prestado atenção antes, me falou na minha própria linguagem, dizendo:

"Olhe na frente de seus olhos, você vê alguma coisa?" Com isso o meu interlocutor foi apresentado à minha visão. Parecia o mais normal, a meus olhos. Parecia - quero dizer vestido como se apresentava - talvez um comerciante indiano, assim você pode imaginar o que era normal. Ele caminhou em minha direção e me apontou para uma substância brilhante. Eu olhei na direção dele (acho que sim, mas meus olhos estavam fora do meu corpo). Eu não tinha os olhos. Onde, na verdade, teria colocado o objeto que eu via? E quando eu olhei na pequena plataforma que estava unida ao banco estranho de metal onde eu havia me encostado, eu vi a forma de uma caixa. Eu estava pensando como eu poderia ver esse objeto, se era um meio pelo qual eu estava vendo, quando me ocorreu que o objeto na frente, o material brilhante era uma espécie de refletor, então, o ser mais normal moveu ligeiramente o refletor, alterou o seu ângulo de incidência e, em seguida, gritei de horror e de consternação, ao me ver, deitado sobre a plataforma. Eu tinha me visto antes de me arrancarem os olhos. De vez em quando tinha alcançado a beira da água para beber e tinha visto meu reflexo na calma correnteza, para que eu pudesse me reconhecer. Mas agora, nesta superfície sobre a qual se refletia, eu vi um rosto magro que parecia à beira da morte. Usava uma bandagem no braço e outra no tornozelo. Estranhos tubos saíam daquelas bandagens e iam não sei para onde.

"Mas a cabeça! A cabeça! Apenas com a lembrança voltou a minha agitação. Na minha cabeça, exatamente de minha testa, surgia uma grande quantidade de peças de metal que parecia emergir de dentro. As cordas de metal foram parar, quase todos, para a caixa que eu tinha visto na pequena plataforma ao meu lado. Eu pensei que era uma extensão do meu nervo óptico que conduzia à câmara escura, mas sua visão me deu um horror crescente e eu queria tirar todas essas coisas de mim mesmo, mas eu percebi que não conseguia mover um único dedo. Só eu poderia estar ali a olhar para as coisas estranhas que me aconteciam."

"O homem-normal estendeu a mão para a câmera escura e se me tivesse sido autorizado a mover-me teria reagido fortemente. Eu pensei que introduzia os dedos nos meus olhos - a ilusão era tão completa! - Mas, mas, em vez disso, mudou o local caixa um pouco e depois eu tive outras perspectivas. Eu podia ver a parte de trás da plataforma onde eu estava. Eu podia ver outras pessoas. Pessoas! Sua aparência era completamente normal: um era branco, um amarelo, como um mongol. Eles estavam olhando para mim sem pestanejar, sem me notar. Eles pareciam um pouco chateados por tudo isso, e lembro-me de pensar que se estivessem no meu lugar não teriam se sentido cansados."

A voz era ouvida de novo, dizendo: "Bem, por um breve tempo, esta é a sua visão. Esses tubos alimentam-no de imagem, outros tubos é que sustentam você e atendem a outras funções. Por agora, você não pode mover-se, porque tememos muito que poderia, em seu nervosismo, se machucar. É para sua própria proteção, que se encontra imobilizado. Mas não tenho medo, nada de ruim tem que acontecer com você. Quando tivermos terminado a nossa tarefa, você poderá retornar para outra parte do Tibete com a sua saúde restaurada, e sentir-se normal, exceto no que diz respeito a sua visão, porque continuará privado dos seus olhos.

Entendeu que não poderás caminhar levando esta câmara escura"
Então saiu rapidamente em minha direção e se retirou para trás, fora do campo de minha visão.

"As pessoas se moviam por ali, examinando vários objetos, parecidos com pequenas janelas, cobertas com cristais finíssimos, mas atrás dos cristais não parecia haver nada importante, exceto uma

pequena agulha que se movia e assinalava estranhas marcas. Tudo aquilo para mim, sem sentido algum. Olhei todo o conjunto com minha vista, mas estava tudo fora de minha compreensão e deixei de prestar atenção a tudo aquilo, que se encontrava muito longe de minha compreensão."

Passou um tempo, e eu me encontrava encostado, nem descansado nem cansado, como em êxtase, mas sem qualquer sentimento. Certamente não sofria nem sentia inquietude alguma. Parecia-me experimentar uma troca sutil na composição química de meu corpo, e na borda do campo visual da câmara escura vi um indivíduo que dava a volta em chaves que saíam de uma série de tubos de vidro fixos em uma armação de metal. A medida que o indivíduo em questão dava voltas nesta chaves, atrás das janelinhas de cristal se marcavam diferentes pontos. O personagem mais pequeno, o mesmo que eu havia tomado por um anão, mas que, pelo visto, era um dos chefes, disse algumas palavras. Então, dentro de meu campo visual entrou um personagem que me falou em minha própria língua, e me disse que naquele momento iria me colocar num estado de sono, a fim de que eu me restaurasse, e então, uma vez que eu tivesse me alimentado e restaurado o sono, me explicariam o que deveria ser explicado.

Apenas acabou sua fala, recobrei minha consciência, como havia se interrompido. Mais tarde, compreendi que as coisas efetivamente aconteciam assim, tinham um instrumental instantâneo e inofensivo, que fazia sumir a consciência com o apertar de um dedo.

Page 28

"Quanto dormi, não tenho a menor idéia, nem meios para sabê-lo; Pode ser tanto uma hora quanto um dia inteiro. Meu despertar foi tão instantâneo quanto meu adormecer anterior; por um instante estive inconsciente, mas num instante estava completamente desperto. Infelizmente, meu novo sentido da visão não funcionava. Era cego como antes.
Raros sons me assaltavam – o "cling" de metal contra metal, o vibrar do vidro – logo, uns passos rápidos se aproximando. Chegaram-me aos ouvidos o ruído de um deslizar metálico e tudo permaneceu em silêncio por alguns momentos. Eu estava ali, encostado, maravilhando-me dos estranhos acontecimentos que haviam trazido um transtorno semelhante à minha vida. Dentro do momento que o temor e a ansiedade brotavam intensamente em mim, chegou algo que reteve minha atenção.

"Uns passos como de pés calçados com chinelas, breves e destacados, me chegaram aos ouvidos. Eram duas pessoas, acompanhadas por um ruído distante de vozes. O ruído foi crescendo e chegou a meus

aposentos. De novo, aquele deslizar de um corpo metálico, e os dois seres femininos – porque assim achei que eram – aproximaram-se falando em seus chiados agudos e nervosos. Falavam as duas ao mesmo tempo, assim me parecia. Se detiveram, cada uma de um lado meu e, horror dos horrores, me desnudaram de minha capa - única cobertura de meu corpo – Nada pude fazer para remedia-lo. Não tinha forças, nem podia mover-me. Me encontrava em poder daquelas mulheres desconhecidas. Eu, um monge, que nada sabia de mulheres – que não tenho inconveniente algum em confessa-lo – sentia horror das mulheres."

O velho eremita se calou. O jovem monge o contemplava, pensando com horror na terrível afronta representada por esse evento. Na testa do eremita, um tênue brilho de suor humedecia a pele bronzeada, como se revivesse aqueles instantes horríveis. Com as mãos trêmulas, agarrou sua cuia, cheia de água. Bebeu uns poucos goles e a depositou com todo o cuidado atrás de sua pessoa.

Mas algo pior aconteceu logo – prosseguiu com voz vacilante – Aquelas mulheres jovens apoiaram sobre um dos flancos de meu corpo e, por força, introduziram um tubo dentro de uma parte não mencionável de meu corpo. Me entrou aquele líquido e pensei que iria estourar.

Page 29

A vergonha me proíbe de contar tudo que ocorreu por obra daquelas mulheres. Mas aquilo era só o começo: lavaram meu corpo desnudo de cima abaixo e mostraram a mais vergonhosa familiariedade com as partes privadas de meus órgãos masculinos. Me ruborizei dos pés a cabeça e me senti coberto da maior confusão. Varas pontudas de metal foram introduzidas em meu corpo e o tubo, que segurava o agulheiro de meu nariz foi retirado e outro foi colocado forçosamente.

. Então, me foi colocada uma folha que me cobria da cabeça aos pés. Mas ainda não tinham acabado; em seguida, sofri uma dolorosa depilação em meu crânio e várias coisas inexplicáveis aconteceram até que me aplicaram uma substância pegajosa e muito irritante na parte raspada. Todo o tempo, as duas meninas estavam conversando e brincando como se o diabo lhes tivesse chupado os cérebros.

"Depois de um longo tempo, ouvi novamente a porta de metal deslizante e passos mais pesados se aproximaram, enquanto que a animação daquelas mulheres foi interrompida. A voz que falava a minha língua me disse suavemente: "Como está você?"

"Terrivelmente ruim!" Eu respondi bruscamente. "Suas mulheres me deixaram nu e abusaram do meu corpo de forma incrível." Responda-me,

pareciam se divertir muito. Dito com toda minha sinceridade, ele morreu de rir vendo que eu não fiz nada para esconder as minhas reacções.

"Era-nos essencial para lavar-te - disse - você deve ter seu corpo limpo de escórias e nós também temos de fazer o mesmo com o equipamento que lhe aplicamos. Portanto, vários tubos e ligações eléctricas devem ser substituídos por outros esterilizados. A incisão em seu crânio tem de ser inspeccionada e posta em condições novamente. Você apenas tem que ter algumas leves cicatrizes quando sair daqui."

O velho ermitão abaixou a cabeça na direção do jovem monge. "Olha – lhe disse – aqui na minha cabeça há cinco sinais." O jovem monge se pôs em pé e contemplou com profundo interesse o crânio do eremita. Os sinais estavam ali, cada um com dois dedos de largura e uma depressão de cor branquíssima.

Que temeroso - pensou o jovem monge - seria um experimento similar, dirigido por mulheres!

Involuntariamente, ele sentou-se, como se temesse um ataque por um inimigo desconhecido.

O ermitão continuou: "Não me senti calmo pelas palavras do recém-chegado, então perguntei: "Mas eu era manipulado por mulheres? Nenhum homem, sem um tratamento desta natureza era imperativo?".

"O que me mantinha cativo - porque assim eu acreditava - riu de novo e respondeu: "Caro amigo, não seja tão bobamente pudico. Seu corpo nu - como é - não significa nada para elas. Aqui vamos todos nus a maior parte do tempo, na nossa hora de vigília. Nosso corpo é o templo do Eu-superior e é absolutamente puro. Aqueles que se sente vergonha é que têm pensamentos que podem perturbá-los. No que diz respeito as mulheres que cuidam de você, são enfermeiras e são instruídos neste trabalho.

"Mas eu não posso mover-me, por quê? - perguntei - e por que não posso ver? Isso é tortura!"

" Você não pode mover-se - disse ele -, porque você pode tirar os eletrodos e causar-te danos, ou ao equipamento que está ao seu redor. Nós não permitimos que você se acostumar a ver, porque quando você sair, você vai ser cego, e quanto mais se utilizar do sentido da visão, esquecerás o sentido do tato, que os cegos desenvolvem. Seria um tormento para você se o deixássemos na luz até você sair, porque então você se sentiria impotente. Você está aqui não por prazer, mas para ver e ouvir e ser o repositório do conhecimento, já que outro tem que vir e adquirir de você esta sabedoria. Normalmente, esse conhecimento tem de ser escrito, mas temos medo de desencadear outra fúria de "Livros Sagrados", ou expressões similares. Sobre o saber que você agora absorve e, em seguida, será transmitido, será escrito sobre

ele. Enquanto isso, não esqueças que você está aqui, não para os seus propósitos, mas para os nossos".

Na caverna, reinava o silêncio, o velho ermitão fez uma pausa antes de continuar. "Deixem-me descansar agora. Preciso descansar por um tempo. Você pode trazer água e limpar a caverna. Precisa moer a cevada".

"Tenho que limpar o interior da sua cova, reverendo pai?", perguntou o jovem monge.

“Não, eu vou fazer isso sozinho, quando estiver descansado, mas traga um pouco de areia para mim, e deixe-a neste lugar”. Assim dizendo, ele procurou sem pressa em um pequeno canto das paredes de pedra. Tsampa, tsampa. "Ter apenas comido tsampa e só tsampa por mais de oitenta anos - disse, com alguma animação - Sinto-me como que tentado a provar outros pratos, agora que eu estou quase a ponto de não precisar de nada."

Ele balançou a cabeça branca e acrescentou: "Provavelmente o choque de um alimento diferente vai me matar." Depois disso, o velho homem entrou em seu quarto privado, que o jovem monge desconhecia.

O jovem monge trouxe um galho grosso pulou fora na entrada da caverna, e começou a riscar o chão. À força foi varrendo tudo, varreu o chão e distribuíu de forma a não obstruir a entrada. Carregado com material trazido do lago no colo de sua capa, espalhou a areia no chão e foi forçando. Com seis idas e vindas adicionais trouxe areia suficiente para o idoso anacoreta. Na extremidade interna da caverna havia uma pedra, cuja parte superior era lisa, como uma depressão formada pelas águas, muitos anos atrás. Dentro desta depressão colocou dois punhados de cevada. A pedra que estava próxima, pesada e redonda, foi certamente o instrumento adequado para o propósito. Levantando-a com algum esforço, o jovem monge foi surpreendido, pensando como era que um homem velho como o Eremita, cego e enfraquecido pelo jejum, poderia lidar com isso. Mas cevada - completamente tostada - devia ser moída.

Batendo com a pedra com um ruído estrondoso, lhe deu uma meia-volta e voltou a levantá-la para outro golpe. Monotonamente continuou amassando a cevada e dando meia-volta à pedra, moendo os grãos mais finos, recolhendo a farinha que havia se formado e colocando novos grãos.

Voltava para recolher da pedra a farinha fina que estava se formando e acrescentar grãos novos.

Tum! Tum! Tum! Por fim, com os braços e as costas doloridos, ficou satisfeito com o monte de moído. Logo, depois de haver polido a roca e a pedra com areia, para tirar qualquer resíduo de grão que por resultado tivesse aderido, pôs cuidadosamente a farinha na velha caixa que estava ali para esse propósito e se encaminhou, cansado, para a entrada da caverna.

A tarde, já avançada, ainda resplandecia e se aquecia ao sol. O jovem monge encostou-se numa pedra e virou sua tsampa pesarosa-mente com a ponta de um dedo para misturar. Em um ramo, um pássaro pousado nele com a cabeça inclinada, assistia a essas operações com nítida confiança. No lado das águas, um peixe de bom tamanho saltou, com a intenção coroada de êxito comer um inseto voando muito baixo. Perto dali, um roedor foi aplicar para as suas funções na base de uma árvore, completamente esquecido da presença do jovem monge. Uma nuvem escura era aquecida pela luz solar, e o rapaz entrou em um tremor súbito. Levantando-se de um salto, lavou sua tigela e esfregou-a com areia. O pássaro voou para longe com um grito de alarme e o roedor correu ao redor do tronco da árvore e montou guarda com os olhos arregalados e brilhantes.

Colocou a tigela dentro de suas túnica, o jovem monge correu de volta para a caverna. Na caverna estava o velho ermitão, mas não de pé, mas encostado a uma parede. "Gostaria de sentir o calor do fogo em mim - disse - porque eu não conseguia ativá-lo para mim em todos os sessenta ou mais anos passados. Quereis acender um fogo para mim, e assim os dois poderíamos sentar-nos à boca da caverna?"

"Com prazer, respondeu o jovem monge. Tens algum material inflamável?”

“Não, eu tenho apenas é a minha tigela, minha caixa de cevada e meu par de vestes. Eu nem sequer tenho um cobertor.” Assim, o jovem monge colocou seu próprio cobertor esfarrapado em volta dos ombros do velho, e correu para fora da caverna.

Não muito longe, a queda de uma pedra no chão tinha espalhado pequenos pedaços dela. Lá, o jovem monge conseguiu encontrar dois pedaços de sílex, que se adaptassem bem às palmas das suas mãos. Como uma experiência, golpeou um pedaço de pedrinha contra o outra com um movimento de fricção; com ele obteve um pequeno riacho de faíscas na primeira tentativa.

Ele colocou as duas pedras no seio do seu manto e, em seguida, se dirigiu a um tronco de árvore morta, que tinha sido, sem dúvida, atingido por um raio há muito tempo. No interior oco, procurou e encontrou um punhado de pedaços de madeira seca, cor de osso, podre e sujo. Foi cuidadosamente colocando em suas vestes, então recolheu galhos secos e quebradiços que

estavam espalhados ao redor da árvore. Carregado até o limite de suas forças foi para a caverna e satisfeito deixou todos os objetos do lado de fora da entrada, em um lugar bem protegido do vento dominante, de modo que depois a caverna não pudesse ver-se invadida pela fumaça.

No solo arenoso, com o ramo que lhe servia como uma vassoura, fez uma leve depressão e com as duas pedras para o lado dele, construiu uma pilha de toras reduzidas a pedaços e cobriu com madeira podre, que por força de torcê-la com seus dedos, foi transformado em um pó como farinha. Depois, com expressão aplicada, tomou os pedaços de sílex, um em cada mão, e os fez colidirem um contra o outro, garantindo que as escassas faíscas pudessem cair sobre o pó de madeira. Ele repetiu várias vezes a operação, até que ele conseguiu que aparecesse uma partícula de chama. Inclinando-se, então, até tocar o peito no chão, com cuidado, essa centelha preciosa foi soprando. Aos poucos, ela foi ficando cada vez mais brilhante. A pequena faísca cresceu mais e mais, até que o jovem monge foi capaz de pôr de lado uma mão e colocar alguns brotos secos em volta, junto com algo que fez de ponte à pequena mancha de fogo. Foi soprando continuamente, e, finalmente, teve a satisfação de ver uma verdadeira chama de fogo extendendo-se ao largo dos ramos.

.

Nenhuma mãe cuida de seu recém-nascido tanto como o jovem se dedicou com toda a sua atenção para a chama nascente. Ela cresceu gradualmente cada vez mais brilhante.

Depois de finalmente ter sucesso, ele colocava galhos cada vez mais pesados sobre o fogo, que, estava começando a brilhar fortemente. O jovem monge, em seguida, entrou na caverna e foi aonde se achava o velho ermitão. "Venerável pai - disse o jovem monge - o fogo e está perto, pode acompanhar-me?”

Então, pôs um pedaço de pau forte na mão de um eremita, e ajudando com a lentidão de seus pés, acompanhou-o bem à beira do fogo, do lado aonde não ia a fumaça. "Eu estou indo para obter mais madeira para a noite", disse o jovem monge. "Mas primeiro deixe-me colocar as pedras e material inflamável dentro da caverna, para ser mantido seco". Com estas palavras, ajustado as folhas nas costas do velho, lhe deu água e depositou ao seu lado a pedra e material inflamável para lado da caixa de cevada.

Saindo da caverna, o jovem monge teve o cuidado de adicionar lenha na fogueira e se assegurou de que o velho não estava em perigo de ser alcançado pelas chamas; depois foi para onde estava recentemente o

acampamento dos comerciantes. Eles poderiam ter deixado um pouco de madeira, ele pensou. Mas eles não tinham deixado alguma lenha. Melhor ainda, esqueceram-se um recipiente de metal. Obviamente, eles tinham caído sem a sua conta ao carregar iaques, ou talvez ao caminhar. Também poderia ser outro iaque que tinha derrubado a ferramenta com a pata, e ela tinha ido parar atrás de uma pedra rolando. Agora, para o jovem monge, este era um tesouro. Um prego grosso foi ao lado do recipiente, por algum motivo que escapou o monge, mas, que teria qualquer utilidade, estava seguro.

Buscando com todo o cuidado devido nos lugares ao redor do bosque de árvores, rapidamente montou uma pilha de madeira muito boa. Indo e voltando à caverna, armazenou toda a lenha dentro da caverna. Nada disse o velho ermitão desses achados.

Eu queria dar uma surpresa agradável e ter o prazer de ver a satisfação do idoso de poder beber chá quente. Já tinhamos o chá, porque o comerciante trouxe algum, mas não tinha os meios para aquecer a água até então.

O último carregamento de madeira já havia sido depositado e, sem fazer nada teria sido perdida aquela jornada. O jovem monge vagou de um lugar para outro, procurando obter um ramo de dimensões adequadas. Em um bosque ao lado do lago, ele de repente viu um monte de trapos. Quem o trouxera ali, não sabia. Mas o estranhamento deu lugar ao desejo. Avançou para levantar do solo aqueles farrapos e, de pronto, levou um susto, quando ouviu um gemido que veio do monte de trapos.
Abaixando-se, ele percebeu que aqueles "farrapos" eram um corpo humano, um homem incrivelmente magro. Em volta do pescoço, vestindo uma tanga (*). Uma madeira, que de comprimento total tinha cerca de um metro e meio. Esta tábua é aberta longitudinalmente pelo meio, tinha algo como uma dobradiça e, por outro lado, um cadeado fechado. O "O" central estava formado de maneira que se ajustava ao redor do pescoço da vítima. O homem era um esqueleto vivo.

O jovem monge, ajoelhando-se, derrubar os ramos de árvores que levava para cima, em seguida, levantou-se, correu e encheu sua tigela de água. Com pressa, voltou até o homem caído e introduziu a água por sua boca entreaberta. O homem estremeceu e abriu os olhos.

"Eu queria beber - sussurrou ele - e eu caí na água. Graças a esta tábua flutuei, quase pronto para afundar. Passei dias na água e, agora, eu pude seguir para a margem. Ele ficou em silêncio, exausto. O jovem monge trouxe mais água, então a água misturada com farinha.
"Podes me tirar isso de cima?” Perguntou o homem.
"Batendo com duas pedras esse bloqueio, é possível abrí-lo"

O monge se pôs em pé e foi à beira do lago, buscando as pedras apropriadas.

(*) Instrumento chinês de tortura.

Page 36

Quando voltou pôs a maior das duas pedras em uma extremidade da madeira, e golpeou forte com uma outra pedra. "Experimente o outro lado - disse o homem - e pega sobre o pino que atravessa de lado a lado. Golpeia-o com toda sua força". Com muito cuidado, o monge colocou-se em sua posição correta e bateu na tábua com toda a sua vontade. Rompendo em seguida, após um estalo alto, a trava caiu ao seu lado. Então, ele pôde abrir o instrumento de tortura e libertar o pescoço do homem que, em seu esforço havia se ensangüentado. "O fogo vai apagar - disse o jovem monge - seria uma pena que se perdesse"

Page 37

Capítulo Três

Durante muito tempo, o jovem monge estava sentado no chão, segurando a cabeça do enfermo e tentando alimentá-lo com pequenas quantidades de tsampa. Finalmente, ele parou e disse para si mesmo: "Eu devo levá-lo à caverna do eremita". Dizendo isso, ele levantou o corpo do homem e tentou colocá-lo em um ombro, o rosto para baixo e dobrado como uma folha enrolada. Cambaleante pela carga, fez o seu caminho para o bosque, e daí para a caverna. Finalmente, depois de uma viagem que parecia interminável, chegou à beira do fogo. Ele gentilmente colocou o homem no chão.

"Venerável" - disse ao eremita - "Eu encontrei esse homem em um bosque próximo ao lago. Ele usava uma canga no pescoço e está muito

grave. Tirei a canga e o trouxe para cá".

Com um ramo, o jovem monge reavivou o fogo de modo que subiu um enxame de faíscas e o ar se enche com um agradável cheiro de madeira queimada. Parando apenas para colocar mais lenha, virou as costas para o velho ermitão.

"Uma canga? Ele disse. Isso significa que é um presidiário, mas o que faz um preso aqui? Não importa o que ele fez, se você estiver doente, nós faremos tudo o que pudermos por ele. Talvez você possa falar..."

"Sim, venerável, o homem sussurrou numa voz fraca. Eu fui muito para lá, para que possa ser fisicamente auxiliado. Eu preciso de uma ajuda espiritual para morrer em paz. Posso falar-vos?"

"Certamente!" respondeu o velho ermitão. "Fala, que te ouviremos."

O paciente umedeceu os lábios com água que lhe deu o jovem monge, ele limpou a garganta e disse:

"Eu era um ourives de sucesso na cidade de Lhasa. Meus negócios marchavam muito bem, sempre, dos conventos, vinham serviços para mim. Então, oh, a bênção das bênçãos! Comerciantes indianos chegaram, carregados com produtos baratos, como os dos bazares do seu país. Chamavam aquilo tudo de produção em massa".

Coisa Inferior, qualidade falsificada. Produtos que eu não queria tocar de nenhum modo. Meus negócios estavam caindo. Minha mulher não podia submeter-se a adversidade e marchou para a cama de um outro homem. Um varejista rico que a tentava antes que se casasse comigo.

Um era um varejista a quem não afetou a competição a ele daqueles Indianos. Eu não tinha ninguém que me ajudasse e se preocupasse comigo; nem qualquer um com quem eu pudesse me preocupar."

Deteve-se, o homem, oprimido por aquelas suas memórias amargas.

O ermitão velho e o monge novo permanesceram no silêncio, esperando que recuperasse. Finalmente, esse homem continuou: "A competição estava crescendo; chegou um homem, este de China, trazendo produtos ainda mais baratos, às partes traseiras dos iaques. Meu negócio teve que fechar-se. Eu não tinha deixado qualquer coisa, exceto meu equipamento pobre, que ninguém quis. Finalmente, um varejista Indiano chegou, que me ofereceu um preço insultantemente baixo por minha casa e todo o que quer que houvesse nela. Eu me neguei. Recusei-me e então em tom do ridículo disse-me que logo teria toda a mina junto. E então, faminto e miserável como me sentia, perdi o domínio de mim mesmo e me joguei-o para fora de minha casa. Deu com a cabeça em uma e a quebrou de encontro a uma pedra que estava por acaso lá".

Voltou a calar-se aquele homem, e os outros, permaneceram no silêncio até que recomeçou sua história. “As pessoas aglomeraram-se em meu redor”, continuou dizendo. “Uns me contrariavam, outros se colocaram em meu favor. Rapidamente fui colocado na presença das autoridades. O magistrado ouviu o caso e sentenciou rapidamente, condenando-me a carregar a canga por um ano. Trouxeram o instrumento e colocaram-no em minha garganta. Com ele, não poderia alimentar-me, nem beber, dependeria exclusivamente da boa vontade dos outros. Não poderia trabalhar, apenas poderia me dedicar a pedir esmolas para outros. Não poderia deitar-me; via-me forçado a permanecer em pé ou sentado.”

página 39

O homem empalideceu e parecia que iria desfalecer. O monge novo exclamou: “Venerável: Eu encontrei uma chaleira no acampamento dos comerciantes do outro dia. Eu a vou trazer e nós faremos o chá”. Pondo-se em pé, foi até aonde tinha encontrado a chaleira, e proximo deste encontrou um gancho que lhe correspondia certamente. Depois de tê-la enchido da água, tendo ele antes a do limpado com a areia, uma foi outra vez à caverna, fazendo exame da chaleira, do gancho, do prego e da canga. Logo retornava a caverna e, com toda a alegria, pôs a canga ao fogo. As faíscas e a fumaça levantaram-se e no centro desse instrumento da tortura uma chama robusta levantou-se de repente.

O jovem monge foi correndo até o interior da cova e trouxe os pacotes que lhe havia dado recentemente aquele mercador. Um tijolo de chá. Um bolo grande e sólido, manteiga de iaque, empoeirado, um pouco rançosa, mas ainda identificável como manteiga. Coisa curiosa, um saquinho de açúcar mascavo. No exterior da caverna ele deslizou cuidadosamente um pau bem liso através da asa e colocou a chaleira no centro do brilhante fogo. Então tirou suavemente o pau e o colocou de lado cuidadosamente. Então, em seguida, fez em pedaços o tijolo de chá, jogando os menores para o bule, a água começava a ficar muito quente. Em seguida, cortou um quarto da manteiga, auxiliado com uma pedra, com arestas vivas. Em seguida, colocou a manteiga na chaleira que começou a ferver e logo formou uma camada sobre a superfície gordurosa. Em seguida, ele acrescentou um pequeno punhado de bórax para dar bom gosto ao chá e, finalmente, um punhado de açúcar mascavo. Com um pequeno ramo que havia terminado de desfolhar, o jovem monge agitava vigorosamente por toda parte.

Agora, a superfície da bebida foi obscurecida pelo vapor. Com a vara, segurando a alça, levantou a chaleira do fogo. Fogo. O velho eremita tinha vindo a acompanhar todo o curso de chá a ferver com

grande interesse. Através do ruído, seguiu cada uma das fases da operação.

Page 40

Agora, sem notá-lo, levantou a própria tigela. O jovem monge tomou e depois de retirar da espuma impurezas, galhos e pêlos, encheu meia tigela e devolveu-a com cuidado.

.

O presidiário murmurou que tinha uma tigela entre seus trapos. Apresentando-a, se encheu inteira, já que gozando de sua visão não se perderia uma única gota. O jovem monge encheu sua tigela e sentou-se para beber, sem pressa, com o suspiro de satisfação que vem quando se tem trabalhado duro para conseguir algo. Por algum tempo reinou o silêncio total, enquanto que cada um destes seguiu o curso de seus pensamentos. De vez em quando, o jovem monge levantava-se para encher as cuias de seus colegas e a sua própria.

O sol se ocultou. Um vento frio fez com que as árvores sussurrassem com as folhas canções de protesto. O lago agitava e enrugada suas águas e estalava e balançava os seixos da beira. O jovem monge acompanhou solicitamente ao velho eremita para dentro da caverna escura, depois voltou para onde estava o enfermo. O jovem monge levou-o dentro da caverna e esculpiu uma depressão para o seu quadril, enquanto que lhe servisse de cabeceira. "Devo dizer - disse o homem - porque eu tenho pouco tempo de vida" O monge saiu alguns momentos para proteger o fogo com um monte de areia e guarda dormindo à noite. Na parte da manhã, as cinzas ainda se manteriam vermelhas e poderia facilmente reacender a chama forte.

Estando ali os três homens - um aproximando-se da idade viril, outro de meia-idade e o terceiro homem velho - sentados ou deitados perto uns dos outros, o preso mais uma vez fez uso da palavra. "Meu tempo está se esgotando", disse ele. "Eu sinto meus antepassados estão prestes a receber-me e dar-me as boas-vindas. Para um ano inteiro, eu sofri e me consumi. Eu estive vagando entre Lhasa e Phari, indo e voltando à procura de comida e ajuda. Afanador. Eu encontrei grandes lamas que rejeitaram a mim e outros que têm sido bons para mim. Eu tenho visto pessoas humildes me davam de comer e eles estavam de jejum. Por um ano tenho corrido de um lado a outro, como o último dos vagabundos.

"Lutei com os cães para tirar suas carniças e então eu vi que eu não poderia comê-las". Ele deu uma pausa para um gole de chá frio, a seu lado, agora com manteiga congelada.

"Como você pôde chegar até nós?", perguntou o velho ermitão, com sua voz rachada.

"Eu fui para a água, do outro lado do lago para beber e por causa da canga, com o seu peso, caí na água. O vento forte levou-me através das águas, assim eu vim um dia e uma noite, mais um outro dia e outro à noite e no dia seguinte. Algumas aves pousaram na minha canga e tentaram picar os meus olhos, mas eu gritei e elas se assustaram e fugiram. Sem parar, eu estava em movimento, até que perdi a consciência e não percebi como me movia. Finalmente, os meus pés tocaram o chão do lago e eu pude me sustentar. Acima da minha cabeça estava girando um abutre, de modo que me esforcei e fui me arrastando até chegar ao bosque onde este jovem monge me encontrou. Exausto, a minha força me deixou e logo devo ir para os Campos Celestiais."

"Descanse durante a noite, disse o velho ermitão.Os Espíritos da Noite estão vigiando. Temos de fazer nossas viagens no astral antes de tornar-se tarde". Com a ajuda da bengala, levantou-se e caminhou, mancando para o interior da caverna. O jovem monge deu um pouco tsampa para o doente e depois foi deitar pensando sobre os acontecimentos daquele dia até que ela estava dormindo.

A lua levantou-se a sua maior altura e, majestosamente, corria o seu curso atravessando o céu. Os ruídos noturnos mudavam segundo o passar das horas. Diferentes insetos zumbiam e vibrovam, ao longe se ouvia o grito de uma ave noturna. Nas montanhas podiam ser ouvidos estalos das rochas, conforme se contraíam no frio da noite. Ao longe, como trovões espaçados, rolavam pedras e rochas e as rochas pelas ribanceiras, deixando poucos vestígios no chão.

Alguns roedores noturnos chamavam ansiosamente por seus parceiros, e coisas desconhecidas se arrastavam e rastejavam nas areias sussurrantes. Gradualmente, as estrelas empalideceram e os primeiros raios anunciadores de luz do dia atravessaram o céu.

De repente, como atravessado por uma corrente elétrica, o jovem monge levantou-se. Estava totalmente desperto, tentando em vão penetrar na escuridão intensa da caverna. Prendia a respiração, com toda a atenção, ouvia ao redor. Ao Redor. Não poderiam ser de ladrões

- pensava -. Todos sabiam que o velho eremita não tinha nada. Estava talvez, o velho, doente, perguntou-se o jovem. Levantando-se e cuidadosamente entrando na caverna, perguntou: "Pai venerável, você encontra-se bem?" O velho se movia: "Sim, talvez seja nosso convidado?"

O jovem monge afobou-se. Ele tinha esquecido completamente sobre a presença do preso. Voltando rapidamente em direção à boca da caverna, ele percebeu uma mancha difusa cinza. Sim, a chama, bem protegida, não estava morta. Apanhando um ramo o monge enterrou-o no fogo e soprou fortemente. Apareceu uma chama e ele acumulou mais ramos sobre o fogo nascentee. Num momento a madeira estava bem iluminada por uma brasa. Ele pegou e voltou para a caverna. A queima prateada projetava sombras fantásticas, uma figura aprisionada no brilho da tocha, que despreendia-se do fundo da caverna. Era o velho ermitão.

Ao pés do jovem monge, o estranho estava encolhido, com os pés enrolados em seu peito. A tocha foi refletida em seus olhos abertos e pareciam piscar. Sua boca estava aberta e uma gota de sangue seco veio de seu canto da boca e formou uma aglomeração na altura das orelhas. De repente houve um barulho rouco e o corpo se contorceu em espasmos e formou um arco tenso e relaxou, com um suspiro final. O corpo rangeu e ouvi-se um ruído de fluidos. Os membros, finalmente, se distenderam e as facções se aflouxaram. O velho eremita e do jovem monge rezaram as orações para a Paz dos Espíritos Que Se Vão, e se esforçaram para dar instruções telepáticas para ajudar a orientação da alma do defunto aos Campos Celestiais.

Os pássaros começaram a cantar o dia subindo, mas em que terra, era a morte. "Você pega o corpo agora", disse o velho ermitão. Não. "É preciso desmembrá-lo e obter a coragem de abutres pode lhe dar um enterro apropriado no ar.”

"Eu não tenho uma faca", respondeu o jovem monge.

"Eu tenho uma faca", respondeu o ermitão. "Eu a mantenho para que a minha própria morte seja realizada corretamente. Vai até lá você. Faça o seu dever, então traga-a de volta."

Com muito boa vontade, o jovem monge pegou o cadáver e levou-o para fora da caverna. Perto do precipício de rochas tinha uma pedra lisa. Com muito esforço levantou o corpo para depositá-lo sobre a pedra e despojou-o de seus trapos sujos. No alto acima de sua cabeça, ouviu um pesado ruflar, surgiram os primeiros urubus, o jovem plantou a faca no abdômen e começou a desbastar entranhas. Ele rapidamente agarrou as entranhas flácidas e as jogou fora. Sobre a rocha, espalhou o coração, o fígado, os rins eo estômago. Com golpes e puxadas, cortou do tronco os braços e pernas. Então, com seu corpo nu coberto de

sangue, correu da cena terrível e correu para dentro do lago. Na água, esfregou-se e limpou-se com punhados de areia fina. Cuidadosamente, limpou a faca do velho eremita e poliu-a bem com areia.

Tremia de frio e com a impressão recebida. A fúria do vento, soprando em toda a pele nua do jovem monge. A água parecia cair sobre ele como se fossem os dedos da morte traçando linhas em seu corpo. Rapidamente saltou para fora da água e tremeu como um cão. Correndo, conseguiu comunicar algum calor ao seu corpo. Perto da boca da caverna, pegou e vestiu sua roupa, eliminando tudo o que poderia ter sido contamido por contacto com o cadáver.

Mas quando ele estava prestes a entrar na caverna, lembrou-se de sua tarefa a final. Lentamente, ele voltou para a pedra onde havia recentemente deixado o morto. Alguns abutres descansavam, satisfeitos, outros alisando as penas com o bico, e os outros estavam ocupados com de atividade entre as costelas do corpo. A maioria tinha tomado toda a pele da cabeça, deixando o crânio, pura e simples.

O jovem monge com uma rocha pesada, esmagou o crânio do esqueleto, expondo o cérebro para os abutres famintos. Então, levando os trapos e a tigela do falecido, correu em direção ao fogo e jogou essas relíquias para o centro dela. De um lado, ainda vermelho, o resto era metal de sua canga, o último vestígio de um homem que tinha sido um rico artesão, com sua esposa, suas casas e seu talento profissional.

Meditando sobre o caso, o jovem monge endireitou seu caminho para a caverna.

O velho eremita estava sentado em meditação profunda; mas levantou-se quando o jovem se aproximou dele. "O homem é temporário e frágil", disse ele. "A vida na Terra não é senão a ilusão e a Realidade Maior está para além do presente. presente. Comamos,pois, e então continuarei transmitindo-te tudo o que sei. Porque, até então, não posso deixar meu corpo, e então quando eu tiver saído, você tem que fazer por mim exatamente o que você fez para o nosso amigo, o prisioneiro. Mas agora, vamos comer, para manter as nossas forças da melhor forma possível. Traga, então, da água e aqueça-a. Agora, tão perto do meu fim, eu posso dar ao meu corpo esta pequena satisfação ".

O jovem monge pegou a chaleira e saiu da caverna, a caminho do lago, evitando com apreensão, o local onde lavou o sangue do falecido.

Cuidadosamente limpou o recipiente, por fora e dentro. Ele fez o mesmo com as duas cuias, a do eremita e a sua própria. Depois de preencher o recipiente com água, trouxe-o com a mão esquerda e brandindo um espesso ramo com o outro. Um abutre solitário veio correndo para ver o que estava acontecendo lá. Aterrissando pesadamente, deu uns poucos passos e logo virou-se para dar um grito rancoroso, por ver-se enganado.

Mais tarde, em direção à esquerda, outro urubu, cheio de comida, tentou em vão subir. Correu, saltou, açoitando o ar com suas penas, mas tinha comido demais. Finalmente deixou de correr e se escondeu, como se com vergonha, a sua cabeça sob a asa, esperando que a Natureza reduzisse o seu peso. O jovem monge sorriu levemente, achando que poderiam até mesmo os urubus praticar excessos de comida, e se perguntou o que seria capaz de lhe dar atração. Ele nunca tinha comido em excesso. Como a maioria dos monges, ele sempre se sentia mais ou menos faminto.

Mas tinha de fazer chá, o tempo nunca pára. Colocando a panela de água a ferver sobre o fogo, entrou na caverna, pegou chá, manteiga, borato de sódio e açúcar. O velho eremita esperava sentado.

Mas você não pode sentar-se por um longo tempo de beber chá, quando o fogo da vida já não é alto e quando a vitalidade de uma pessoa idosa cai lentamente. De repente, o velho ermitão voltou enquanto o jovem monge estava cuidando do fogo, o "Velho" e o precioso fogo, depois de mais de sessenta anos de privação do mesmo, ano de frio, de autonegação, de integração da fome e da pobreza, que só as poderiam remediar a morte.

Anos, também de uma inutilidade completa na existência como um eremita, apenas remédiado pela convicção de que tudo isso era, afinal, uma tarefa. O jovem monge retornou à caverna, ainda com cheiro de fumaça de lenha fresca. Ele rapidamente se sentou diante do seu mestre.

"Naqueles lugares remotos, há muito tempo atrás, eu estava sobre aquela extranha plataforma de metal. Ele que tinha a mim como prisioneiro, explicou claramente que eu estava lá não para o meu

gosto, mas pela conveniência dele e dos dele, para se tornar um repositório de conhecimento", disse o ancião. "Eu lhes disse: Como é possível que eu tome um interesse intelectual sem nenhuma vontade por minha parte, cativo e sem a mais vaga idéia do que se trata? Como eu posso tomar o menor interesse se me mantém aqui para nada?”

Page 46

“Se me aprisionaram com menos cerimônias do que as que se usa com um cadáver, estava destinado a ser pasto dos abutres. Nós mostramos respeito aos mortos e aos vivos. Vós me tratais como excrementos que se tem que tirar de um campo com a menor das cerimônias possíveis. E, porcima, pretendeis ser civilizados, valha o que valer a informação”.

O homem pareceu visivelmente estranhado, mas nem um pouco impressionado ante meu desabafo. Ouviu como se passeasse pela distância. Adiante e com um som arrastado dos pés, para dar a volta. Para frente e para trás de contínuamente.

De repente, ele parou perto de mim e disse, "terá que consultar o caso com os meus superiores. "Rapidamente se afastou e eu senti que tinha colhido um objeto duro. Ouvi vários barulhos como rasgados e, finalmente, um clique metálico e um som proeminente brotou de lá. O homem que estava comigo finalmente falou, soltando os mesmos sons que o anterior. Claramente, iniciou-se uma discussão que se seguiu durante cerca de alguns minutos”. "Cling, clang", brotou da máquina e do homem se virou para mim.

"Primeiro de tudo, você tem que mostrar a habitação estamos ", disse ele." Eu vou contar nossas próprias coisas, quem somos, o que fazemos e tentar obter a sua colaboração mediante ao seu entendimento. Primeiro de tudo, aí está a vista!"

"Eu percebi a luz e eu pude ver. Uma visão muito singular, veio a um dos meus lados de cima, o fundo de um rosto humano, os olhos, acima das narinas. A visão do cabelo e as narinas. Eu me diverti e não sei por que eu ri ao mesmo tempo. O Homem se inclinou e um dos seus olhos cobriu todo o meu campo visual. visual. "Ah, - disse - alguém havia desviado a câmera." Então eu pensei que o mundo girava em torno de mim, e senti náuseas e tonturas. "Desculpe-me! - O homem exclamou -, deveria ter encerrado a corrente antes de girar a câmera. Desculpe minha ausência, você vai se sentir melhor, em um momento. Sempre as coisas acontecem!"

Page 47

"Agora, eu poderia me ver. Foi uma sensação horrível, a de ver o meu corpo estendido, tão pálido e tão desperdiçado muitos tubos e fios que quer que fosse.

Foi um choque para mim a contemplar os meus olhos bem fechados. Fui colocado em uma folha fina de metal - pareceu-me - que estava apo-iado em um só pé. Neste pilar haviam pedais, enquanto ao meu lado tinha um suporte com garrafas de vidro com líquidos de cores diferentes. O apoio estava de alguma forma ligada ao meu corpo. Este homem me disse: "Você é uma mesa de operação. Com esses pedais - e tocou - podemos colocá-lo em qualquer posição desejada".

Apertou um com pé e a mesa balançou no lugar. Ele pressionou o outro, e a mesa se inclinou ao ponto que eu temia cair ao solo. Apertando um terceiro, a mesa foi levantada, para que ele pudesse ver o fundo. A mais do que desconfortável, que me causou sensações estranhas no estômago. "As paredes eram, evidentemente, um metal verde mais agradável aos olhos. Eu nunca tinha visto antes de material tão belo, tão suave e sem uma única falha, e em nenhum lugar eram perceptíveis costuras ou soldas, ou qualquer sinal visível de onde eles tinham acabado e começado as paredes, teto ou o pavimento. Em um ponto, ele escorregou um troço da muralha com um som metálico, que eu já sabia. Uma cabeça rara apareceu na porta, olhou em volta
e voltou a escorregar. A parede se fechou de novo".

"Na parede oposta onde eu vi foi uma sucessão de pequenas janelas, algumas não maiores que a palma de uma mão grande. Atrás deles, há vários símbolos que apontam para algumas figuras vermelhas, e os outras negros. Um brilho azul quase, por assim dizer, místico, decorrentes desses indicadores, raros manchas brilhantes dançavam e oscilavam num formato estranho, enquanto em outra janela, uma linha vermelho escuro ondulava para cima e para baixo em estranhas formas rítmicas, bem como uma dança da serpente. , Pensei. O homem - chamá-lo-ei de meu Capturador - sorrindo, vendo o meu interesse. "Todos esses instrumentos, indicam a você - me disse - e aqui são registrados nove ondas de seu cérebro.

Nove linhas separadas de ondas que arrancamos da eletricidade de seu cérebro que as domina. Elas são uma demonstração de que você possui uma mentalidade superior. Sua memória é de fato muito significativa e apropriada para o trabalho que de você esperamos. Muito gentilmente girando a câmera da visão, no campo visual dela apareceu uma estranha estrutura de cristal que até agora tinha estado fora do meu campo visual.

"Isso - explicou - está continuamente alimentando suas veias e drenando para o exterior o que é destruído em seu sangue. Aqueles outros drenam outros produtos de seu corpo. Estamos agora na fase de verificar o estado geral de sua saúde, se você está em condições

adequadas para suportar o choque inevitável de tudo o que lhe impusermos. Impressão que não pode ser evitada, pois não importa que vos consideréis para si como um sacerdote educado, mas comparado a nós, não vale mais do que o menor e o mais ignorante selvagem, e tudo entre nós que é considerado conhecido puro esquecimento, para você são milagres quase inacreditáveis, e o primeiro contato com a nossa ciência terá que lhe causar um sério choque físico.

Mas você tem que assumir riscos, mas fizemos um esforço para reduzir os riscos ao mínimo. Ela riu e continuou: " Nas cerimônias de muita importância que você dá seus templos para os sons do corpo humano - é claro!, Sabemos todo seu ritual de cerimônias! -. -. Mas conheceis realmente aqueles sons? Ouça."

"Ela virou-se e caminhou em direção à parede e apertou um pequeno botão branco. Imediatamente, uma série de pequenos furos para fora os sons que eu reconheci como sons do corpo. Sorrindo, virou o outro sino e os sons cresceram e encheram a sala completamente. Trap., trap., aumentou da pulsação do coração que fez vibrar por solidariedade um objeto de vidro que estava atrás de mim. Outra pressão sobre o botão, e desapareceu o ruído do coração e aumentaram os ruídos de fluidos corporais; mas tão intensos como um fluxo de água da montanha, fluindo sobre um leito rochoso no afã de tomar seu curso para as praias distantes do mar.

Page 49

Então ouviu a respiração dos gases, como um vendaval através das folhas e troncos de árvores resistentes. Sons de acidentes de água contra as margens de um lago profundo. "Seu corpo humano - disse o homem - contém um mil sons. Sabemos tudo relacionado ao seu corpo."
"Mas Admirável Captor", disse. "Isso não é nenhuma maravilha. Nós, pobres selvagens, no Tibete podemos fazer isso, assim como aqui. Não a uma escala tão grande, eu confesso; mas nós podemos fazer. Podemos também separar o espírito do corpo e fazer que regresse."

"É possível, realmente?" Olhou-me com uma expressão perplexa no rosto, e continuou: "Vocês não são facilmente assustados? Considera-nos inimigos, uns confinadores, não é verdade?".

"Senhor - Eu respondi - até agora não me apresentado qualquer prova de amizade, nem me mostrado de alguma forma por que eu deveria acreditar ou trabalhar com vocês. Você. Tens-me aqui paralisado e em cativeiro, assim como algumas vespas com suas vítimas. Há alguns entre vós que me pareceis ser demônios. Temos imagens de tais seres e vimos como visões de horror de um mundo infernal. Mas, novamente, aqui estão seus companheiros."

"As aparências enganam", respondeu ele. "Muitos deles são criaturas das mais amáveis, com alguns rostos de homens santos, são dadas a todas as baixas ações, que ocorrem à sua mente perversa. Mas você, você, como pessoas selvagens, se deixa guiar pelas aparências das pessoas."

"Senhor - esta foi a minha resposta - eu tenho que decidir de que lado você cai sobre suas intenções, boas ou más. Se o lado do bem, então e só então decidir cooperar com você. Caso contrário, eu custe o que custar-me, não vai cooperar com seus esforços."

"Mas isso é verdade - sua resposta foi um pouco chateado -,

"confesareis que nós te salvamos a vida quando você estava doente e passando fome".

"Eu coloquei minha cara mais severa ao contrariar-lhe: "Você salvou a minha vida, mas com que finalidade? Eu estava no caminho certo para alcançar os Campos Celestiais, e você arrastou-me para trás. Nada. Nada poderia ser mais prejudicial. E o quê é a vida de um cego? Como pode estudar? Como procurar sua subsistência? Não! Não! Não havia nenhuma bondade no gesto de estender a minha existência. A gente sempre vai achar que não estou aqui para o meu próprio prazer, mas para ser útil para seus projetos. Onde está a bondade do gesto? Me deixaram nu aqui, e eu tenho servido de diversão a sua diversão esposas. Onde está a bondade de todos estes gestos?"

"O homem parou diante de mim, as mãos nos quadris.
"Sim" - me disse no passado - a partir de seu ponto de vista, não temos sido amáveis para com vos, não é? Mas talvez eu possa convencê-lo, então podereis ser-nos útil." Ele virou-se em pé e caminhou em direção à parede. Então eu vi o que ele fez. Ele olhou por um momento, um quadrado cheio de pontos e, em seguida, apertou uma pequena marca negra. A luz brilhou naquele quadrado cheio de pontos e cresceu até converter-se em uma nuvem luminosa. Lá eu vi com surpresa que havia se formado uma cara e uma cabeça de cores brilhantes.

O prisioneiro tinha me dito naquela língua estranha e remota e, em seguida, parou de falar. Eu, petrificado de surpresa, eu vi que a cabeça girava para minha direção e as sobrancelhas se levantavam. Em seguida, um leve sorriso tocou os cantos dos lábios. A cabeça lançou uma frase final que não entendi, e a cabeça desapareceu, ao escurecer o quadrado brilhante. Meu carcereiro voltou para mim, com o rosto cheio de satisfação. "Muito bem, meu amigo - disse -, você provou que tem um caráter forte, que é um homem todo, com quem temos de negociar.

Agora estamos autorizados a ensinar o que nenhum outro homem na Terra já viu."

“Se dirigiu de novo à parede e apertou o botão negro. A neblina formou desta vez a cabeça de uma mulher jovem.

Page 51

Meu captor falou com ela, evidentemente dando-lhe ordens.
Ela, assintiu com a cabeça, olhou curiosamente em minha direção e seu rosto se desvaneceu de novo.

“Agora, temos que aguardar alguns momentos”, disse meu guardião. Eu trouxe um pequeno aparelho comigo e vou mostrar-lhe diversos lugares do mundo. Diga-me algum lugar que queira ver.”

“Não tenho conhecimento do mundo”, lhe respondi. “Nunca viajei”.

“Mas sem dúvida já ouviu falar de alguma cidade”, me respondeu.

“Claro, sim”, foi minha resposta: “Eu ouvi falar de Kalimpong”.

“Kalimpong? Uma pequena população à fronteira da Índia. Índia. Não se pode lembrar de nada melhor? Que o pareceria Berlin, Londres, Paris ou o Cairo? Sem dúvida os interessariam mais que Kalimpong?”

“Mas, meu senhor – lhe respondi --, não tenho o menor interesse nos lugares que me indicais. Seus nomes só me recordam que os ouvi das bocas dos viajantes muitas explicações sobre estes lugares; mas não me interessam. Nem sei tampouco se as imagens dos lugares citados podem ser certas ou não. Há uma contradição entre o que me dizia que podia fazer. Mostre-me, pois Lhasa, o bíen Pharí, a Porta d’Oeste, a Catedral, a Potala. Conheço estas coisas e me será possível decidir se vossos aparatos funcionam de verdade ou são só habilidosos truques para me enganar.”

Ele me olhou com uma expressão peculiar no rosto, parecendo-se sentir cheio de admiração. Ele fez um gesto forte e exclamou: “Tenho que ensinar o meu conhecimento para uma coisa selvagem analfabeta? Algo há, no entanto, em sua astúcia natural, no ponto máximo final.

Naturalmente, algo deve ser feito caso contrário, pode não ficar impressionado. Bem, Bem! "
"A parede caiu móvel se deslizou bruscamente, e quatro pessoas apareceram dirigindo uma caixa grande que parecia flutuar no ar.
A caixa devia ter sido de peso considerável, pois, embora parecesse flutuar ligeiramente, exigia um grande esforço para se colocar em movimento ou mudar sua direção ou parar.

Page 52

Gradualmente, a câmera se encaixou na sala onde eu estava. Por um período de tempo, eu temia que se ocupassem de minha mesa, em seus movimentos para me juntar ao aparelho.

Um dos homens chocou-se com o olho da câmara e as voltas que ela deu me deixaram como doente e inquieto. Mas finalmente, depois de muita discussão, a caixa foi colocada contra uma parede, bem alinhada com a minha visão. Três daqueles homens se retiraram e o painel de parede se fechou atrás deles.

O quarto homem, e meu carcereiro iniciaram uma discussão animada, com muita gesticulação. Ao fim, o meu carcereiro se dirigiu a mim: "Ele diz - ele explicou - o que não pode se comunicar com Lhasa, é muito próxima e seria necessário ir mais longe para poder enfocá-la".

Eu não disse nada, como se eu não tivesse entendido, e depois de alguns instantes, o meu guarda voltou a dizer-me:
"Desejais ver Berlim? Bombay? Calcutá?"

Minha resposta foi: “Não, não quero; são muito distantes de mim!”

“Ele virou-se para seu companheiro e se seguiu uma discussão bastante amarga”. O outro homem parecia prestes a ir para chorar, se atrapalhou e com o ar desolado, caiu de joelhos, de frente para a câmera. A frente dela abriu-se e parecia ser uma janela muito larga, e nada mais. Então o homem pegou alguns pedaços de metal do bolso e foi para a parte traseira da caixa estranha. Luzes estranhas brilharam nessa janela, formaram redemoinhos de cor, sem significado algum. O quadro ondulava, flutuava e tremia. Houve um momento que as formas pareciam o que poderia ser o Potala, mas também, só fumaça.

"O homem rastejou de trás daquela câmara, murmurou algumas palavras e rapidamente deixou o quarto. Meu guarda, que parecia muito chateado, me disse: "Estamos muito perto de Lhasa e, portanto, não podemos focalizá-la. É como tentar ver através de um telescópio quando está muito perto do foco. O foco é suficiente após certa distância, mas quando a distância é insuficiente, -

quando a distância é grande, o telescópio não consegue enfocar o objeto.

Nós nos encontramos com a mesma dificuldade. Está bem claro para vós?"

"Senhor — lhe respondi —, me falais de coisas que não posso

compreender. O que é telescópio que se fala? Jamais eu vi um. Dizeis que Lhasa está demasiado perto; eu entendo que, daqui até lá, há um longo caminho que andar. Como pode, então, estar demasiado perto?"

Uma expressão de tristeza brilhou nos olhos daquele sujeito; puxou-me o cabelo e por um momento pensei que iria começar a pular no chão. Então, acalmado depois de um esforço ele me disse:
"-Quando você tinha os seus olhos, nunca se aproximou muito perto de qualquer objeto que você não podia ver claramente com seus olhos? Tão perto que você não foi possível focalizá-lo? Não podemos focalizar a tão curta distância!"

Capítulo Quatro

"Eu olhei para ele, ou ao menos eu tenho essa sensação, porque é muito difícil para um homem de compreender o que significa ter sua cabeça em um lugar e olhou localizado a alguns metros de distância. Enfim, eu olhei para ele, pensando: Que prodígio é este? Este sujeito pode me ensinar-me cidades que estão do outro lado do mundo e, ao contrário, não pode mostrar a minha terra. Olhei pasmo em sua direção. Então eu disse: "Senhor, quer colocar algo na frente da máquina óptica de modo que, por mim mesmo, possa entender isso sobre os focos?".

Ele assentiu com a cabeça no momento, e olhou ao seu redor por um instante, como se pensando no que fazer.

Então puxou debaixo de minha mesa uma tela transparente, em que havia estranhos sinais, como eu nunca havia visto. Era óbvio que se tratava de escrituras, mas ele virou-se para o que pareciam algumas folhas e, em seguida, veio algo que satisfeito, pois ele trouxe um sorriso de prazer.

Manteve-se por trás das minhas costas quando se aproximou de minha máquina de visão.

"Bem, meu amigo - disse - vamos ver algo que o possa convencer." Deslizou então algo na frente da minha máquina de visão, muito próximo a mim e à minha entranheza, só podia ver manchas, nada era claro.

Houve uma diferença: parte dos borrões eram brancos, parte pretos, mas para mim, ambas as cores foram inúteis, não tinham significado.

O homem sorriu da minha expressão, eu não podia vê-lo, mas o "ouvi". Quando você é cego se tem os sentidos diferentes. Diferentes.

Podia ouvir o ranger dos músculos dele, e como havia sorrido muitas vezes antes, sabia que aqueles rangidos significavam que se sorria agora.

"Ah -disse- vamos começar desta casa, certo? Agora, olhe atentamen-te. Diga-me, se você pode ver o que é." Lentamente, ele puxou a tela e vi o que pareceu um retrato de mim.

Page 55

Não posso dizer como essa foto foi tirada, mas certamente representava-me deitado sobre a mesa, de frente para os homens que transportavam dentro da habitação a câmera preta. Minha boca estava aberta de espanto, ao ver aquele objeto desconhecido. Podia parecer um verdadeiro selvagem e, na verdade, eu senti isso e meu rosto corou de vergonha. Ali estava, com todos aqueles aparelhos montados em minha pessoa, tendo os quatro personagens manipulando aquela caixa, e meu olhar de surpresa voltava à minha própria pessoa.

"Muito bem - disse o meu captor - na verdade, nós encontramos o local. Para retornar ao mesmo lugar, continuamos em frente." Com toda lentidão, a imagem focalizou e foi chegando progressivamente mais perto da lente da caixa. Lentamente, a imagem foi turvando, até que só podia ver um borrão e nada mais. Esclareceu-se novamente este borrão e pude ver de novo o resto da sala. Ele estava ao meu lado e disse: "Não pode ler isto, mas olhar. São letras impressas. Você pode vê-las claramente?".

"Eu posso vê-los, de fato, senhor", respondi. "Inclusive com muita clareza".
Então aproximou mais aquele impresso da lente da câmera e outra vez a imagem turvou-se. "Agora – me disse -, entenderá o nosso problema. Temos numa máquina um dispositivo – como quiser chamá-lo – que é de uma medida muito maior do que essa câmera que estamos lhe mostrando. Mas, o princípio de seu funcionamento está completamente fora de seu alcance. O aparelho é tal, que podemos ver todo o redor do mundo, exceto o que se situa a uns setenta e cinco quilômetros de distância. Esta distância é tão próxima como o que são para você poucos centímetros, que nem se pode divisar.
Agora lhe mostrarei Kalimpong".
Dizendo estas palavras, se voltou até a parede e manipulou alguns botões que havia sobre ela.
As luzes do quarto minguaram-se, ainda que sem apagar-se completamente; parecia a luz que há quando o Sol se põe atrás dos Himalayas. Um frio escurecer, aonde a Lua não havia saído nem o Sol havia apagado todos os seus raios. O homem se voltou até a parte de

---

atrás da grande câmera negra e suas mãos manejaram algo que não pude ver. Imediatamente, brilharam umas luzes na tela. Lentamente, se foi construindo uma cena. Os picos dos Himalayas, e, ao longo de um caminho, uma caravana de mercadores. Cruzavam uma pequena ponte de madeira; Debaixo se precipitava uma torrente impestuosa, ameaçando arrastá-los se escorregassem. Os comerciantes alcançaram o outro lado e seguiram por uma trilha que seguia por entre as pastagens íngremes.

"Por alguns minutos, ficamos assistindo, o panorama era o mesmo que um pássaro ou um deus celeste segurando o foco da máquina e flutuando suavemente ao longo daquela terra nua. Aquele homem moveu as mãos de novo e alguma confusão reinou de novo, algo apareceu à visão e desapareceu imediatamente. Então moveu as mãos na direção oposta e a imagem se deteve, mas não era uma fotografia, era uma coisa real. Parecia ver através de um buraco no céu.

"Abaixo, eu vi as casas de Kalimpong. Eu vi a rua cheia de comerciantes, vi conventos, com lamas vestidos de amarelo e monges, vestindo hábitos vermelhos, passeando por esses lugares. Tudo parecia muito estranho. Eu tive dificuldade em identificar os lugares, porque havia estado em Kalimpong apenas uma vez, quando eu era um menino de poucos anos e tinha visto Kalimpong da terra, do ponto de vista de um rapaz colocado de pé. Agora, eu a via - eu acho - como a devem ver, a partir do ar, os pássaros. Meu guarda estava me observando atentamente. Algo e abalou a imagem ou a paisagem, ou como queira chamar esta maravilha, desvaneceu-se com a velocidade e transportou-se novamente.

"Aqui, – disse aquele homem – temos o Ganges que, como já sabeis, é o Rio Sagrado da Índia".

Eu sabia uma série de coisas sobre o Ganges. Às vezes, comerciantes da Índia traziam revistas ilustradas com fotografias.

Não podíamos ler nenhuma só palavra nessas revistas, mas as fotografias entendíamos muito bem. Agora, diante de mim, estava o verdadeiro Ganges, inconfundível.

Podia escutar os hindus cantando, e logo soube o motivo.

Eles tinham um cadáver deitado sobre um terraço com vista para a água e estavam pulverizando o corpo com a água sagrada do rio Ganges, antes de levá-lo para a pira crematória.

"O banco estava lotado, parecia impossível que houvesse tanto em todo o mundo, quanto mais nas margens de um rio. Algumas mulheres foram se despindo na maneira mais desavergonhada nas docas, mas os meninos fizeram o mesmo.

Senti-me aquecer-me ante o espetáculo. Mas então me lembrei de seus templos, templos com terraços, grutas e colunatas. Suas vistas me enchiam de espanto. Isso foi real de fato, e eu comecei a me sentir confuso.

"Meu captor - porque eu ainda me lembro ser assim -, então moveu alguma coisa e houve confusão nas imagens. Cuidadosamente observando através da janela e confusão de imagens de repente parou com uma sacudida. "Berlin", disse ele.

"Bem, eu sabia que Berlim foi uma das muitas cidades do mundo ocidental, mas tudo que via, não sabia exatamente como situá-los. Eu olhei e pensei que talvez fosse esse ponto de vista de onde eu olhava para todos os objetos que a minha visão distorcia. Viam-se edifícios altos, notavelmente uniformes em formato e tamanho.

Jamais, em minha vida, tinha visto tantos cristais; havia janelas encristaladas por todas as partes para as quais eu olhava. E então, no que pareceu ser um chão de rua muito firme, havia duas barras de metal instalado no chão dessas ruas. As barras eram brilhantes, e sua distância recíproca, a mesma. Eu não conseguia entender de que se tratava.

Em uma esquina, no meu campo visual, avançaram dois cavalos, um após o outro, e eu - Eu só penso que vá acreditar - Eu vi que ambos puxaram o que parecia uma caixa de metal com rodas. Os cavalos andavam entre as duas barras de metal e caixa de metal se deslocava ao longo comprimento delas.

Page 58

Aquela caixa tinha janelas em toda a sua volta, e olhando para dentro da caixa, vi muitas pessoas que eram arrastadas nela. Ante minha vista (quase disse "diante dos meus olhos", de tão acostumado que estava a ver através da câmera) vi um movimento que explicaria sendo a parada. Várias pessoas deixaram o caixa e outras foram levantadas. Um homem veio e foi para a frente, na frente do primeiro cavalo, e cavou o chão com uma vara de metal. Então ele subiu na caixa e pôs emmovimento. Ela virou à esquerda, que se afastava da rota que até então tinha seguido.

E o espetáculo me surpreendeu tanto, que eu não conseguia olhar para outras coisas. Não tinha tempo para o demais. Apenas a estranha caixa de metal sobre rodas, transportando pessoas. Mas assim que eu dirigi minha vista para os lados da rua, eu vi que elas estavam cheias de pessoas. Os homens usavam um panos de uma solidez notável. Nas pernas, usavam aparelhos que pareciam muito curtos e esboçavam as formas dos bezerros. E

na cabeça de cada um deles havia um objeto em forma de tigela virada para baixo, com uma margem estreita em torno dela. A coisa que me divertiu bastante, porque lhes dava um ar curioso. Mas então eu olhei para as mulheres.

Eu nunca havia visto nada parecido na minha vida. Algumas delas estavam quase descobertas na parte superior de seu corpo, mas em baixo, havia algo que chamaria de uma tenda negra. Elas pareciam não ter pernas e nem ser vistos seus pés. Com uma mão, seguravam um lado desta roupagem negra, isso parecia uma maneira que sua borda inferior não se arrastasse no pó.

Olhei para outras coisas. Edifícios, alguns de uma construção notável. Na rua - muito larga - avançava uma multidão de pessoas. Eles levavam alguns músicos no primeiro pelotão daquela tropa. Parecia muito brilhante, e eu pensei que se os instrumentos seriam de ouro e prata, mas quando passaram mais perto, percebi que eram ligas de cobre e alguns totalmente metálicos. Todos eles eram altos, com os rostos vermelhos e usava um uniforme marcial.

Page 59

Fez-me rir muito quando me dei conta do passso que davam. Levantavam as botas, que lhes chegavam muito alto, de forma que ambas as pernas, alternadamente, formavam uma linha horizontal.

Meu guarda sorriu e me disse: “Realmente, é um passo muito extravagante, se chama passo de ganso e é o que usa o exército alemão em determinadas cerimônias”.

O homem moveu de novo suas mãos, de novo as coisas detrás da janela do aparelho ficaram confusas e novamente pararam e se solidificaram.

“-Rússia”, ele disse, “A Terra dos Czares, Moscou”.

Olhei. O chão estava nevado; circulavam uns estranhos veículos como nunca os houvera imaginado. Um cavalo com arreios e enganchado a uma coisa que parecia uma ampla plataforma, com assentos fixos nela. Desta plataforma se elevava algo sobre o solo, apoiados por algo que pareciam ser tiras de metal. O cavalo arrastava esse objeto estranho pelo solo e, como ele estava se movendo, deixava depressões na neve.

Todos iam cobertos de peles e sua respiração parecia vapor gelado vindo de seus narizes e boca. Seus rostos se mostravam azulados, de

tanto frio. Então olhei para os prédios, pensando no quanto eram diferentes dos que acabava de ter visto. Eram grandes e incomuns, com grandes muralhas que os cercavam. Sobre elas se viam coroamentos em forma de bulbos, em forma de cebolas viradas para baixo, com suas raízes projetando-se para o céu.

"O Palácio do Czar", disse o meu carcereiro.

O brilho de um curso d'água atriu meus olhos, e me fez pensar em nosso Rio Feliz, que fazia tempo que não havia visto.

"Este é o rio de Moscou", disse o homem. "É naturalmente, um rio muito importante." Sobre seu curso se moviam estranhas embarcações de madeira, providas de grandes velas, penduradas dos mastros. Ventava pouco, assim essas velas estavam penduradas flácidas, e os tripulantes, com outros mastros que tinham umas fitas nas pontas, os moviam mergulhando-os no rio, e assim empurravam as embarcações.

"Mas, tudo isso – disse ao meu carcereiro --, não vejo a que nos conduz. É indubitável, meu senhor, que vi maravilhas; não duvido que sejam interessantes para muitas pessoas; mas, aonde entro eu com isso? Que estão tentando me demonstrar?"

Um pensamento súbito me ocorreu naquele momento. Algo havia passado pela cabeça quase inconscientemente durante aquelas últimas horas, que agora saltava a minha consciência com uma claridade insistente.

"Senhor seqüestrador! – exclamei – Quem sois? Sois, por acaso, Deuses mesmo?"

O homem me contemplou, bem mais pensativo, como se já estivesse farto de algumas perguntas obviamente inesperadas.
Ele passou a mão pelo rosto e cabelo, e encolheu os ombros levemente. Então, disse: "Você não vai querer entender o caso. Há coisas que não são compreendidas até que tenha alcançado um certo nível. Deixe-me responder por meio de uma pergunta: Se você estivesse em um mosteiro de lamas e uma de suas obrigações conssistisse em cuidar de um rebanho de iaques, gostaria de dialogar com um iaque que lhe perguntasse quem era você? "

Pensei uns momentos e lhe respondi: "Bem, senhor, não possso pensar que um iaque me dirigisse tal pergunta; mas se me fizesse uma que me fizesse crer que se tratava de um iaque dotado de inteligência, faria meus esforços para mostrar-lhe quem eu sou. Me perguntou, senhor, que faria eu diante de um iaque que me fizesse tal pergunta e eu lhe respondo que trataria de explicar-lhe tão bem como me fosse possível. Nas condições que supus, que era um monge encarregado de um grupo de iaques, os consideraria como meus próprios irmãos e irmãs,

ainda que eu e eles fossemos de formas diferentes. Gostaria de tentar explicar aos iaques que os monges acreditam na reencarnação. Gostaria de dizer também que todos vêm a este mudo para umas determinadas tarefas e um estudo de determinadas lições, com a finalidade de que nos Campos Celestiais possamos sempre preparar a nossa viagem sempre para regiões mais altas. "

Page 61

"Bem falado, monge, bem falado", replicou o homem. "Sinto em minha que tenho de admitir esta lição. Sim, tendes razão; surpreendeu-me de grande maneira, monge, pela percepção que haveis dado provas e, devo confessar-lhe, por vossa intransigência, já que haveis mostrado uma firmeza maior do que a que teria eu em circunstâncias semelhantes."

"Me sinto mais corajoso agora", eu disse. "Vós falais de mim como se eu pertencesse as mais baixas ordens. Num momento, havia me qualificado de selvagem, incivil, sem cultura, não sabendo de nada. Riu-se de mim quando lhe admiti a verdade, que eu não sabia nada das grandes cidades do mundo. Mas, meu senhor, lhe disse a verdade e admiti minha própria ignorância. Busco salvar-me dela, e vós não me prestais ajuda alguma. Volto a perguntar-vos, senhor: Capturaram-me inteiramente contra minha vontade; lhes permiti grandes liberdades para com meu corpo – que é o Templo de minha Alma --, dedicaram-se a uma grande série de experiências, aparentemente com a finalidade de impressionar-me. Poderíais impressionar-me todavia mais ainda, senhor, se respondêsseis a minha pergunta – porque a mim é o que importa saber. Volto a perguntar-vos – Quem sois vós?"

Durante algum tempo, permaneceu calado, demonstrando encontrar-se preocupado pela resposta. Então, disse: "Em sua linguagem, não existem palavras nem conceitos que tornem possível definir minha situação. Antes que um tema possa ser discutido, se requer um requisito especial: que por ambos os lados se interpretem da mesma maneira as mesmas palavras e que se possam coincidir em determinados conceitos.

No momento, permito-me dizer-lhe que sou um como os lamas médicos do vosso Chakpori. Tenho a meu cargo a responsabilidade de cuidar de seu corpo físico e preparar-vos de forma que possais ser levado a saber, quando chegue à conclusão de que já vos encontrais com suficientes capacidades de receber desse conhecimento. Até que não estejais pleno deste, toda discussão sobre quem sou eu, ou quem deixo de ser, perde todo o sentido. Apenas peço que aceiteis que tudo o quanto fazemos é para o bem dos demais, e que apesar de estardes muito irritado...

...
com o que você acredita que sejam as liberdades que nos permitimos para com você, quando você entenderes quais os nossos propósitos, quando você souber quem somos e quando você souber que você e seus seguidores, quem são, você vai mudar a sua mente."

Com estas palavras, desligou a minha luz e eu o ouvi sair da sala. Outra vez, eu estava na noite escura da minha cegueira, somente com os meus pensamentos.

"Noite escura do cego, é bem negra, é verdade! Quando eu era privado dos meus olhos, pelos dedos imundos de um chinês, tinha sofrido uma agonia e, apesar dos meus olhos serem arrancados, eu tinha visto, ou me parecia ter visto, redemoinhos, faíscas brilhantes de luz sem figura ou forma. Tudo isso foi por poucos dias aos quais se seguiram minha desgraça. Mas me disseram agora que um dispositivo foi conectado ao
meu nervo óptico e podia, na verdade, acreditar. Ele, que tinha me capturado, havia cortado minha luz agora, mas em mim, uma espécie de posmemoria permanecia constante. Novamente eu senti a peculiar sensação contraditória de cegueira e de luz formigando em minha cabeça. Cito duas coisas que parecem contrárias, mas era o que eu sentia, entre minha cegueira e o brilho de um turbilhão de faíscas.

Por um tempo, fiquei pensando sobre o que acontecia. O pensamento me ocorreu foi que devia estar morto ou bem louco, e que todas essas coisas foram apenas invenção de uma mente deixando o mundo consciente. Minha formação sacerdotal veio para me ajudar. Eu usei a antiga disciplina para reorientar os meus pensamentos.

Parei a minha razão para permitir assim que o Superego prevalecesse. Não se tratava de imaginações, era uma coisa real;
Eu era utilizado por Grandes Poderes para Grandes Projetos. Meu terror e meu pânico desapareceram. A calma voltou à minha alma e por algum tempo ressoou em meu espírito acompanhada pelo rítmico tique-taque do meu coração. "Eu poderia ter me conduzido de outra forma? Refleti. Se ele agiu com o devido cuidado ante alguns conceitos que para mim eram novos?”

O Grande Décimo-Terceiro* teria agido diferente em semelhante situação? Minha consciência era clara. Meu dever, simples. Devia continuar comportando-me como teria feito um bom sacerdote do Tibete,

assim, tudo andaria por um bom caminho. Me invadiu a paz, um sentimento de bem-estar me envolveu como uma manta de lã de iaque, me protegendo do frio.

Insensivelmente caí num sono profundo e tranqüilo.
O mundo girava. Tudo parecia estar subindo e descendo. Uma forte sensação de movimento e um "clang" metálico me despertaram bruscamente daquele sono profundo. Eu me movia, a mesa onde eu estava deitado se movia assim mesmo. Percebi o ruído cristalino dos objetos à minha volta. Lembrei que esses objetos estavam unidos a uma mesa. Agora todos estavam em movimento.

Umas vozes me rodeavam. Altas e baixas. Discutindo sobre minha pessoa, temi. Eram umas vozes raras, diferentes de tudo quanto havia escutado. A mesa aonde me encontrava deitado se movia em um movimento silencioso.

Não rodava, nem se arrastava pelo piso. Somente flutuando. Algo da maneira que deve sentir uma pluma quando é arrastada pelo vento.
Em um dado momento, o movimento da mesa mudou de direção. Era certo que me conduziam ao longo de um corredor. Não demoramos a chegar num quarto muito grande.

Os ecos ressoavam muito distantes. Se produziu um arraste bem fraco e minha mesa pousou com um ruído que minha experiência dizia ser o de um solo "rochoso", mas, como podia ser assim? Como poderia encontrar-me de repente dentro do que meus sentidos diziam ser uma caverna? Minha curiosidade logo se acalmou, ou melhor, estava mais aguçada? Nunca estive certo disso.

Percebi um diálogo contínuo a meu redor, sempre em linguagem para mim desconhecida. Com o ruído da minha mesa de metal ao tocar o solo, uma mão tocou minhas costas e a voz de meu captor proferiu: "Vamos, agora, devolver-lhe a vista; já haveis repousado o suficiente." Escutei um "clac" e um "clic". Algumas cores dançavam a minha volta, luzes brilhavam, se faziam menos intensas e paravam em algumas formas.

. (*) O Décimo-Terceiro Dalai Lama.

Não formas que eu compreendesse, que me dissessem algo. Eu continu- ava estendido ali, perguntando-me de que se tratava tudo aquilo. Produ- ziu-se então, um silêncio de expectativa. Podia sentir que algumas pessoas estavam ali, olhando-me. Então chegou a meus ouvidos uma seca, aguda, quase gritada pergunta: os passos de meu carcereiro aproxima ram- se depressa. "Não podeis ver nada?", me perguntou.

“Vejo umas estruturas curiosas”, lhe respondi. “Para mim, não têm significado. São linhas flutuantes, cores fugazes e luzes cintilantes. Isso é o que vejo.”

O homem murmurou algo e afastou-se com pressa. Produziu-se um ruído metálico de vários objetos de uma só vez. Tudo dançava como um louco delírio de raras formações. De repente parou, e eu enxerguei.

Ali estava uma grande caverna, alta, com uns trinta metros ou talvez mais. Seu comprimento e sua largura escapavam de meus cálculos porque desapareciam do alcance de minha visão. Aquele lugar de vastas dimensões continha algo que só posso comparar a um anfiteatro, e culos assentos eram instalados em abundância – como vou chamar-lhes? – umas criaturas que só podiam ter vindo de um catálogo de deuses e demônios. Mas, por estranhos que fossem aqueles seres, um objeto mais raro todavia, estava suspenso no centro da caverna. Era um globo que logo reconheci como sendo a Terra, suspenso na minha frente, rodando lentamente enquanto que uma luz distante o iluminava como a luz do Sol ilumina a Terra.

Agora reinava um profundo silêncio. Aquelas estranhas criaturas , todas olhavam a mim. Eu também os olhava, se bem que me sentia pequeno, insignificante, ante aquela poderosa assembléia. Ali estavam homens e mulheres pequenos, que pareciam perfeitos em todos os detalhes e de uma semelhança divina. Irradiando uma aura de pureza e paz. Outros, também parecidos com seres humanos, se bem que dotados de curiosas e incríveis cabeças de pássaros, dotados de escamas ou penas (não me era possível distinguir bem). Suas mãos, ainda que de forma humana, terminavam em assombrosas escamas ou garras. Também se viam gigantes. Criaturas imensas, que se erguiam como estátuas e projetavam suas sombras por cima de seus pequenos companheiros.

Eram, todos eles, inegavelmente humanos, se bem que de um tamanho que ultrapassa toda compreensão. Homens e mulheres, machos e fêmeas. E outros que eram as duas coisas, ou nenhuma das duas. Todo aquele mundo me olhava e eu parecia pequeno ao olhar deles.

A um lado, sentava uma criatura semelhante a um deus, de olhar severo e majestosa atitude. Entre brilhantes e vivas cores, estava sentada,
calmamente regia como um deus em seu céu. Então falou, outra vez em seu idioma desconhecido. Meu captor, rapidamente foi até a mim e se inclinou, dizendo-me: “Tenho que colocar em seus ouvido estas coisas – me disse – e então compreenderá todas as palavras que aqui se digam.

Não temas”. Tomou entre seus dedos a borda superior de meu ouvido direito e o levantou com uma mão. Com a outra introduziu algo no orifí-
cio do ouvido. Deu a volta em um botão situado em uma caixinha que estava ao lado de minha garganta e percebi alguns ruídos. Então regulou o aparelho de forma que eu pudesse compreender a língua que até então havia sido ininteligível. Não tive tempo para admirar esta maravilha, já que me via obrigado a escutar as vozes que se produziam a minha volta; vozes que, agora, compreendia.

Compreendia as vozes, isso sim, mas a magnitude dos conceitos esta- va mais além de minha imaginação limitada. Era eu um pobre sacerdote do que havia sido descrito como “país de selvagens”, e minha compreen- são não alcançava a entender o significado de tudo aquilo que agora escutava e que havia imaginado que seria inteligível.
Meu carcereiro observou que me encontrava rodeado de obstáculos e se aproximou de mim

“Que lhe acontece?”, murmurou ele a meu ouvido.

“Não estou bastante estudado para entender o sentido do que dizem. Não posso compreender pensamentos tão elevados; unicamente capto as palavras”, lhe murmurei no seu ouvido, ao meu tempo.

Page 66

Com uma expressão mais que preocupada em seu rosto, ele se dirigiu a um alto-oficial – vestido de cores brilhantes --, o qual estava do lado do Mais Grande. Estabeleceu-se uma conversa em voz baixa; então vieram os dois em minha direção.

Tentei seguir aquele diálogo que se referia a minha pessoa, mas não consegui meu intento. Meu captor se abaixou até a mim e murmurou: “Explique ao ajudante vossas dificuldades.”

“Ajudante?” lhe respondi: “Não entendo o que significa esta palavra.” Nunca em minha vida havia me sentido tão deslocado, tão ignorante e frustrado. Nunca até então havia encontrado a mim mesmo mais fora de meu centro. O ajudante sorriu olhando-me e disse: “Compreendeis agora o que estou dizendo?”

“Perfeitamente, senhor – lhe respondi --, mas estou estou na mais completa ignorância do conteúdo das palavras do Grande.
Não posso compreender o tema; os conceitos me ultrapassam.” Assentiu com a cabeça, e disse: “Terá que jogar a culpa em nosso tradutor automático. Não tem importância nenhuma; o Cirurgião Geral, que supomos que se refere a ele quando fala de seu captor, carcereiro, tratará deste assunto e o preparará para a próxima sessão. É um

detalhe de uma importância minúscula; vou ir explicar ao Almirante".

Saudou amistosamente com uma inclinação de cabeça e marchou a largos passos até ao Grande. Almirante? Que devia ser?, me perguntei. O que era um Ajudante? Esses termos, para mim, careciam de todo o senti- do. Me dispus a aguardar os acontecimentos. Aquele a quem chamavam o Ajudante, chegou ao Grande e lhe falou tranquilamente. Ambos pare- ciam calmos, tranquilos. O Grande assentiu com a cabeça e então o Ajudante fez sinais que chamavam o Cirurgião Geral, ou seja, meu captor. Este se aproximou e entre os dois se estabeleceu uma anomada discussão. Finalmente, aquele de quem eu era prisioneiro colocou sua mão direita sobre sua cabeça com uns gestos estranhos que observei, voltou-se para mim a aproximou-se rapidamente; fazendo gestos, pelo que parecia, a uma pessoa que estava totalmente fora de meu campo visual.

Page 67

A conversa continuou. Não houve interrupção nenhuma. Um homem quadrado estava ali de pé e tive a impressão que se discutia algo sobre suprimentos. Uma estranha mulher saltou sobre seus pés e dissa, o que pareceu, uma resposta. Aparentemente, se tratava de um enérgico protesto por algo que aquele homem havia dito. Então, com o rosto avermelhado – de raiva? – a mulher se sentou bruscamente. O homem continuou impertubável. Meu raptor se aproximou de mim, sussurrando: "Estou aborrecido; eu disse que érais um selvagem ignorante". Contrariado, retirou os objetos que eu levava nos ouvidos. Com um gesto de sua mão, instantaneamente voltou a me privar de luz.

Então experimentei a sensação de que a mesa sobre a qual eu me encontrava se movia, abandonando a grande caverna. Sem nenhum cuidado minha mesa e todo o equipamento foi empurrado ao longo de um corredor; logo se prduziram diversos sons metálicos, uma súbita mudança de direção e uma desagradável sensação de queda. Com um estrondo metálico, minha mesa se chocou contra o solo e suspeitei que de novo me encontrava na habitação metálica, de onde havia saído. Vozes bruscas, susurrar de roupas e ruídos de pés que se arrastavam. Escutei o deslizar das portas metálicas, e outra vez me encontrava só, com meus pensamentos.

Quem eram todos eles? Quem era o Almirante? Quem, o ajudante? Por que aquele que me aprisionava se chamava Cirurgião Geral? Que posto ocupava? O conjunto de todas essas palavras era coisa, para mim, remota. Estava deitado com as faces ardentes, sofrendo de um calor insuportável. Me incomodava o indescritível fato do qual havia compreendido tão poucas coisas. Definitivamente, absolutamente, havia

me comportado como um selvagem ignorante. Haviam sentido quanto a mim o mesmo que eu haveria sentido com respeito a um iaque que eu tivesse tomado por uma pessoa consciente e houvesse me dirigido a ele sem resultado algum. Me vieram grandes suores, considerando até que ponto eu havia desonrado minha casta sacerdotal por minha total incapacidade de entender alguma coisa.

Me senti horrivelmente mal!

Page 68

Ali estava eu, presa de minha desgraça, de meuss mais negros e ignóbeis pensamentos; cheio do mais negro temor de que fossemos todos nós uns selvagens, em relação a aquelas pessoas desconhecidas. Jazia ali, e suava!

A porta rangeu abrindo-se, e rindo e falando alguém entrou na habitação. Eram aquelas nefastas mulheres outra vez. Com muita coragem arrancaram minha túnica e outra vez fiquei só de fraldas como um recém-nascido.. Sem cerimônias, me deram voltas ao redor, me untaram de algo pegajoso. Me deram outra volta violenta pelo outro lado. Logo se produziu um grande puxão quando a borda da túnica foi empurrada embaixo de minha pessoa. Por um momento, acreditei que me tiravan fora da mesa. Mãos de mulher me agarraram e com esforço me esfregaram com ásperas e fortes soluções. Fui objeto de uma forte massagem com algo que podía ser vinho branco envelhecido. As partes mais íntimas de meu corpo foram mexidas e pintadas; extranhos objetos foram introduzidos nelas.

Passava o tempo lentamente. Eu me sentia asqueado mais além do que podia resistir; mas não podía fazer nada. Se Ele havia me imobilizado precisamente para evitar essa contingência. Mas, então por se começar um movimento dessa natureza temí que fose objeto de torturas. Aquelas mulheres tirariam meus braços e minhas pernas e os retorcerão e dobrarão en todos los ângulos posiveis. Mãos ásperas se fundian em meus músculos e os amasavam como se fosse una cocheira. Golpes dados con os nós dos dedos marcariam depressões em meus órgãos e me cortariam o alimento. Minhas pernas foram abertas amplamente e aquelas mulheres eternamente charlatãs me vestiram umas largas mangas por meus pés, ao longo de minhas pernas e até cerca de minhas cadeiras. Me levantariam pela nuca, de maneira que me sustendiam direto da cintura pra cima. Então me puseram uma variedade de

vestiduras que me cobriam a parte superior do corpo e se amarrava sobre meu peito e meu abdômem.

Page 69

Uma espuma estranha e malcheirosa se fez sentir sobre meu couro cabeludo; depois, num instante, um rumor vibrante se deixou escutar. A causa daquele ruido me impresionou e me fez ranger os dentes, os poucos que me ficaram depois que los chineses me haviam quebrado quase todos. Era a sensação de que estavam me tosquiando e me recordava de quando se percebebe que estão tosquiando iaques para aproveitar sua lã.. Uma esfregada áspera, tão áspera que sem dúvida machucava minha pele, me foi administrada, e outra sensação brumosa, descendo sobre minha cabeça indefesa.

A porta se deslizou de novo e me chegou o som de vozes masculinas. Reconheci numa delas: a de meu carcereiro. Este se aproximou de mim, dizendo-me: "Vamos abrir vosso crânio; não tem que preocupar-se por isso. Agora poremos uns eletrodos, diretamente em sua "As palavras, para mim, careciam de todo sentido, já que não estava em meu poder
decidir nada de nada.

Uns raros aromas invadiram o ar. As mulheres tagarelas permaneciam em silêncio. Cessou toda a conversação. Ele se percebia do ruído de metal dando contra metal. Sobreveio um borbulhar de fluidos e experimentei uma súbita e aguda picada na parte superior de meu braço esquerdo. Violentamente, me agarraram pelo nariz, algum estranho artefato de forma tubular foi empurrado acima pelos canais do nariz e logo dentro de minha garganta. Em volta de meu crânio notei uma sucessão de pontadas que instantâneamente me provocaram uma dormência.

Produziu-se então algo como um lamento muito agudo e uma horrenda máquina tocou meu crânio e se arrastou a sua volta. Eles serravam o topo de meu crânio. Aquela pulsação, com seu chirriar terrível, penetrava em todos os átomos de meu ser; tinha a sensação de que todos os ossos de meu corpo inteiro vibravam em protesto.

Ao final — como podía senti-lo muito bem — a cúpula superior que havia em minha cabeça foi cortada redonda com uma pequena mancha em exceção da carne, que serviu como uma dobradiça para meu cérebro. Eu, naquele momento, me sentia aterrorizado. Uma estranha forma de terror; porque ainda que estivesse aterrorizado, me sentia determinado a não fazer a menor queixa, ainda que tivesse que morrer..

Page 70

Indescritíveis sensações me tomavam. Sem nenhum motivo aparente, minha boca lançou um "Ah!", interminável. De repente, meus dedos se crisparam com violência. Cócegas em meu nariz, me obrigavam a espirrar, ainda que não pudesse espirrar com efeito.

Mas o que seguiu-se imediatamente foi pior. Imediatamente, vi que tinha enfrente, e de pé, a meu avô materno. Estava vestido como um oficial do governo. Me falava com una amável sorriso no rosto. Olhei para ele, então me veio um pensamento: não o enxergava. Eu não tinha olhos. Que magia era aquela? Durante minha primeira exclamação, enquanto a figura de meu avô se desvanecía, meu carcereiro se aproximou, perguntando-me: "O que está acontecendo?" Eu lhe respondí: "Oh, não é nada!". Então, ele me disse: "Estamos meramente estimulando certos centros do cérebro para que possais comprender mais facilmente. Estamos certos de vossa capacidade; mas tem sido vítima da preguiça e medo da superstição, que não permitem uma abertura suficiente de vossa comprensão. Agora estamos remediando vossa deficiência."

Uma mulher introduziu as pequenas peças em meus ouvidos, e pela rudeza de suas mãos poderia fincar tachinhas no piso mais firme. Escutei um "clic" e pude compreender a linguagem extraterrestre. Pude também entender o que escutava. Palavras como "córtex", "medula oblonga", "psicossomático", e outras me eram conhecidas, em si mesmas e relacionadas com outros termos. Meu índice básico de inteligência havia subido — e sabía todos aqueles significados —. Mas lo que estava acontecendo era para mim uma verdadeira prova. Era extenuante. O tempo parecía ter parado. Parecia que ao meu redor, se produziu um trânsito inacabável de pessoas. O falatório, não acabava nunca. Tudo foi desgastante. Eu ansiava por sair daquele lugar o quanto antes; Ir pra longe de um lugar aonde haviam cortado o topo de meu crânio, igual à casca de ovo cozido. Não porque eu houvesse visto alguma vez ovos fervidos e duros em minha vida, porque isto era destinado aos mercadores e gente de dinheiro, e não a pobres sacerdotes que viviam só de tsampa.

De vez em quando, pessoas que estavam a meu redor me dirigiam observações e perguntas: Como me sentia? Se a operação doía, se eu pensava que ia ver alguma coisa, que cor imaginava que ia ver?

Meu carcereiro estava continuamente a meu lado e me explicou que, havendo sido estimulados alguns centros cerebrais durante o decorrer do tratamento, poderia experimentar sensações que me assustassem.

Assustar-me? Não havia deixado de sentir medo durante o tratamento inteiro, lhe respondi. Ele riu ante a minha resposta, e me disse, rapidamente que, como resultado do tratamento que então eu experimentara, teria que viver toda minha vida como solitário, devido às percepções supersensíveis que eu sentiria. Nada viveria comigo, me disse, até que ao fim de minha existência um jovem chegaria a quem eu comunicaria todos meus conhecimentos e, mais adiante, los exporia ante um mundo incrédulo.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, o topo de meu crânio foi de volta ao seu lugar. Uns estranhos ganchos serviram para unir as duas metades. Em volta de minha cabeça enrolaram com várias voltas de uma venda de tela. Depois todo mundo se foi, exceto uma mulher que se sentou à minha cabeceira; pê-lo ruído de papel podia se compreender que lia, desatentando a seu dever. Depois chegou a meus ouvidos o ruído de um livro que caía e os roncos compassados da mulher. Eu então também decidi dormir.

Capítulo cinco

Imediatamente, o velho ermitão parou de falar e aplicou ambas as mãos com os dedos extendidos, sobre o solo arenoso que se encontrava a seu lado. Ligeramente, esses dedos sensíveis tomaram contato com o solo. Ele se concentrou um momento e depois disse:

"-Ao entardecer, receberemos uma visita". O jovem monge, com os olhos mirando o ancião, lhe formulou uma pergunta muda. Um visitante? Quem poderia chegar até ali? Como o ancião podia estar tão seguro? Nada se havia ouvido, nenhuma mudança nas vozes da natureza fora da caverna. Porque talvez estiveram ambos dez minutos sentados e tesos, expectantes ali? Súbitamente, o oval iluminado que dava entrada a la caverna se escureceu progressivamente.

“-Estáis aquí, ermitão?”, chiou uma voz aguda.
“Báh! Por quê os ermitãos tem que viver em solidões tão obscuras e afastadas?”

Dentro da caverna, apresentou-se um monge, baixinho e gordo que levava um saco sobre suas costas.
“ - Lhe trouxe um pouco de chá e cevada”, disse. “ - Era para o eremitório das distâncias; mas eles, já se encontravam abastecidos; e eu não quiero regressar com a carga.” Com gesto de satisfação, baixou o saco das costas e deixou cair ao solo. Logo, como um homem cansado, se deixou cair sentado, ao solo, com as costas contra a parede. Iria desalinhá-lo!, pensou o jovem monge; porquê não se senta corretamente, como é devido? Mas, naquele instante achou a resposta: o outro monge estava impossibilitado, por sua gordura, de sentar-se cruzando as pernas de qualquer maneira.

O velho ermitão lhe falou amavelmente: “- Muito bem! Que notícias nos trás? Que passa pelo mundo?”
O monge mensageiro, queixando-se e lamentando-se, lhe respondeu: “ – Queria que me desse alguma medicina para curar esta minha gordura. Em Chakpori, me disseram que tenho perturbações glandulares; mas não me disseram nada que pudesse...”

Page 73

Seus olhos, agora adaptados a profunda escuridão da caverna — depois de ter vindo de una brilhante luz solar — olharam a seu redor. “- Ah! Vejo que tens aqui o Jovem Monge – exclamou – Como se comporta? É tão brilhante quanto dizem?”
Sem aguardar resposta, continuou dizendo: “Uma caída de rocas, fazem poucos dias. O ermitão da ermita mais longínqua foi atrapalhado por uma roca que caiu num precipício. Serviu de pasto para os abutres.”

Me descadeirava de rir ante a idéia. “O solitário da caverna, então, morreu de sede. Só haviam os dois. O ermitão na propriedade e ela que se empedrou. Sem água não há vida. Não é assim?

O jovem monge permanecia silencioso, pensando nos eremitas solitários. Homens raros que sentiram uma “chamada” que os conduz a retirar-se de todo e qualquer contato com o mundo do Homem. Acompanhado por um monge voluntário, o tal “solitário” caminharia pelos francos da montanha até encontrar uma ermita abandonada. Ali o “solitário” penetraria em uma habitação sem janelas. Seu guardião voluntário levantaria uma parede, de maneira que o eremita jamais pudesse abandonar sua habitação. No muro havia apenas uma abertura suficiente para que passasse uma tigela. Através desta, a cada dois dias lhe passariam uma tigela de água de uma fonte vizinha na montanha

e um punhado de grãos. Uma única fresta de luz entraria na frente do solitário. Nunca, jamais falaria com ninguém e ninguém falaria com ele. Ali, tanto quanto vivesse, estaria em meditação, liberando o corpo astral do físico e viajando distante, nos planos astrais. Nenhuma enfermidade, nenhuma mudança de decisão afetaria sua liberação. Fora da habitação lacrada o ermitão podia viver e ter sua própria existência, procurando sempre que nenhum vendaval chegasse até o solitário emparedado. Mas, se caso o companheiro adoecesse ou morresse, ou se perdesse a compaixão pela montanha, então o eremita forçosamente teria que morrer, geralmente de sede.

Em sua pequena propriedade, sem aquecimento algum, por cru que fosse o tempo, o Eremita teria a sua habitação. Água para dois dias. Água fria, jamais água esquentada, nada de chá, tão só água glacial que sai das geladas faldas da montanha. Nada de comida quente. Um punhado de cevada para dois dias.

Page 74

No princípio, os tormentos do homem deviam ser tremendos, quando o estômago se contraía. As torturas da sede seriam ainda piores.
O corpo se desidrataria, tornando-se quebradiço. Os músculos se endureceriam e desapareceriam, atacados pela falta de alimento, de água e de exercício. As funções normais do corpo quase cessariam, a medida que se tomasse menos água e comida. Mas o eremita jamais abandonará sua estância. Tudo quanto deverá ser feito, tudo quanto a Natureza lhe obrigar a fazer, terá que se suceder em um rincão da habitação de onde o tempo e o frio reduzem seus despojos a cinzentos glaciais.

Primeiro desaparecerá o sentido da vista. Imediatamente se produzirão inúteis esforços contra a escuridão. A imaginação, em suas fases iniciais, proporcionará algumas claridades, quase autênticas e luminosas “cenas”.
As pupilas se dilatarão progressivamente e, ao próprio tempo, os músculos dos olhos relaxando-se de modo que se uma avalanche consumisse o teto da ermida, a luz do Sol abrasasse a vista do ermitão ou mesmo que se a consumisse um raio.

O ouvido se tornará sensível, mais do que o normal. Sons imaginários torturarão o eremita. Escutará fragmentos de conversas trazidas pelo ar e desaparecidas tão rápido que o eremita poderá escutá-las. A compensação não tardará. Sentirá qualquer ruído a seu lado, em frente, a suas costas. Escutará se aproximar-se de uma parede. A mais ligeira alteração do ar, ao levantar um braço, ressoará em seu interior como um vendaval. Não tardará a escutar os latidos de seu coração, como uma máquina potente, latindo incansável. Depois serão os rumores dos fluidos dentro do corpo, a exalação dos órgãos

excretores e, quando seus sentidos alcançarem uma maior agudez, o tênue resvalar de um tecido muscular contra outro.

Page 75

A mente fará tratos raros ao corpo. Imagens lascivas atormentarão as glândulas. As paredes da habitação no escuro parecerão aumentar-se e o eremita terá a nítida impressão de haver sido triturado. A respiração se tornará esforçada, a medida que o o ar houver sido mais corrompido.

Apenas a cada dois dias a pedra que tampa a pequena abertura será afastada para que se possa passar através dela a cuia de água, o punhado de cevada e uma porção de ar vital com eles.

Depois voltaria a se fechar a abertura.

Quando o corpo houver sido dominado e todas suas sensações sujeitadas, o corpo astral flutuará livre como fumaça saindo de uma fogueira.

O corpo material jazerá em posição supina sobre o solo e unicamente o Cordão de Prata unirá aos dois. Através das paredes de rocha, o astral passará. Pelos desfiladeiros cheios de precipícios viajará, saboreando as satisfações de sentir-se livre das cadeias carnais. Deslizará até os conventos de lamas e os lamas dotados de telepatia e clarividência conversarão com o eremita. Nem a neve nem a noite nem o dia, nem o calor ou o frio, lhe poderão ser estorvo;

Nem as portas mais robustas irão causar-lhe o menor obstáculo. As salas de conselhos no mundo inteiro se lhe abrirão e não haverá vista nem experiência que ao viajante astral possam ser fechadas.

O jovem monge estava pensando todas essas coisas, e logo pensou naquele eremita, jazendo morto muito longe dali, mais acima da montanha. O monge gordo não parava de tagarelar: "-Agora, tenho que quebrar a parede e tirar o morto Irei a ermida e chamarei, antes, pelo buraco na parede. Uf! Que peste! Está morto de todo. Não o podemos deixar lá em cima. Irei a Drepung por ajuda. Bom, os abutres vão ficar contentes quando deixarmos fora o morto. Lhes gosta muito sua carne e estão parados perto da ermida grasnando já por ele. Ai de mim! Tenho que montar em meu velho cavalo e cortar caminho, não tenho o tipo para essas viagens pela montanha".

O monge gordo moveu vagamente uma mão no ar se encaminhou até a entrada da cova. O jovem, se levantou esforçadamente por haver machucado uma perna, o que o fez murmurar algumas palavras por baixo.

Page 76

Com curiosidade, seguiu a marcha do monge obeso quando saiu da caverna.

Um cavalo estava pastando a suas costas pela enrarecida vegetação.
O monge gordo, com passo vacilante, se aproximou dele e montou em cima de maneira cansativa. Pouco a pouco, o monge e a cavalgadura se dirigiram até o lago, aonde lhe aguardavam outras pessoas e suas montaduras. O jovem monge permaneceu ali até que se perderam todos de vista. Suspirando angustiosamente, se voltou para olhar as altas penhas que se levantavam ao céu. Longe, os Muros da Ermida de Mais Longe.brilhavam em branco e verde à luz do sol.

Por um ano inteiro, um eremita e seu auxiliar haviam trabalhado com afinco para construir o eremitério com as pedras espalhadas a seu redor. Transportando-as ao lugar citado, ajustando pedra sobre pedra, e construindo em seu interior uma habitação, na qual não pudesse penetrar nem a luz em seu último rincão.

Durante um ano trabalharam até que a estrutura básica lhes satisfez. Logo veio o trabalho de fabricar uma parede com aquelas pedras e branqueá-la até fazê-la resplandecente.

Depois fois questão de pintar as paredes que se projetavam sobre os abismos.

Para ele se havia triturado previamente o ocre e dissolvido a cor em água de uma fonte próxima. A decoração teria que ser um monumento a piedade humana. Durante todo este tempo, tanto o eremita como seu ajudante não trocaram entre os dos nem uma só palavra. Havia chegado o día em que o eremitério estava acabado e consagrado. O eremita havía olhado a longe, na direção de Lhasa uma vez por outra.

O mundo do homem. Havia Lá girado lentamente para entrar no eremitério e cair morto aos pés de seu ajudante.

Através dos anos, muitos haviam sido eremitas naquele eremitério. Haviam vivido emparedados, na habitação interior, de muros de pedra. Haviam alimentado aos abutres, sempre dispostos a devorar. Agora, outro havia sucumbido. De sede. Sem esperanças. Uma vez desaparecido seu ajudante, desaparecia todo o auxilio, a água vital. Não havia mais solução que restasse e morrer. O jovem monge lançou uma olhada, abraçando o eremitério e o precipício. Brilhantes prados do lado da montanha.

Page 77

Um corte se abria, em linha reta, através dos líquens e passava as rochas. Mais abaixo, no costado da montanha, se via um monte de rochas

recém-derrubadas.

Debaixo das rochas havia um corpo.
Preocupado, o jovem entrou na caverna, apanhou o balde e se encaminhou ao lago, buscar água. Depois de haver limpado o balde, o encheu de água e se preparou para prosseguir sua tarefa. Olhou ao redor e franziu as sombrancelhas com desânimo. Não se via por nenhum lugar galhos ou ramos caídos. Teria que ir até mais longe, em busca de combustível. Buscou, então, entre o matagal. Pequenos animais se detiveram, em sua infindável busca de comida e se ergueram sobre as patas traseiras, olhando cheias de curiosidade o invasor de seus domínios. Aqui não existia o medo, os animais não temiam o Homem, porque o Homem vivia em paz e harmonia com os animais.

Finalmente, o jovem monge chegou até um lugar aonde se encontrava uma pequena árvore caída. Depois de haver desgalhado os maiores galhos que permitiam seu vigor juvenil, voltou atrás, uma por uma, as foi arrastando até a boca da caverna. Com o conteúdo do recipiente preparou o chá com tsampa em poucos momentos. O velho eremita bebía satisfeito aquele chá quente. O jovem monge se sentia fascinado vendo como o velho tomava o chá. No Tibete, toda vasilha se segura com as duas mãos, em sinal de respeito pelo manjar que nos alimenta. O velho eremita, através de uma larga prática, segurava a cuia com ambas as mãos, de forma que um dedo de cada uma se aplicasse à borda interna da vasilha. Assim não se arriscava a esparramá-lo, já que um dos dedos, umedecendo-se, lhe adverteria. Agora, estava sentado e satisfeito, apreciando de grande maneira o chá quente, depois de décadas de água fria.

O estranho – observou – que, depois de mais de setenta anos da mais rigorosa austeridade, agora lhe confortava o chá quente. Também me agradava o calor confortante que nos causava o fogo..

"-Notou como esquenta o ar de nossa caverna?"

O jovem monge o olhou, cheio de compaixão.
"-Nunca houvera saído daqui, Venerável?", lhe perguntou.
"-Não, nunca – respondeu o eremita – Aqui conheço todas e cada uma das pedras. Aqui dentro, a carência de visão quase não me representa um incômodo, mas fora existem pedras escorregadias e precipícios, é outra coisa! Poderia caminhar pela ribeira e cair no lago, poderia abandonar a caverna e perder o caminho de volta".

“-Venerável! – disse o jovem monge, um pouco incrédulo – Como pudeste chegar a esta tão distante, quase inacessível caverna? Um golpe de sorte?”

“-Não, não foi assim – respondeu o ancião – Quando os Homens do Outro Mundo acabaram suas tarefas para comigo, me depositaram aqui. Fizeram esta caverna especialmente para mim!”

Dizendo estas palavras, se ajeitou em seu assento com um sorriso de satisfação, conhecendo muito bem o efeito produzido sobre seu interlocutor. O jovem monge quase caiu de costas, pela surpresa.

“Fabricada para vós – exclamou com veemência – mas como puderam cavar um agulheiro semelhante na montanha?”

O velho sorriu complazido.

“-Dois homens me trouxeram aqui – disse --, me trouxeram numa plataforma que voava pelos ares, como os pássaros. Não fazia o menor ruído, menos que os pássaros, porque gralham, posso escutar suas asas quando açoitam o ar, e suas penas quando entre elas passa o vento. O objeto sobre o qual cheguei aqui era silencioso como uma sombra. Subiu pelos ares sem esforço algum; não se percebia nenhum arraste, nem sensação de velocidade alguma. Os dois homens o fizeram descer precisamente aqui.”

“-Mas, por que exatamente aqui, Venerável?” – perguntou o jovem monge.

“-Por quê? – respondeu o ancião – Pensa nas vantagens desta localização. Está entre cem e duzentos metros do caminho dos mercadores, e estes para fazermem consultas e buscar minhas bênçãos me pagam com provisões de cevada.

Está perto de uns senderos que conduzen a dois conventos de lamas e sete ermidas. Não posso morrer de fome, aqui. Me dão notícias. Os lamas me visitam; conhecem minha missão. E também a vossa.”

“- Sim, Senhor – insistiu o jovem monge – sem dúvida causou uma grande impressão, quando os caminhantes descobriram uma profunda caverna aonde antes não havia nenhuma.”

“-Jovem – replicou o eremita --, já haveis estado por estas paragens. Haveis dado conta alguma vez que havia alguma caverna por esses lados? Não? Pois não existem menos de nove. Não lhes interessan as cavernas e por isso não haveis se dado conta delas.”

“-Mas, como puderam fazer a caverna os dois homens? Deve ter lhes custado meses de trabalho!”, disse, maravilhando-se, o jovem monge.

"- A fizeram mediante a magia que eles chamam ciência atômica", respondeu pacientemente o ancião.

"Um deles dois, sentado na plataforma voadora, vigiou se havia gente por perto daqui. O outro levava na mão um pequeno aparelho. Então houve um ruído como todos os diabos famintos e, segundo eles me explicaram, a rocha se evaporou, deixando dois espaços. Dentro de minha habitação há um manancial — uma goteira — de água, com a qual posso encher por duas vezes ao dia minha vasilha. É mais que suficiente para o que necessito; assim não preciso ir al lago pela água. Quando não tenho cevada — coisa que me ocorre de vez em quando — me sustento do líquem que se encontra no interior da caverna. Não é nada gostoso; mas sustenta a vida até que volto a ter cevada."

O jovem monge se ergueu e se dirigiu até a saída da caverna. Sim; a rocha tinha uma estrutura peculiar, ao estilo dos túneis de vulcões apagados que ele havia visto nas terras altas de Chang Tang. A rocha parecia ter sido fundida, escorrida, esfriada, e convertida em uma superficie cristalina e áspera, sem rugas nem saliências. Poderia se dizer que a superficie era transparente, já que através de sua espessura se podíam divisar as estrias de rocha natural, aonde brilhavam, aqui e lá, veias de ouro.

Em um ponto da parede, viu como o ouro havia se

---

fundido e escorrido como um líquido espesso e logo havia sido recoberto, quando o dióxido de sílicio havia cristalizado ao esfriar-se. A caverna possuía os muros de vidro natural! Mas precisava fazer as tarefas domésticas; não era hora de conversa Tinha que varrer o chão, trazer água e partir os troncos em pedaços adequados para que servissem de lenha.

O jovem monge empunhou os galhos que serviam de vassoura e se pôs a fazer a tarefa com entusiasmo. Varreu o espaço aonde dormia as noites e foi empurrando as varreduras até a entrada, sempre varrendo. Num momento, o galho que servia de vassoura bateu num pequeno monte que havia no solo, o removeu e descobriu ser este um objeto de cor entre pardo e esverdeado. Zangado, o jovem monge deixou de varrer aquela pedra, intrigado pelo que podia ser aquilo.

Ao encontrar-se com aquele objeto, deu um salto atrás com uma exclamação; não era nenhuma pedra, de que, então, se tratava? Com todo cuidado removeu aqele objeto com uma alavanca. O objeto se moveu, emitindo um leve ruído. Então, o levantou do chão e correu até o interior da caverna, aonde estava o ermitão.

"Venerável! – ele disse -- acabo de descobrir um objeto estranho, debaixo do lugar aonde morreu aquele preso."

O ancião saiu de sua habitação interna. "-Diga-me como é." Ele ordenou.
"-Parece ser — disse o jovem —, como una bolsa que tem de largura uns dois dedos. É de couro, ou de pele de algum animal". Dizendo isto, o apalpou. "-Há uma corda para que se segure a bolsa em volta do pescoço. Vou buscar uma pedra afiada." Correu fora da caverna e apanhou uma pedra cortante. A sua volta, serrou com aquela tira couro. "-É muito dura", comentou. "Está todo suja e coberto de bolor. Até que enfim a cortei!" Cuidadosamente, abriu aquela bolsa e despejou seu conteúdo sobre um pedaço de seu manto.
"-Moedas de ouro", observou o eremita.
"-Eu, em minha vida, nunca havia visto moedas de ouro, apenas em imagens." Também se derramaram pedaços de cristal de várias cores.

Se perguntou para que serviriam. Finalmente, haviam cinco anéis de ouro com pedaços de cristal cravados nelas.
"-Deixe-me apalpá-los", lhe ordenou o eremita. O jovem monge, levantou o regaço de seu manto e guiou as mãos de seu superior até aquele pequeno montinho.

"-Diamantes — disse o ermitão —, posso adivinhar pela sua vibração e..." O ancião permaneceu silencioso e atento, enquanto manejava as pedras, os anéis e aquelas moedas.

Depois, realizou uma profunda inspiração e comentou: "-Nosso prisioneiro havia furtado todas estas coisas. As moedas, são da India. Sinto que há algo mau em tudo isso. Representam uma grande soma de dinheiro". Meditou em silêncio por alguns momentos, e terminou dizendo bruscamente:

"-Leva tudo isto, leva-os todos e os atire no mais profundo do lago. Nos trariam má sorte se os guardassemos com nossos pertences. Aqui há concupiscência, assassinato e misérias. Fora com tudo isso, rápido!"
Dizendo estas palavras, virou as costas e, lentamente, se arrastou ao interior da caverna. O jovem monge devolveu todo aquele punhado ao interior da bolsa e se encaminhou até o lago. Ao chegar a sua beira, depositou todos aqueles objetos sobre uma rocha plana e examinou eles, um por um, com toda curiosidade. Depois, levantando uma moeda com o polegar e um dedo, a lançou com todas suas forças na água. A moeda foi rebatendo e levantando pequenas ondas, até que, com um estalo final, se afundou até o mais profundo do lago. Moeda por moeda, ele jogou o resto daqueles objetos, foi lançando-os às águas, até que afundou o último.

Enquanto lavava as mãos, sorriu ao dar-se conta que uns pássaros

pescadores haviam ido embora com a bolsa e persseguiam os objetos afundados. Sussurrando as Preces aos Defuntos, o jovem monge voltou à caverna e a seus trabalhos caseiros. Logo veio o momento de colocar de lado os ramos usados como vassouras. Depois, espalhar nova areia, empilhar lenha para o fogo, arrumar a vasilha de água e esfregar as mãos, em sinal de que o trabalho do dia havia terminado. Chegava o momento em que as células da memória daquele jovem se comunicariam

a ponto de armazenar a informação que lhe seria comunicada.

O velho ermitão veio rastejando desde dentro de sua habitação. Inclusive para a vista inexperiente do jovem monge, o ancião desfalecia a olhos vistos. Lentamente, o eremita se sentou no chão e se ajeitou convenientemente. O jovem lhe lavou a cuia e a encheu com água fria. Com todo cuidado a colocou ao lado do ancião e orientou suas mãos até a borda da vasilha para que soubesse exatamente aonde estava colocada.
Então, se sentou a seu lado, aguardando que seu maioral falasse.

Durante um tempo, tudo permaceu em silêncio, enquanto o ancião permanecia sentado e ordenando seus pensamentos e recordações atenciosamente. Logo, depois de uma longa tosse, começou dizendo:

"- Aquela mulher dormiu e eu também. Mas estive a dormir por muito pouco. Ela roncava terrivelmente e minha cabeça doía com força. Sentia como se meu cérebro balançasse e quisesse sair por cima de meu crânio. Então, se produziram algo como uns golpes nos vasos sanguíneos de meu peito, que me puseram a beira de um desmaio.

Logo, os ruídos mudaram seu ritmo, se percebeu um ruído de pés se arrastando e, imediatamente, com um grito agudo, aquela mulher saltou sobre seus pés e correu até perto de mim. Imediatamente, se escutaram uns ruídos metálicos e se notou um ritmo diferente dos líquidos que circulavam dentro de meu corpo. Num momento, ou dois, cessou a pulssação de meu cérebro. Se acabaram as pressões que haviam em meu pescoço, e os ossos cortados de meu crânio não me causavam nenhum desconforto.

A mulher se ocupava movendo alguns objetos, fazendo ruído com cristais que batiam e metais que se chocavam uns contra outros. Ouvi um estalo quando ela se abaichou para levantar do chão seu livro caído. Algum objeto da mobília rangeu quando era movido de seu lugar para uma nova posição.

Então, ela se virou e encarou a parede e escutei como se deslizava a porta abrindo-se e logo fechando-se atrás dela. De repente, chegou a meus ouvidos o som de passos, diminuindo ao longo do corredor. Eu

estava ali, deitado, não podia me mover! Era evidente que algo havia sido feito em meu cérebro. Me sentia mais acordado. Podia pensar mais claramente. Antes, havia sentido um monte confuso de pensamentos que eu não era capaz de me concentrar de forma clara e por isto estavam armazenados em prfundidades de minha mente. Agora, todos eles eram claros para mim como as águas de um córrego de uma montanha.

Recordava de meu nascimento. Minha primeira visão deste mundo, no qual havia caído. O rosto de minha mãe. A cara enrugada daquela mulher que ajudava no parto. Mais tarde, meu pai, acolhendo em seus braços o recém-nascido. Suas preocupações, já que eu era o primogênito.

Recordava sua expressão, alarmado e seu temor ao ver-me com aquela cara vermelha e enrugada. Mais adiante, me chegaram a memória cenas de minha primera infância. Sempre havia sido una ilusão deles que eu poderia chegar a ser um sacerdote, que desse honra à família.

Mais tarde, eu estava na escola, um estagiário, escrevendo, em quadrados de ardósia. O monge-professor, passando-me de um para outro com elogios e repreensões e me dizendo que eu poderia ficar mais tempo do que outros, de modo que aprendesse mais do que meus pares.

Minha memória estava completa. Poderia facilmente recordar imagens que tinham aparecido em revistas que nos trouxeram comer-ciantes indianos, e até mesmo fotos que não me lembrava que já tinha visto. Mas a memória é uma faca de dois gumes espada, lembrei-me todos os detalhes da minha tortura nas mãos dos chineses.

Porque eu tinha sido visto executando trabalhos da Potala, os chineses tinham tomado como certo que eu sabia segredos e nessa crença, eu tinha sido seqüestrado e torturado até declarar todos os segredos que, na opinião deles, eu sabia. Eu, apenas um humilde sacerdote, que sabia apenas sabia o que chegavam a comer os lamas.

A porta se abriu com uma espécie de assobio metátilco. Mergulhado em meus pensamentos, não notei os passos que se aproximavam pelo corredor.

Uma voz me interrogou:

“-Como o sente?", e notei que meu guardião estava a meu lado.

Enquanto falava, manuseava o estranho aparelho com o qual eu estava conectado.

" - Como os percebe, agora?", voltou a perguntar.

"-Bem — lhe respondi —, mas nada contente por todas as coisas raras que me sucederam. Me sinto igual como un yaque enfermo em um

parque do mercado."
O homem riu e se dirigiu a uma parte distante da habitação. Pude ouvir o ruído de papel, o som inconfundível das páginas ao folheá-las.

"- Senhor", exclamei. "- Que é um almirante? Estou muito intrigado. E quem é um ajudante?"

Depositou um pesado livro – ou ao menos me pareceu um livro – e se aproximou de mim.
" – Sim. — disse compassivamente — Imagino que de seu ponto de vista o trataram bem cruelmente." Deu uns passos e notei que arrastava um daqueles estranhos assentos metálicos. Quando se sentou, a cadeira rangeu de un modo alarmante. "Um almirante — disse pensativamente —. Lhe devia ser explicado mais tarde; mas podemos saciar sua curiosidade imediata.. Você está numa nave que atravessa o espaço, o mar Ter do espaço; o chamamos assim porque, dada a velocidade com que transladamos, o espaço recebe um choque tão rápido que parece que se trate de um oceano de água. Podeis entender-me?", perguntou.

Pensei um momento e, sim, podía imaginar o Río Feliz e os botes de couro que o cruzam. "Sím, o compreendo", respondi-lhe.
" - Bem, então — continuou dizendo —; nosso barco é um do grupo. É o mais importante de todos eles. Cada embarcação — esta igualmente — tem um capitão; mas um almirante é, como o irei dizer?, um capitão de todos os capitães. Agora, além de nossos marinheiros temos soldados a bordo, e é comum que exista um oficial "ajudante" do almirante. Ele se chama simplemente "ajudante". Para traduzí-lo a termos eclesiásticos, um abade tem seu capelão, aquele que leva a cabo as tarefas, deixando a seu superior as grandes decisões que tenhan que ser tomadas."
Tudo isso, o entendia claramente, e estava refletindo sobre o assunto, quando meu vigilante se me aproximou inclinando-se e disse em voz baixa:

" - E, por favor, não se dirija a mim chamando-me vosso capturador. Sou o médico-chefe nesta nave. Mas, é claro, para vossos pontos de referência sou semelhante ao médico-chefe dos lamas do Chakpori. Doutor, e não Capturador!"

Eu me divertia muito, conhecendo como também esses grandes homens tem suas debilidades. Por que um homem de sua categoria se desgosta porque um selvagem ignorante (assim me chamava) lhe chamasse "capturador", era coisa de se ver. Resolvi colocá-lo de bom humor: "
- Sim, doutor".

Foi meu prêmio o mais agradecido de seus olhares e uma amável

inclinação de sua cabeça.

Durante bastante tempo se ocupou de certos instrumentos que pareciam estar conectados com minha cabeça. Fez algumas correções, mudou o curso de alguns líquidos, e se produziram coisas estranhas que causaram uma coceira na minha cabeça raspada. Depois de algum tempo, disse: "-Você vai ter que descansar por três dias. Durante este período de tempo os ossos vão se curar e a cicatrização forçada estará em seu caminho. Então, se tudo correr bem, como eu espero, o conduziremos de novo à Câmara do Conselho e lhe mostraremos várias coisas. Não sei se o Almirante quererá falar-lhe. Se for assim, não tema. Falar-lhe-á exatamente como faria comigo".

Depois, refletiu bem, acrescentou com tristeza: "-Ou, melhor, com mais educação." Me deu um tapinha no ombro e saiu da sala.

Me encontrava ali, imóvel, pensando em meu futuro. Futuro? Que futuro haveria ali para um cego? Que seria de mim, se fosse deixado com vida por aqueles lugares, na suposição que necessitassem me deixar com vida? Teria que pedir esmola para viver, como os mendigos que existiam aos montes pela Porta do Ocidente? Muitos deles eram falsos cegos, de todos os modos. Eu me perguntava aonde iria parar, de onde iria ganhar meu sustento.

O clima de meu país é difícil e não há empregos para o homem sem lar e não há lugar aonde ele repousar sua cabeça. Eu estava ansioso e não parava de meditar sobre todos os males e dores de cabeça que me aguardavam. Com estes pensamentos, caí num sono profundo. Estando assim, percebi como se abria a porta da sala de onde me encontrava e

a presença de pessoas que vinham saber se eu ainda vivia. Todos os ruídos ao meu redor não eram muitos para fazer-me traspor o umbral de meu sono. Eu era incapaz de poder calcular a passagem do tempo. Em condições normais podemos valer-nos dos batimentos do coração para dar-nos conta dos minutos que passam. Mas, naquele caso, se tratavam de horas e de horas durante as quais me encontrava inconsciente.

Depois do que me pareceu um longo tempo, durante o qual pareci flutuar entre o mundo material e a vida do espírito, despertei com uma sensação de alarme. Aquelas terríves mulheres haviam voltado para perto de mim, como uns urubus em volta de uma carcaça. Suas risadas e sua conversa me atacavam os nervos. Suas impúdicas libedades para con meu corpo indefenso me ofendeu ainda mais. Não podia expressar-me em sua língua, nem ao menos mover-me. Era para mim uma surpresa que, sendo membros do chamado sexo frágil, se manifestassem tão rudemente com suas mãos e a expressão de suas emoções. Eu estava físicamente completamente arruinado, e aquelas mulheres me levavam e traziam tão rudemente como se tratasse de un bloco de pedra.

Me regavam o corpo com loções; me untavan o corpo com pomadas tremendamente malcheirosas e punham e tiravam tubos das narinas e de

outros buracos do corpo, sem nenhuma classe. Minha alma se estremecia e voltava a pensar que azar diabólico me havia decretado que deveria ver-me obrigado a suportar todas aquelas humilhações.

Com a saída das terríveis mulheres, voltei à paz, ainda que não por muito tempo. Ao término deste, a porta voltou a abrir-se, e meu capturador, mas que fique bem dito, “o doutor”, entrou e fechou atrás dele a porta.

“-Bom dia, pelo que vejo está acordado”, me disse, com prazer.

“ – Sim, senhor doutor – lhe respondi, um pouco mal-humorado. É impossível dormir, quando essas mulheres charlatãs descem sobre mim tagarelando.”

Isto pareceu divertir-lhe de grande maneira. Hoje, sem dúvida, conhecendo-o melhor, me tratava como um ser humano, ainda que um ser humano que não preenchia todos os sentidos.

Page 87

" - Temos que nos valermos destas enfermeiras — disse — para que os observem, os mantenhan devidamente asseado e cheirando bem. Agora, estais passado talco, perfumado e pronto para um novo dia de repouso."

Repouso! Não necesitava disso; o que precisava, era ir-me. Mas, aonde? Enquanto o diretor examinava as cicatrizes de minha operação do crânio, voltei a pensar sobre tudo o que me disse. Foi ontem? Anteontem? Não podia sabê-lo. Era preciso saber uma coisa que tinha me intrigado de grande maneira.

" - Senhor doutor", lhe disse. "Me disseste que me encontrava a bordo de uma nave do espaço. É o que entendi bem?"

" - Sem dúvida” respondeu. “ Estamos a bordo da nave almirante desta frota inspetora. Nestes momentos exatos, pousamos sobre um platô das Terras Altas do Tíbete. Porque, a pergunta?"

" Meu senhor", lhe respondi: " - Quando me encontrei naquela caverna, frente a aqueles seres surpreendentes, a caverna, se encontrava dentro deste navio?”

Ele se riu, como se eu houvesse lhe contado a ocorrência mais engraçada. Ao recuperar-se, me disse, entre risadas:

" - Sois observador, muito observador. E tendes toda a razão. O platô rochoso sobre o qual repousa esta nave foi primitivamente um vulcão.

Existem nele corredores profundos e câmaras imensas por onde fluía o

magma e saía ao exterior. Nós nos servimos dessas passagens e aumentamos a capacidade de suas câmaras para que sirvam a nossos propósitos. Nós usamos estes lugares usualmente. Diferentes naves os utilizam, de tempo em tempo. Você foi tirado da nave e conduzido à caverna."

Conduzido, desde o barco, ao interior da caverna de rochas. Isso concordava com a estranha impressão que eu havia experimentado, de haver deixado o corredor metálico por uma caverna de rochas.

"- Senhor doutor", exclamei. "Sei, por experiência própria, algo de túneis e salas na rocha, existe uma delas, secreta, na Potala, inclusive contém um lago".

"-Sim — observou —. Nossas fotografías geofísicas as descobriram para nós. Nós não sabemos, no entanto, quando vocês, os do Tíbete, as descobriram." Aproximou-se com sua pedra de afilar. Me dava perfeita impressão de que estava trocando então os líquidos que corríam através dos tubos e dentro de meu corpo. Se produziu num instante uma alteração de minha temperatura; involuntariamente, minha respiração se tornou mais espaçada e profunda, me sentia manipulado como um boneco que, numa praça de mercado, exibem os vendedores ambulantes.

" -Senhor doutor! — observei com veemência - Vossos barcos do espaço são conhecidos de nós; os chamamos Carroças dos Deuses. Porque nâo os colocam em contato com nossos superiores? Por que não declarais abertamente vossa presença? Por que tens que raptar-nos às escondidas, como fizeram comigo?"

O doutor fez uma profunda inspiração, com uma pausa e, por fim, respondeu: " - Se lhe desejasse explicar, não conseguiria mais que provocar vossas mais cáusticas observações, que, a nós não nos importam nada".

"- Não, senhor doutor — lhe respondi —. Em verdade, sou vosso prisionero, como fui dos chineses; e igualmente não posso desafiá-los. Apenas pretendo, na minha forma incivilizada, entender as coisas como suponho que vós mesmos desejais de mim."

Girou sobre seus pés e, claramente, decidiu que era o melhor que podia facer. Havendo tomado suas resoluções, disse:

" - Nós somos os Jardineiros da Terra e, naturalmente, de outros mundos habitados. Um jardineiro não discute sua identidade nem seus planos com suas flores. Agora bem; elevando um pouco a matéria, se um pastor de um rebanho de yaques encontra um deles que parece mais brilhante que os demais, esse pastor não lhe dirá de maneira alguma:

" – Aceita-me por teu guia. Nem discutirá com o iaque sobre coisas que claramente sobrepassam a compreensão dele. Não entra em nossa política fraternizar com os naturais de nenhum mundo que supervisionamos. O fizemos anteriormente e o resultado foi uma série

de catástrofes que originaram fantásticas lendas em vosso próprio mundo.”

Page 89

Fiz uma cara de contrariedade e menosprezo:

" - Primeiro, me disseram que eu era um selvagem por civilizar, agora me chama, ou me compara, con un yaque", respondi com firmeza. Então, se sou uma coisa tão baixa, porque me mantém aqui prisioneiro?"

Sua resposta foi contundente:

“- Porque necessitamos de você para utilizá-lo. Porque possuis uma memória fantástica que vai sempre aumentando. Porque temos que lhe depositar um conhecimento que poderá ser utilizado por outro que chegará até você, ao final de sua existência. Agora, dorme!"

Escutei algo como um estalo e umas ondas de negra inconsciência caíram suavemente sobre minha pessoa.

Faltam as páginas 90 a 95

Page 96

O esforço será muito grande, e depois disto lhe custará muito sobreviver, de forma que não é preciso procurar maneira de reforçá-lo, já que se perdermos o que está sobre esta mesa, será preciso recomeçar a procurar outro que o substitua. E isso também já vimos ser irritante.

Um companheiro a bordo, deu a opinião que devíamos haver eleito algum natural de um país mais desenvolvido, uma pessoa que desfrutasse de um nível superior de vida e de categoria social entre os seus. Mas para nós, isto teria sido uma má jogada. Doutrinar um nativo daquela categoria e desligá-lo de suas amizades representaria um sério atraso em nosso programa. Todos quantos se encontram aqui podem ser testemunhas de memória do que aconteceu no passado. É algo extraordinário, de modo de têm que recordar o que acontece quando um se vê favorecido em detrimento dos demais.”

Este Grande apenas havia terminado de falar, quando sobreveio um ruído estranho, seguido de outros. Então uma Voz – mas, que Voz! – inumana, que não soava nem como de homem nem de mulher, me fez eriçar todos os pêlos e ficar completamente arrepiado.

“Como decano dos biólogos, independente da marinha e do exército – grasnou essa voz ingrata – desejo que se registre minha discordância ante estes procedimentos. Meu relatório completo será enviado ao Grande Quartel conforme os regulamentos. Agora peço para ser ouvido.”

Então pareceu-se uma cara resignada no rosto dos presentes. Por um momento se produziu uma grande agitação e então, o primeiro daqueles que havia falado se pôs em pé.

“ – Como Almirante da Esquadra”, disse, secamente, “tenho a meu cargo esta expedição de vigilância, independentemente de quanto sejam exatos os argumentos apresentados por nosso biólogo mais antigo. De qualquer maneira, ouviremos as declarações da oposição. Pode continuar, Senhor Biólogo!”

Sem a menor palavra de agradecimento, nem expressão de satisfação nenhuma, a voz ingrata continuou: “ – Protesto pela perda de tempo. Protesto que sejam feitas mais tentativas a favor dessas criaturas imperfeitas.

No passado, quando uma raça semelhante não se mostrava

satisfactoria era exterminada e o planeta, repovoado. Ganhemos tempo e os exterminemos antes que intoxiquem o espaço.”

O Almirante, então, interveio:
“ – Tem alguma razão em especial para sustentar que sejam deficientes, senhor Biólogo?”

“- Sim, tenho!” Respondeu com uma voz irritada o Biólogo. “- As fêmeas da espécie humana são defeituosas. O mecanismo de reprodução é defeituoso e suas auras não se mostram conforme o planejado. Capturamos uma delas, em uma área de melhor reputação deste globo. A mulher se pôs a gritar e agitar-se quando tiramos as roupas com que se cobria. E quando introduzimos um tubo em seu corpo, com a finalidade de examinar suas secreções, primeiro reagiu com histeria e logo perdeu os sentidos. Mais tarde, voltando a si, ao ver alguns de meus ajudantes, perdeu o controle, como se estivesse endemoniada. Não houve outra solução, a não ser destruí-la. Todos os nossos dias de trabalho foram perdidos.”

O velho eremita parou de falar e bebeu um gole de água. O jovem monge estava ali sentado, sentindo-se surpreso e horrorizado pelas estranhas aventuras acontecidas com seu superior.
Algumas das descrições lhe pareciam estranhamente familiares,

mas as descrições do eremita lhe provocavam estranhos movimentos interiores, como tratando-se de membros há muito tempo parados e agora reavivados. Como se as palavras do ermitão agissem como um catalizador. Com todo o cuidado, sem derramar uma só gota, o ancião deixou de lado a cuia de água, voltou a juntar as mãos e prosseguiu:

"-Eu estava sobre aquela mesa, escutando e entendendo todas aquelas palavras. Todo temor e insegurança haviam tomado conta de mim. Queria mostrar a toda aquela gente como um sacerdote do Tibete sabe viver ou morrer. Minha impetuosidade natural me levou a observar, em voz muito alta:

"- Podemos notar, Senhor Almirante, que vosso Biológo é menos civilizado do que nós, não matamos nem os que achamos animais inferiores. Nós somos civilizados."

Page 98

Por um momento, pareceu pareceu parar a marcha do Tempo. Inclusive a respiração dos que me rodeavam pareceu deter-se. Então, ante minha mais profunda surpresa e naturalmente estupor, produziu-se um aplauso espontâneo e umas poucas risadas. Os presentes aplaudiram, coisa que eu interpretei como um sinal de aprovação do que eu disse. Os presentes deram gritos de alegria e um certo técnico que estava perto de mim se incinou e me disse em voz baixa: "- Muito bem, Monge, muito bem! Não jogue fora sua boa sorte!"

O Almirante tomou a palavra, dizendo: "- O monge nativo falou. Mostrou, com toda minha satisfação, que é uma criatura sensível e completamente capacitada para levar a cabo a missão que lhe recomendamos. Eu aceito todas as suas observações e as farei constar em meu relacionamento com os Sábios."

O Biólogo disse agressivamente: "- Quanto a mim, retiro-me da experiência." Com essas palavras, aquela criatura homem-mulher ou neutro marchou ruidosamente para fora da caverna rochosa. Então, se produziu um suspiro de alívio, era óbvio que o Biólogo-Decano não gozava de muita simpatia por ali. Cessaram logo os ruídos, respondendo a algum sinal de mão, que não pude perceber. Então se produziu um esfregar de pés e farfalhar de papéis. Podia se dizer que o clima de expectativa era tangível.

" – Senhoras e senhores – escutei dizer a voz do Almirante – agora que esgotamos a sessão de perguntas e respostas, me proponho a dizer algumas palavras acerca do que se trata, dedicadas a aqueles que hoje se sentam pela primeira vez nesta Comissão Inspetora. Alguns deles puderam ouvir alguns rumores, mas apenas rumores não bastam. Vou, então, explicar à Assembléia o que propomos e do que se trata, de forma que podereis entender perfeitamente qual é o objetivo de vossa participação.

Os habitantes deste mundo estão a ponto de desenvolver uma tecnologia, que se não for detida, pode muito bem destruir a todos eles. A sequência desses acontecimentos pode contaminar o espaço, de forma que resultará na contaminação de mundos mais jovens.

Page 99

Por isto, temos que prevení-los. Como não ignorais, este mundo e outros do mesmo grupo são campos experimentais para diferentes tipos de criaturas. Como acontece com as plantas, a que não é cultivada sozinha é apenas lixo, no mundo animal existem os de raça e os bastardos. Os seres humanos desse mundo pertencem aos segundos. Nós, que povo- amos este mundo com sementes humanas, temos de nos assegurar que nossa própria raça destinada a outros mundos não vá nos ser prejudicial.

"- Temos aqui à frente um natural deste mundo com quem falamos agora. É de uma região de um país chamado o Tibete. Trata-se de uma teocracia, isto quer dizer, é governado por um chefe que conhece maior quantidade de algo referente a uma determinada religião do que sobre doutrinas políticas. Neste país não existem violências. Ninguém luta para tomar o território de outros. A vida animal é respeitada, exceto pelas pessoas de classes inferiores, que quase sempre são nativos de outras comarcas. Ainda que a religião deles, a nós pareça fantástica, eles guiam por ela a vida e não molestam aos próximos e nem tentam impor pela violência suas crenças. São muito pacíficos e é necessário um alto grau de provocação para incitá-los à violência. Todas essas razões nos levaram a pensar que poderíamos falar a um nativo dotado de uma memória fenomenal, que poderíamos, entretanto, aumentar ainda mais. A esse nativo poderíamos dar alguns conhecimentos que ele poderia passar a outro homem que posteriormente colocaríamos neste mundo.

Muitos de vós podem perguntar porque não podemos eleger um representante que seja direto. Nossa resposta é que não poderíamos fazer isso de uma maneira completamente satisfatória, porque nos conduziria a omissões e mal-entendidos. Procedeu-se dessa forma em certo número de casos e estes se mostraram equivocados. Como verão mais tarde, tentamos isso com um bom êxito com um homem chamado pelos terestres chamam Moisés. Mas ainda com ele, a coisa não marchou completamente bem e prevaleceram alguns erros e confusões diversas. Agora, apesar de nosso venerável Decano de Biologia, vamos por em prática este sistema que foi projetado num nível superior por nossos Sábios."

"Da mesma maneira que, com sua magnífica habilidade científica, milhões de anos atrás aperfeiçoaram os veículos mais rápidos do que a luz, agora aperfeiçoaram um método para registrar visualmente os Registros Akáshicos. Pelo uso desse sistema a pessoa que se encontra dentro de um aparelho poderá ver tudo quanto aconteceu no Passado. Na medida que entenda as impressões e possa explicá-las, verá e escutará exatamente como se estivesse vivendo naquelas épocas remotas. Para ele será como se estivesse ali. Uma extensão especial que sairá de seu cérebro, permitirá a todos em conjunto ou individualmente que participemos. Ele e nós deixaremos de existir no momento atual e transportaremos nossos sentidos, visão audição e sensações às épocas do passado, cuja vida presente experimentaremos, da mesma maneira que temos as sensações atuais experimentando a vida a bordo nos pequenos navios de patrulha ou trabalhando no mundo distante da superfície, que é esse um de nossos laboratórios subterrâneos. Eu, pessoalmente, não pretendo discutir os princípios que estão em jogo. Muitos dos que estão aqui presentes entendem mais do que eu desse assunto, e esta é a razão de sua presença entre nós. Outros, com outras ocupações, conhecem ainda menos que eu, e é a eles que dirijo minhas observações.

Permitam-me lembrar-lhes da santidade da vida. Alguns de vós podeis considerar este nativo da Terra como qualquer outro animal de laboratório, mas, como ele mesmo demostrou, possui sentimentos. Tem inteligência e – lembrem-se bem – atualmente, para nós é a criatura mais valiosa deste mundo. Por causa disso se encontra aqui.

Mais de um perguntou: " – Como preenchido de conhecimentos esta criatura poderá salvar este globo?" A resposta é que não o fará."

O Almirante fez então uma pausa dramática. Eu não pude vê-lo, como é natural; mas estou convencido que os demais experimentavam a mesma tensão que me espantava.. Então prosseguiu:

" – Este mundo está muito doente. Percebemos que está. Ignoramos a razão. E queremos encontrá-la. Nossa tarefa consiste em reconhecer que existe aqui um estado de enfermidade. Em segundo lugar devemos convencer aos homens de que estão enfermos. Em terceiro, temos que

induzir neles o desejo de serem curados. Em quarto, devemos descobrir dorretamente qual a causa de seus males. Quinto, devemos desenvolver um agente de cura, e sexto, temos que persuadir os homens para que façam o necessário para que a cura faça seu efeito. A enfermidade se relaciona com a aura. Mas ignoramos como. Outro deverá vir, que não seja deste mundo, porque, como pode ver os males de seu próximo, aquele que é também cego?"

Aquela observação me causou um susto. Me parecia contraditória; eu era cego, mas haviam me escolhido para aquela tarefa. Mas não, não era assim. Eu era apenas o depositário de certos conhecimentos. Conheci- mentos que fariam possível a outra pessoa, seguindo um plano pré-esta- belecido, cumprisse sua missão. Mas o Almirante continuava seu discurso:

"-Nosso nativo, uma vez estando por nós preparado e já acabamos nosso trabalho para com ele, será transportado a um lugar aonde poderá gozar (de um ponto de vista humano) de uma vida muito longa. Não poderá morrer sem antes haver passado seus conhecimentos a outra pessoa. Durante seus anos de cegueira e solidão, desfrutará de uma paz interior e da convicção de levar a cabo algo que fará muito bem a este mundo. Agora, temos uma última comprovação das condições em que se encontra este nativo para que termine a sua missão."

Então se ouviu um ruído, ainda que bem considerável, perfeitamente ordenado. A mesa sobre qual eu estava foi levantada e transportada para a frente. Me chegaram aos ouvidos o ruído parecido com o de vidro e metal chocando-se. O Cirurgião Geral se aproximou e me disse ao ouvido: "- Como se encontra?"

Apenas me dava conta de como me sentia, não aonde estava, assim lhe respondi:

" – Tudo quanto escutei não contribuiu para que me sentisse melhor de maneira alguma. Continuarei sem ver nada? Como poderei participar de todas essas maravilhas se não querem me dar a visão novamente?"

" – Acalme-se", sussurrou levemente. " – Tudo correrá bem, você verá o mais nitidamente possível, no momento adequado."

Calou-se por alguns momentos, enquanto outra pessoa se aproximou dele e fez uma observação. Logo prosseguiu: " – Agora irá ocorrer-vos o seguinte: se colocará na sua cabeça algo que parecerá um chapéu feito com malha de arame. Vai parecer frio, até que se acostume ao artefato. Depois lhes serão calçados os pés com algo que lhe poderá parecer um par de sandálias, também de arame. Outros arames se

dirigirão a vossos braços. A princípio, sentirás uma coceira muito incômoda, mas passará rápido e acabarão todos os seus incômodos. Repouse, seguro de que o tratamos com o máximo de cuidado possível. Isso tem a máxima importância para nós. Necessitamos que resulte em um grande êxito, seria uma perda considerável qualquer fracasso nesta experiência."

"- Sim", murmurei, " – E eu sou o que mais arrisca, eu jogo minha própria vida."

O Cirurgião Geral se colocou em pé e se afastou de mim.

" –Senhor!", disse com uma perfeita entonação oficial em sua voz. " – O nativo foi examinado e está agora preparado. Peço permissão para continuar."

" – Permissão concedida! – respondeu a voz grave do Almirante – Inicie!"

Então, começou um "clic" agudo e uma exclamação contida. Não sei que mãos me agarraram pelo pescoço e levantaram minha cabeça. Outras, empurraram algo que parecia ser uma bolsa metálica de arame flexível sobre minha cabeça e fizeram entrar aquele objeto, seguindo por meu rosto, até o queixo.

Produziram-se ruídos estranhos e a bolsa metálica foi colocada sobre meu rosto apertadamente e a ataram em volta de meu pescoço. Aquelas mãos logo se retiraram. Rapidamente, outras se aplicaram a meus pés. Com uma substância gordurosa, com um cheiro nojento, untaram minhas partes inferiores e então dois sacos metálicos calçaram meus pés. Eu não estava acostumado a tê-los tão apertados e me inco- modaram demais. Mas eu não podia fazer nada. O ambiente de tensão, de expectativa, ia em crescente progressão.

Subitamente, na caverna, o velho ermitão caiu de costas. Por um longo tempo, o jovem monge ficou petrificado de horror; depois, ele- trificado pela urgência, colocou-se em pé num salto e procurou debaixo da pedra, o frasco do remédio preparado para um semelhante caso de urgência. Tirando a tampa com as as mãos trêmulas, caiu de joelhos ao lado do ancião e introduziu forçadamente algumas gotas daquele líquido nos lábios entreabertos do ermitão. Muito cuidadosamente, logo, voltou a tapar o frasco e o deixou ao lado do balde de água. Depois apoiou a cabeça do velho sobre seu colo e massageou firmemente suas têmporas.

Aos poucos, um pálido rastro de cor voltou ao seu rosto. Gradualmente, se produziram sinais de que o ancião estava se recobrando. Finalmente, tremendo, o velho moveu sua mão, dizendo:

“- Ah, muito bem, muito bem, filho meu. Muito bem feito! Tenho que repousar um pouco agora...”

“ -Venerável – disse o jovem monge – repouse agora. Vou lhe preparar um chá quente, temos um pouco de açúcar e manteiga em quantidade suficiente.”

Delicadamente, colocou seu próprio cobertor dobrado embaixo da cabeça do ancião e se levantou. “-Vou colocar água na chaleira” , disse, buscando o caldeirão que estava pela metade de água.

Era estranho, agora que se encontrava ao ar livre, refletir sobre as coisas maravilhosas que havia ouvido. Estranho porque lhe pareciam familiares. Familiares, se bem lembradas. Era uma coisa parecida com o despertar de um sonho – pensou – Só que essas lembranças voltavam à sua lembrança, em vez de se dissolverem como sonhos.

O fogo continuava aceso. Rapidamente, colocou na fogueira uns punhados de pequenos ramos. Densas nuvens azuis se levantaram e ondularam pelos ares. Uma brisa vagando em volta da montanha dirigiu um filete de fumaça sobre o jovem monge e lhe obrigou a retroceder tossindo e com os olhos lacrimejando. Quando se recuperou, colocou o recipiente np centro da fogueira, agora brilhante. Dando uma volta, o jovem entrou novamente na caverna, para certificar-se de que o ermitão estava reestabelecido. O velho estava de lado, evidentemente recuperado.

“- Tomaremos um chá e um pouco de cevada – ele disse -, e depois descansaremos até amanhã - e prosseguiu -, porque devo conservar minhas débeis forças que, de outro modo, me faltariam e não poderia completar meu trabalho”.

O jovem monge se deixou cair de joelhos ao lado de seu maioral e olhou bem aquela figura magra e cansada.

“- Será como quereis, Venerável!”, concordou. “Eu agora entrei para ver se tudo está em ordem e logo trarei a cevada e o que for necessário para o chá.”

Depois, se colocou em pé e foi até o fundo da caverna para juntar as provisões espalhadas. Tristemente, olhou o açúcar que havia sobrado no fundo do saco. Mais tristemente, os restos de manteiga, reduzidos a uma pequena porção. Em troca, o chá abundava relativamente, bastava para separar o que era utilizável e o que era só lixo. Também havia cevada suficiente. O jovem monge decidiu

privar-se do açúcar e da manteiga, para que o ancião pudesse desfrutar de ambos.

Na parte exterior da caverna, a água borbulhava alegremente no que era utilizado como caldeirão. O jovem monge colocou o chá na água fervente e uma pitada de bórax para que realçasse o sabor. Enquanto se dedicava a isto, a luz do dia ia minguando, muitas coisas para fazer. Devia trazer mais lenha e água, e o jovem não havia saído para nenhuma dessas coisas. Num momento, voltou a entrar rapidamente na caverna.

O velho ermitão, sentado, esperava seu chá. Seriamente, espalhou um pouco de cevada dentro da cuia, juntou uma pequena quantia de manteiga e estendeu a vasilha para que o jovem monge a enchesse de chá.

"-É um luxo como nunca tive durante sessenta anos!", exclamou.
"-Penso se me perdoará por desfrutar de uma bebida quente depois de um tempo tão longo. Não pude conseguí-lo nunca. Uma vez que tentei acender fogo, só de tentá-lo coloquei fogo em minhas vestes. Me sobraram algumas marcas das chamas em meu corpo, mas já sararam, ainda que demoraram muitas semanas. O que traz o desejo de saciar-me."

Fez um pequeno suspiro e bebeu o chá.

"-Tendes uma vantagem sobre mim", disse rindo-se o jovem monge. "-Claro e escuro lhes são o mesmo. Eu, porém, com a escuridão, derramei o meu pelo chão."

"-Oh! – exclamou o ancião --, aqui está o meu."

"-De modo algum, Venerável. – respondeu o jovem com veemência - Temos de sobra. Eu me servirei com mais um pouco."

Durante um tempo ficaram juntos e em silêncio, até que o chá tivesse se acabado; então, o jovem monge se pôs em pé e disse:

"-Vou buscar mais água e lenha. Posso levar seu prato para lavá-lo?"

Dentro do recipiente grande, agora vazio, colocou ambas as cuias e o jovem saiu da caverna. O velho eremita estava sentado e tenso, aguar- dando, como havia aguardado por várias décadas no passado. O Sol havia se posto. Apenas nos cumes reinava uma luz dourada, que se tornava roxa enquanto o jovem monge ia contemplando. Ao longe, nas escuras pistas dos montes, iam se acendendo pequenos pontos de luz. Eram as lamparinas de manteiga que brilhavam através do ar frio e nítido da planície de Lhasa. O perfil sombrio do monastério de lamas

de Drepung reluzia como uma cidade amuralhada mais abaixo, seguindo o vale. Aqui, no mesmo lado da montanha, o jovem pôde divisar desde as alturas da cidade, os conventos de lamas e seguir o brilho do rio Alegra.

Mais além, a Potala e a Montanha de Ferro ainda se mostravam imponentes, por mais que na aparência estivessem encolhidos pelas distâncias consideráveis. Mas não havia tempo a perder. O jovem monge repreendeu a si mesmo, cheio de indignação pela sua própria preguiça, e correu ao longo da trilha até o lago. Com toda a pressa, encheu o recipiente e lavou as duas cuias, como tinha lavado antes e voltou pelo mesmo caminho, carregando o balde pelo grosso galho que servia para manejá-lo.

Num dado momento, parando um pouco para descansar, já que o galho era grosso e pesado, olhou para trás, para onde havia o desfiladeiro da montanha que conduzia para a Índia. Ali tremiam umas luzinhas que anunciavam a presença de uma caravana de mercadores, acampados pela noite. Ninguém viaja pela noite. O coração do jovem palpitou com força. Amanhã, os mercadores voltariam a empreender sua lenta jornada ao longo da trilha da montanha e sem dúvida fariam seu acampamento ao lado do lago, antes de prosseguir até Lhasa, no dia seguinte.

"Chá, manteiga!" O jovem sorriu consigo mesmo e voltou a carregar, com suas disposições renovadas.

"-Venerável!" -- anunciou ao entrar na caverna com a água – "Há uns mercadores ao longo da montanha. Amanhã teremos manteiga e açúcar. Estarei aguardando, neste tempo."

O ancião sorriu levemente, enquanto dizia ao jovem: "-Muito bem. Mas agora, durmamos."

O jovem o ajudou a por-se de pé e guiou-lhe a mão até a parede. Hesitando, o eremita foi para o fundo de sua habitação. O jovem monge se deitou, depois de haver limpado o buraco aonde tinha seu leito. Durante um curto espaço de tempo ficou pensando no que havia ouvido. Seria verdade que os homens não eram mais que ervas daninhas? Nada mais que uns animais de laboratório?

"Não, – pensou – alguns de nós fazem todo o possível para trabalhar o melhor que sabem nas circunstâncias difíceis, e nossos trabalhos servem para animar-nos a escalar até acima, porque sempre, nos topos, há lugar."

Pensando essas coisas, dormiu profundamente.

Capítulo séptimo

O jovem monge se revirou com um tremor. Sonolento, esfregou os olhos e se sentou. A entrada da caverna era de um cinza escuro e nebuloso, contrastando com a escuridão do interior. O frio fazia sentir suas pontadas. Rapidamente, o jovem o jovem vestiu-se e aproximou-se da entrade. O ar ali era muito frio e o vento uivava entre os galhos pigarreava entre as folhas secas. Os pássaros pequenos haviam se protegido do vento colocando-se no amparo dos troncos. A superfície do lago se agitava e levantava ondas que se rompiam contra as margens, obrigando os caniços a que se encurvassem, protestando contra a força que lhes era feita.

O dia, recém-nascido, era cinzento e nublado. Nuvens amontoadas sobre os perfis das montanhas flutuavam e desciam pelas encostas, como rebanhos de ovelhas perseguidas pelos cães do céu. Os caminhos da montanha estavam escondidos por nuvens tão negras quanto a própria rocha. As nuvens continuavam descendo, borrando a paisagem, inundando a planície de Lhasa dentro de mares de neblina. Um súbito sopro de vento e o grupo de nuvens pareceu varrer o jovem monge. De tão espessas que eram, não pôde continuar vendo a entrada da caverna. Não podia ver sua mão a pouca distância do rosto.

Ligeiramente a sua esquerda, a fogueira emitia silvos e estralos ao cair sobre ela o relento da neblina. Apressadamente quebrou alguns paus e os empilhou encima do fogo ainda fumegante. A madeira molhada rangeu e fumaceou muito tempo antes de inflamar-se, Os mugidos do vento aumentaram a ponto de se tornarem gritos. A nuvem se tornou ainda mais grossa e as batidas violentas do granizo forçaram o jovem monge a procurar refúgio na caverna. Da fogueira escaparam uns assobios e o fogo morreu lentamente. Antes de extinguir-se por completo, o jovem ainda separou um ramo que ainda estava aceso. Rapidamente, levou-o à boca da caverna, protegido do pior da tempestade.

Com pouca sorte, saiu de novo para salvar quanta lenha fosse possível, já que as águas a levavam em seu curso torrencial. Ficou

pouco tempo realizando um grande esforço. Logo, tirou a roupa e a colocou para escorrer, já que estava ensopada pela chuva.

Agora, a névoa invadia a caverna e o jovem monge teve que seguir seu caminho no escuro, até que chegou na grande rocha, embaixo da qual ele costumava dormir.

"- O que aconteceu?" – perguntou o ermitão.

"- Não se preocupe, Venerável -- respondeu o jovem amavelmente -- As nuvens caíram sobre nós e nosso fogo praticamente se apagou."

"- Não precisa preocupar-se – disse filosoficamente o velho – a água existia antes que o chá; bebamos, pois, a água e deixemos para depois o chá e a tsampa, quando o fogo o permitir."

" – Concordo, Venerável – respondeu o jovem –Verei se posso acender novamente uma fogueira, ao amparo da rocha; pude salvar um galho aceso, com esse propósito."

O jovem se dirigiu de novo à entrada.. O granizo caía, espesso; todo o solo estava coberto pela geada e a escuridão mais intensa que antes.

Produziu-se um estalo como o de um chicote, seguido de um trovão profundo ou talvez de uma pedra que tenha sido partida ao meio pelo raio. O jovem se perguntou se alguma outra ermida havia sido arrastada como uma folha ao vento, dentro da tempestade; passou um tempo escutando, procurando ouvir alguma voz pedindo socorro. Então regressou a caverna e se agachou sobre o ramo que continuava em brasa. Com todo o cuidado, sobrepôs pequenos pedaços de galhos e alimentou novamente o fogo. Densas nuvens de fumaça surgiram então e foram empurradas pelo vento na direção do vale; mas as chamas, preservadas pelas saliências das pedras, cresceram vagarosamente.

Dentro da caverna, o velho ermitão estava tremendo, porque o ar, frio e úmido, atravessava seu manto fino e manchado. O jovem monge pensou em sua própria capa, mas ela também estava molhada.

Guiando com a mão o velho monge, o guiou pouco a pouco até a entrada da caverna e o fez sentar-se ali. O jovem monge, com todo o cuidado, foi empurrando os galhos acesos, acercando-os do ancião, para que pudesse notar o calor e algum alívio do frio.

"-Vou preparar-lhe um pouco de chá. – disse – Agora o fogo é sufi- ciente." Dizendo estas palavras entrou na caverna buscar o recipiente de água e voltou com este e a cevada.

"-Vou encher apenas até a metade de água - observou - como o fogo é muito pequeno, e teriamos que esperar muito" Depois sentaram-se lado a lado, protegidos dos piores ataques dos elementos, pelo teto rochoso e a saliência lateral na entrada. As nuvens eram densas e não se ouvia o canto de nenhum pássaro.

" – Será um inverno muito duro." – exclamou o velho eremita.
" – Por minha sorte, não terei que suportá-lo. Quando houver comunicado todo meu saber a você, poderei abandonar minha existência e me verei livre para minha partida aos Campos Celestiais, aonde, de novo, poderei gozar da visão de meus olhos."

Meditou depois alguns minutos em silêncio, enquanto o jovem monge olhava a figura da fumaça sobre a superfície das águas. Então, prosseguiu:

"-É, certamente, muito difícil aguardar todos esses anos na mais completa escuridão, sem nenhum homem a quem chamar "amigo", e vivendo em tal miséria que até a água quente parece um luxo. Se arrastaram os anos ao meu redor e transcorri uma larga existência sem ter viajado mais do que fiz hoje, para chegar ao lado desta fogueira. Porque, depois de tanto tempo quanto passei em silêncio, até minha voz assemelha-se a um chocalho rouco. Até que você chegasse, não tive fogo, nem calor, nem companhia, quando o trovão estremecia a montanha e as rochas que se desintegravam ameaçavam cercar meu refúgio."

O jovem monge levantou-se e dobrou o manto seco no fogo sobre os ombros magros do seu superior e dirigiu-se ao balde de água, cujo conteúdo já borbulhava alegremente. Na água, o rapaz jogou um pedaço gran- de de tijolo de chá. Parou, então, o borbulhar; mas não demorou muito a ....

voltar a fumegar o caldeirão, e então adicionou açúcar e bórax na água.

O tronco, recém descascado, foi usado enérgicamente e uma lasca reta foi utilizada para ir tirando o pior dos galhos e a poeira que flutuavam na superfície.

O chá tibetano – chá da China – é a forma mais barata de chá, consiste em varreduras do chão de melhores qualidades.

É o que sobra depois das mulheres terem recolhido as folhas mais escolhidas e deixaram de lado o pó. O conjunto desses desperdícios se prensam em blocos ou tijolos , e os transportam ao caminho do Tibete, aonde os tibetanos, por falta de melhor, adquirem estes tijolos a

troco de outros artigos e usam esse chá como um dos ingredientes de seu duro existir. Nesse chá é adicionado bórax, porque esse chá é tão cru e forte que com frequência causa náuseas no estômago. A operação final, quando se faz o chá, consiste e tirar as impurezas da superfície.

"— Venerável mestre, – perguntou o jovem monge – não estiveste nunca na beira do lago? Nunca passeou pela lateral larga das pedras, à direita da caverna?

" – Não. – respondeu o ermitão – Desde que fui colocado nesta caverna pelos Homens do Espaço, jamais fui mais distante do que estamos agora. Que interesse poderia ter em ir mais longe? Nada podia ver do que havia em meu redor, nem podia arriscar-me com segurança até as margens do lago, com o risco de cair nele. Depois de tantos anos dentro da caverna e na escuridão, sinto que os raios do sol ferirem minha minha carne. Nos primeiros tempos de minha estadia nesta caverna acostumei a buscar apalpando meu caminho até este ponto para aquecer-me no sol, mas há muito tempo permaneço sempre no interior. Como está o dia hoje?"

" – Muito mal, Venerável.—respondeu o jovem monge – Posso ver nossa fogueira e as formas turvas de uma rocha distante. O resto está escurecido por uma névoa cinza espessa e pegajosa. Chegam as nuvens pela montanha; a tempestade nos vem da Índia"

Distraidamente, observava suas próprias unhas. Haviam crescido muito. Estavam incômodas. Olhando à sua volta, achou um pedaço de pedra derretida, pedra caída pelas laterais da montanha procedente de algum fenômeno vulcânico da antiguidade. Com toda a força, esfregou esse cavaco contra suas unhas até que as reduziu a umas proporções mais cômodas. As unhas dos pés, considerando que eram mais duras e resistentes, o jovem monge, resignadamente, trabalhou até ficarem de sua inteira satisfação.

" –Não podeis ver nenhum dos caminhos da montanha? – perguntou o ancião – Estarão os viajantes paralizados pelas névoas da montanha?"

" – Com toda certeza – exclamou o jovem monge – Devem estar contando seus rosários, esperando assim afastar seus demônios. Não os veremos hoje. Virão a nós quando se levantarem as névoas. E, ainda, há que contar com o solo que está coberto de granizo congelado. Aqui mesmo, diante de nós, forma uma espessa capa."

" – Bem, então – continuou o ancião – podemos prosseguir nossa conversa. Há mais chá, por acaso?"

“ –Sim, tem mais. – respondeu o jovem monge – Vou encher sua taça, mas terás que bebê-lo rapidamente, senão vai esfriar num momento. Aqui está. Vou colocar mais lenha na fogueira.”

O jovem monge, depois de haver colocado a cuia nas mãos extendidas do ancião, se levantou para colocar mais lenha para animar o fogo.

“ – Quero trazer mais troncos e galhos do bosque da frente, na chuva!” , anunciou, caminhando dentro da neblina. Não tardou em regressar, carregado com aqueles troncos e galhos molhados. Então arru- mou sua carga ao redor do fogo, para que se secasse com o calor.

“ – Agora, Venerável, – disse-lhe ao mesmo tempo que se sentava ao seu lado – estou completamente pronto para escutar o quanto quiser contar-me.”

Durante alguns minutos, o velho permaneceu em silêncio, provavelmente lembrando em sua imaginação aqueles dias distantes.

“ –É estranho, – observou de passagem – estar-me aqui como o mais pobre dos pobres, e reviver na imaginação todas as maravilhas que presenciei. Experimentei grandes coisas, vi muitas coisas e me foi prometido muito. O dono dos Campos Celestiais já está a ponto de dar-me as boas vindas. Uma das coisas que aprendi, e você não terá que duvidar dela nos próximos anos, é a seguinte:

Esta vida é somente uma sombra da existência. Se realizarmos nosso trabalho nesta vida, podemos ser admitidos na vida real de mais acima. Eu o sei porque o vi. Mas continuaremos pela ordem com a qual me encomendaram explicar as coisas. Onde paramos?”

Vacilou e se deteve por alguns instantes. O jovem monge aproveitou a ocasião para acrescentar lenha ao fogo. O eremita continuou:

“ – Sim, a tensão no ambiente da caverna foi crescendo continuamente até um ponto insuportável, e eu era o que se encontrava em maior tensão de todos. Ao fim, a tensão alcançou quase um ponto de ruptura. O Almirante, então, pronunciou umas rápidas ordens. Então produziu-se um movimento de técnicos ao meu redor e um estalo repentino. E nesse instante, experimentei como se todos os tormentos do inferno brotassem através de meu corpo. Era como se flutuasse e me sentia a ponto de explodir. Raios em zig-zag se acenderam dentro de meu cérebro e as órbitas de meus olhos pareciam estar cheias de brasas acesas. Se produziam, em mim, viradas dentro da cabeça, picadas agudas e dolorosas. Me sentia como se estivesse rodando pela eternidade. Rangidos, estralos e horríveis estrondos me acompanhavam sem cessar.

Caía sempre mais abaixo, girando e voltando a cabeça por debaixo de meus calcanhares. Logo tive a sensação de um largo tubo de cor negra e em uma de suas extremidades aparecia uma luz de cor vermelha sanguinolenta. Então, parou aquele giro e me vi lentamente subindo até aquela luz. Às vezes, me escorregava até embaixo, em outras, parava, mas sempre um impulso hesitante voltava a levar-me, penosamente, mas sempre para cima. No fim, cheguei à fonte daquela luz sanguinolenta e não pude avançar mais. Uma pele, uma membrana ou "algo" obstruía meu caminho adiante. Muitas vezes fui lançado com violência contra o obstáculo. Todas elas não consegui passar. Cresciam minha dor e terror.

Page 113

Uma violenta impressão dolorosa me invadiu e uma espantosa força me empurrou repetidamente contra a barreira; ouvia-se um som agudo e estridente. Então me vi lançado a grande velocidade através do obstáculo que se pulverizou.

Vertiginosamente eu subia; minha consciência se escurecia e chegou o momento que se apagou completamente. Experimentava uma vaga impressão de uma queda interminável. Em minha mente, uma voz gritava: "-Sobe, sobe!"
Me invadiram umas ondas de náusea.

E a voz, imperativa, me orientava: "– Sobe, sobe!"

Por fim, cheio de desespero, me esforcei em ter os olhos abertos e manter-me sobre meus pés. Mas não foi possível...não tinha corpo! Era um espírito desencarnado, com o poder de vagar aonde quizesse deste mundo. Este mundo? Que mundo era este? Olhei para cima e aumentou a minha estranheza da cena que assistia. As cores eram todas falsas. A grama era verde e as rochas, amarelas. O céu era de um tom verde e pude ver dois sóis. Um era de um azul-claro e o outro alaranjado. As sombras? Não há maneira de descrever as sombras que lançavam dois sóis de uma só vez. Mas, mais raro ainda, haviam as estrelas no céu. Em plena luz do dia. Eram, as estrelas, de todas as cores: vermelho âmbar, azul, verde, e algumas eram brancas. Não estavam espalhadas como são as estrelas a que estamos acostumados. Ali as estrelas cobriam o céu, como os grãos de areia que cobrem o solo totalmente.

De longe, chegavam ruídos. Mas, por mais que esforçássemos nossa imaginação não poderíamos chamar de música a todos aqueles ruídos; contudo, não há dúvida que tudo aquilo era música. A Voz se fez ouvir

de novo, fria, implacável:

"—Move-te; decide por ti mesmo aonde precisarás ir."

De modo que eu pensei em ir até o lugar de onde chegavam os sons. E já estava nela. Sobre um terreno plano, coberto de vegetação vermelha, rodeado de árvores de cor roxa e laranja, dançava um grupo de jovens. Alguns estavam vestidos de cores vivas, outros não usavam

vestimenta nenhuma. Contudo, estes últimos não provocaram em mim a menor reação adversa. De um lado estavam outros tocando instrumentos cuja descrição ultrapassa minhas capacidades. O ruído que faziam, me é igualmente impossível decrever-lhe. Todas as notas me pareciam desafinadas e o ritmo, para mim, não tinha sentido algum.

" – Misture-se com eles!", me ordenou a Voz.

Imediatamente, me vi flutuando por cima deles e ordenei a mim mesmo ir até uma parte daquele campo e me senti sobre ele. Era tão quente que temi machucar os pés, mas lembrei que eu não tinha pés, já que era um espírito desencarnado. O que logo aconteceu demonstrou isso bem claramente: uma moça nua, perseguindo a um rapaz vestido com roupas brilhantes, passaram através de mim, sem perceberem.

A moça aprisionou a seu homem, enlaçou-o com os braços levou-o para fora do campo atrás das árvores, e no lugar aonde eu estava parado chegaram uns pouco gritos e exclamações de prazer. Os músicos continuaram suas musicas absurdas, e todos pareciam estar extremamente satisfeitos.

Eu fui, então através do ar e não por minha própria vontade. Eu era levado como uma corneta cujo fio um menino segura. Sempre mais alto, eu subia pelos ares até que, por fim, pude divisar o brilho da água. Era verdadeiramente água? A cor era de alfazema pálida, que mandava fagulhas douradas no balançar das ondas.

"— A experiência me matou" – pensei comigo. "— Agora estou no Limbo, na Terra das Pessoas Esquecidas. Nenhum mundo tem tais cores nem coisas tão singulares."

"- Não!", disse aquela voz inexorável, dentro de meu cérebro. "
- A experiência teve bom êxito. Terás os devidos comentários sobre tudo quanto agore lhe acontece, para que fique mais informado. É vital que compreenda tudo que lhe seja mostrado. Ponha toda sua atenção!"

"Toda minha atenção! Podia por acaso fazer outra coisa?", pensei tristemente.

Subi cada vez mais alto. Muito além, reconheci refulgentes raios no horizonte. Eram estranhas e espantosas formas que ali se formavam, semelhantes aos demônios das portas do Inferno. Podia reconhecer também manchas fracas de luz que caíam e se incendiavam, indo de uma forma a outra naquele lugar. Em todo o redor delas existiam amplos caminhos que irradiavam de cada uma daquelas formas, iguais a pétalas de flores que se distanciam radialmente do centro. Tudo aquilo era, para mim, um mistério. Não podia imaginar qual a natureza de tudo aquilo, apenas podia flutuar pelos ares, cheio de surpresa.

Bruscamente, me senti lançado de novo a velocidade acelerada. Diminuia a altura de meu vôo. Minha descida, de todo involuntária, se dirigia até um ponto aonde pude distinguir várias casas individuais espalhadas ao longo de umas estradas dispostas de forma radial. Cada casa parecia ter, ao menos, o tamanho das que são propriedade da mais alta aristocracia de Lhasa, cada uma ocupando uma porção grande de terreno. Estranhas estruturas de metal espalhadas uniformemente pelos campos realizavam trabalhos que apenas um agricultor pode discrever corretamente. Mas, quando me aproximei mais, me dei conta que se tratava de uma grande fazenda, aonde flutuavam sobre umas águas rasas umas pranchas perfuradas. Em cima delas havia um grande número de plantas maravilhosas, cujas raízes se arrastavam por dentro das águas. Tanto por sua beleza quanto por seu tamanho, aquelas plantas eram muito maiores do que as que crescem usualment sobre a terra. Contemprá-las, me encheu de assombro.

De novo me afastei daqueles lugares e pude ver maiores horizontes na distância. Aquelas formas que tanto me intrigaram quando as vi ao longe, estavam muito mais perto, mas meu cérebro confuso não se achava em condições de compreender o que via. Era muito impressionante, era incrível em excesso. Eu era um pobre tibetano, um humilde sacerdote que nunca havia passado de uma viagem a Kalimpong. Mas, naqueles preciosos instantes, ante meus olhos arrancados – mas, eu tinha olhos? – aparecia uma grande, uma fabulosa cidade. Torres imensas, em espiral, se elevavam, talvez, uns seiscentos metros no ar.

Cada uma delas possuía uma varanda em espiral, da qual se irradiava, sem que se visse apoio nenhum, umas ruas que entre todas se tecia uma teia de aranha, mas de uma espessura que não podia ser tecida pelas próprias aranhas. Essas ruas se encontravam lotadas por uma multidão rápida. Em cima e embaixo balançavam pássaros mecânicos carregados de gente. Cada um deles se afastava para não se chocar com os outros com uma habilidade que me enchia de surpresa. Um daqueles pássaros velozes veio até a mim. Vi um homem que ia na frente dele, guiando-o, mas ele não me via. Todo meu corpo se contraiu e retorceu de terror, pensando no choque inevitável, mas o artefato aproximou-se, veloz , me atravessou, e nada me aconteceu. O que era eu? Sim, lembrei-me, era um espírito desencarnado, mas queria que alguém me explicasse a meu cérebro a razão pela qual experimentava emoções – principalmente o medo – igual a um corpo normal e inteiro como eu havia experimentado.

Eu vagava entre aquelas torres em espiral e me balançava entre as ruas. A cada ponto, descobria novas maravilhas. Em certos níveis altos, viam-se estupendos jardins suspensos. Haviam campos de jogos de uma incrível beleza para as pessoas nobres. Mas, todas as cores estavam erradas. E as pessoas também. Alguns eram gigantes e outros anões. Alguns tinham coisas de seres humanos e outras de aves, o corpo que parecia humano e que possuía uma perfeita cabeça de pássaro. Alguns eram brancos, outros negros, ou coloridos, enquanto outros eram verdes.
Eram de todas as cores, não simplesmente matizes ou tons e sim cores primárias bem definidas. Alguns deles possuíam quatro dedos, com um polegar em cada mão. Mas haviam os que tinham nove dedos, com um par de polegares em cada mão. Um grupo possuía apenas três dedos, chifres nos lados da testa e um rabo.

Meus nervos não aguentaram mais frente a aquela visão e por minha própria vontade, me elevei pelos ares com toda a velocidade.

Nas minhas novas alturas se via claramente como cobria a cidade um vasto espaço. Estendia-se tanto quanto podia alcançar minha vista, mas, em um de suas extremidades distantes, podia-se ver claramente que estava livre de edifícios altos. Ali, o tráfego aéreo era intenssíssimo.

Umas chamas brilhantes (assim pareciam à distância) se remontavam com uma velocidade que desafiava a vista e seguiam por um plano horizontal. Vi-me marchando pelos ares daquele lugar. Ao aproximar-me, me dei conta de que toda aquela área parecia fabricada de cristal, e em suas superfícies se descobriam raros aparatos metálicos. Alguns eram esféricos e pela direção que iam, pareciam viajar para além dos

confins daquele mundo. Outros, parecidos a duas meia-esferas de metal unidas pelas bordas, também pareciam destinados a viagens fora de seu mundo. Mas haviam outros parecidos com lanças disparadas. Observei que, depois de ganhar certa altura, adotavam uma trajetória horizontal e viajavam até algum lugar, para mim desconhecido, daquele mundo.

O movimento era vertiginoso e eu mal podia crer que tanta gente pudesse caber numa cidade. Todos os habitantes daquele mundo estavam aglomerados ali, pensei. Mas, quem era eu? Me senti cheio de pânico.

A Voz me respondeu:

"—Tens que saber e entender que a Terra é só um dos menores grãos de areia às beiras do Rio Feliz. Os demais mundos deste Universo aonde está situada a Terra são tantos e tão diversos como a areia, os pedriscos e rochas que acompanham as bordas do Rio Feliz. Mas esse não é mais que um Universo. Há Universos além de toda a conta, assim como há folhas de grama sobre o solo. O tempo sobre a Terra não é mais que um piscar de olhos dentro do tempo cósmico. As distâncias sobre a Terra não são nem um momento, são coisa insignificante e é como se não existissem em comparação com as grandes distâncias do espaço. Agora estais sobre um mundo num universo tão distante da Terra que se deu conta que está além de sua compreensão. Chegará o tempo no qual os maiores cientistas de vosso mundo se verão obrigados a reconhecer que há outros mundos habitados e a Terra não é, como agora se acredita, o centro da criação.

Agora nos encontramos localizados sobre o mundo principal de um grupo que conta com mais de um milhar deles. Cada um desses mundos está habitado e todos eles reconhecem a autoridade do Mestre do mundo sobre o qual estamos agora. Cada mundo governa a si mesmo, se bem que todos seguem uma política comum, dirigida a extirpar as piores injustiças sob as quais vivem as pessoas. Uma política destinada a melhora das condições em que todos vivem.

Cada um dos mundos citados tem, a seu comando, uma raça de pessoas. Alguns são pequenos, como viu. Outros, altíssimos, como também comprovou. Alguns, segundo nossos modos de ver, são feíssimos e fantásticos, outros, charmosos e angelicais. Não devemos, sem dúvida, enganarmo-nos pelas aparências exteriores, já que a intenção de todos é boa. Toda esta gente vem prestar homenagem ao Mestre do

mundo em que agora estamos. Seria inútil tentar dar os nomes de todos eles, estes não teriam o menor sentido em sua língua e em vossa compreensão. Apenas serviriam para embrulhar sua memória. Estas pessoas prestaram homenagem, como eu disse, ao Grão-Mestre do mundo em que nós estamos. É alguém que não abriga em seu peito desejos terrestres em asoluto. Alguém cujo máximo interesse consiste na preservação da paz entre todos os homens, seja qual for sua forma, seu tamanho, sua cor, para que possam ajudar na tarefa de praticar o bem, em lugar daquelas destruições a que devem se dedicar aqueles que buscam defender a si mesmos.

Aqui não há grandes exércitos, nem hordas batalhadoras. Existem homens de ciência, comerciantes, naturalmente sacerdotes e também exploradores que vão a mundos distantes para aumentar o número daqueles que se associam à irmandade poderosa. Mas ninguém o faz obrigado. Os que querem unir-se a essa federação tem que pedí-lo e só se admitem aqueles que já destruíram seus armamentos.

O mundo do qual falamos atualmente é o centro deste Universo particular. É o centro da cultura, do conhecimento e não há outro qu o supere em magnitude. E uma maneira especial de viajar foi descoberta e desenvolvida.

Repito novamente que explicar os métodos utilizados iria carregar demais os cérebros dos maiores cientistas da Terra; pois ainda não atingiram o estágio que permite pensar em quatro e até cinco dimensões, e qualquer discussão com eles não teria sentido, até o dia que virá quando eles possam se livrar de todos os preconceitos que os mantêm cativos.

As cenas que vemos agora acontecem no mundo-guia. Precisamos que você viaje sobre a superfície para ver uma civilização tão avançada com seus habitantes, tão magnífica que você não possa compreender. As cores que você vê aqui não são iguais às da Terra, mas este não é o centro da civilização. As cores são diferentes em cada mundo, e dependem de circunstâncias e necessidades de cada um. Você pode ver este mundo, e a minha voz vai acompanhá-lo. Quando você tenha visto o suficiente deste mundo para compreender sua grandeza, então viajareis ao passado e, em seguida, você poderá ver como os mundos foram descobertos, como eles nasceram, a nossa maneira de proceder a tentar ajudar aqueles que querem se ajudar. Lembre-se sempre isto: nós, no espaço, não somos perfeitos, porque a perfeição não existe, nem pode ser, ao mesmo tempo estamos em qualquer parte desse universo. Mas nós tentamos fazer as coisas da melhor maneira que pudermos. Existem

coisas no passado – o que tendes de admitir – que são muito boas, mas também outras coisas que, apesar de tudo, temos de confessar que são muito ruins. Mas nós não estamos felizes com o seu mundo, a Terra, o que nós queremos é que você possa construir esse mundo, que você possa viver lá. No entanto, temos de garantir que as obras do homem não o alterem com sua poluição e causem danos ao espaço e aos habitantes de outros mundos. Mas agora vamos continuar assistindo o mundo que está à frente de outros mundos."

"—Meditei profundamente sobre aquelas palavras – disse o ermitão. Refleti detidamente sobre as maravilhas que anunciavam aquelas palavras da Voz, já que eu estava convencido de que toda aquela dissertação sobre o amor fraternal não passava de uma piada.

Meu próprio caso, pensava comigo, deve ser um entre tantos que mostram a falsidade de todos esses argumentos. Aqui estou eu, considerado um pobre e ignorante nativo de um país pobríssimo, árido e atrasado, e, absolutamente contra minha vontade, fui feito prisioneiro, operado e pelo que pudia ver, arrancado de meu corpo. Estava ali, aonde? A história de que estava fazendo tanto bem à humanidade ainda mais me parecia improvável."

A Voz interrompeu meus pensamentos alterados dizendo-me:

" – Monge, o que estais pensando nos mostram nossos instrumentos, e o que pensais não é certo. Vossos pensamentos são falsos. Nós somos os Jardineiros, e um jardineiro deve tirar os galhos mortos e arrancar as ervas daninhas. Mas quando existe um broto melhor que os demais o jardineiro o retira da planta-mãe e o enxerta em alguma outra, com o propósito de que possam originar novas espécies. Segundo o seu critério, o tivemos tratado da pior maneira possível. Segundo nossa maneira de ver, lhe demos uma honra muito especial, que reservamos a uns poucos, uma honra singular."

A Voz vacilou uns instantes e logo continuou:
" – Nossa história abrange bilhões e bilhões de anos – expressada em termos de vosso tempo terrestre – Mas, suponhamos que a existência da Terra seja representada pela Potala, então a vida do Homem sobre o planeta pode se comparar a espessura de uma camada de pintura no teto de uma de suas habitações. É assim, já o viu. O Homem é tão novo sobre a Terrra que nenhum ser humano possui autoridade suficiente para querer julgar o que fazemos. Mais adiante vossos próprios homens de ciência descobrirão que suas próprias leis matemáticas de

probabilidade mostram como é evidente a existência de outros mundos extraterrestres habitados. Também compreenderão a evidência de que os extraterrestres possam ver os últimos confins de seu limitado universo, dentro do conjunto de universos que contém vosso mundo."

Mas este não é nem o lugar nem a época para dedicarmos a uma discussão de tal natureza. Aceite nossa segurança de que está levando a cabo um bom trabalho e que nós sabemos mais que tu sobre todas essas coisas. Perguntais, também, aonde te encontrais, e eu te respondo que vosso espírito desencarnado, temporáriamente separado de teu corpo, viajou para além dos fins de vosso universo e foi diretamente ao centro de outro universo, e à cidade que, por sua vez, é o centro do planeta principal. Temos muitas coisas para mostrar-lhe em vossa viagem, vossas experi- ências mal começaram. Esteja seguro de que o que estais vendo é aquele mundo como ele é na atualidade, já que, para o espírito, a distância não existe.

Agora precisamos que vás contemplando, para que se familiarize com o mundo aonde nos encontramos atualmente, assim dareis mais crédito a vossos sentidos quando passarmos a assuntos mais importantes, já que logo o enviaremos ao passado, através dos Registros Akáshicos, onde verás o nascimento de seu planeta, a Terra."

" – A Voz parou" – disse o velho eremita, e se calou por uns breves minutos, que aproveitou para beber uns goles de chá, que já estava completamente frio. Com um ar meditativo, deixou de lado a cuia e cruzou os dedos de suas mãos, depois de ter arrumado a roupa. O jovem monge se levantou e acrescentou nova lenha ao fogo e logo se sentou, depois de ter coberto o velho novamente.

" – Como lhe disse, – continuou o velho monge – eu me encontrava em um estado de pânico e, enquanto pairava sobre aquela imensidão, me senti cair, me senti passando por vários níveis, cruzando pontes entre grandes torres, outra vez me vi caindo sobre o que parecia ser um parque agradável, levantado sobre uma plataforma – ou, ao menos, me pareceu – que o sustentava. A vegetação, ali, era vermelha, e, então, com grande surpresa, descobri que de um lado a grama era verde. Em uma lagoa daquele jardim, a água era azul e no bosque que era verde, a lagoa era de uma cor de baunilha.

Page 122

Em volta deles se viam reunidas uma multidão impressionante. Mas, agora, começava a distinguir um pouco quem eram os naturais daquele planeta e quais eram os visitantes de planetas distantes. Notava-se algo de sutil no porte e maneiras dos primeiros, que não existia nos últimos. Os nativos ostentavama uma superioridade, da qual estavam convencidos por completo.

Ao redor dos lagos – ou piscinas -, alguns pareciam dotados de uma virilidade notável e outros de uma feminilidade extrema. Havia um terceiro grupo manifestamente neutro. Me interessou a observação que toda aquela gente andavam nus, exceto o grupo feminino que levava alguns objetos metálicos na pele. Não pude distinguir bem de que se tratava, mas era indubitável que se tratava de algum adorno metálico. Naquele instante, quis afastar-me dali, porque alguns dos jogos daquelas pessoas nuas não agradavam nem um pouco a mim, que havia sido educado desde a infância dentro de um convento de lamas e, por isso, em meio a um ambiente xclusivamente masculino. Apenas entendi o sentido de alguns gestos a que se entregavam as mulheres. Quis elevar-me e partir dali.

Passei velozmente através da cidade e cheguei às redondezas, aonde haviam casas espalhadas pela campina. Todos os campos e plantações se viam extraordinariamente bem cultivados e haviam grandes propriedades naquele bairro, me pareceu que estavam dedicados ao cultivo aquático – que já lhe descrevi – mas isso apresentava pouco interesse, para ninguém exceto às pessoas estudando agronomia.

Subi mais alto e observei buscando algum objetivo para onde encaminhar-me. Vi um imponente mar de cor de açafrão. Se dividiam grandes rochas beirando a costa. Eram amarelas, vermelhas e de toda sorte de cores e matizes, mas o mar era constantemente de uma cor amarelada. Este fenômeno me era imcompreensível. Antes a água parecia ser de outra cor. No entanto, olhando para cima, encontrei a razão daquele fenômeno. Um sol havia se posto, e aparecia outro, com o que se contavam três sóis! Com a subida do terceiro e descida do...

Page 123

outro, as cores mudavam constantemente, até o ar mostrava matizes

distintas. Meus sentidos desorientados viam como as plantas mudavam de tonalidade, passando do vermelho ao púrpura e do púrpura ao amarelo e, juntamente, o mar também ia mudando de cor. Ele me lembrava a forma com a qual nos entardeceres, quando o sol se punha sobre as altas cordilheiras do Himalaya, as cores iam mudando e, em vez da luz brilhante do dia nos vales, se forma um crepúsculo avermelhado, nasce e invade tudo e até os cumes nevados perdem sua branco puro e parecem ser azuis ou de cor rosada. Por causa disto, enquanto contemplava todas aquelas mudanças, não experimentava grandes surpresas, e presumi que as cores mudavam continuamente naquele planeta.

Mas não senti grandes desejos de voar sobre as águas, porque não tinha experiência alguma nos mares, - jamais havia visto nenhum – Sentia um temor instintivo e um medo de que neles me pudesse ocorrer alguma desventura e que cairia naquelas águas. Assim foi que dirigi meus pensamentos para a terra firme, então meu espírito desencarnado deu uma volta e voei por cima de umas poucas milhas sobre uma costa rochosa e umas pequenas fazendas. Então, com todo o prazer de minha alma, me encontrei com uma paisagem que me era familiar: uma sucessão de charnecas, sobre as quais desci, voando baixo e contemplei as plantas lotadas na superfície daquele mundo. A diferença das do nosso consistiam em que a luz do sol pareciam ter suas florzinhas de cor violeta, com talos escuros, parecidas com os brejos. Mais além, se encontrava um banco de flores que como tinha dito, sob aquela luz, eram carqueja, mas sem espinhos.

Subi por volta de quarenta metros e atravessei aquela paisagem, a mais agradável de todas quanto havia visto naquele estranho mundo. Para aquelas pessoas, não duvido que deveria parecer uma paisagem muito desolada. Não havia o menor sinal de habitações humanas, nem de caminhos. Em um barranco alto e arborizado vi um pequeno lago e um riacho que caía sobre ele desde uma alta nascente e o alimentava.

Parei um pouco, contemplando as sombras que mudavam e vários tons coloridos de reflexos de luz, escoando por entre as folhas das árvores em cima da minha cabeça. Continuando, abaixo se divisava, turva, uma área de terra, um amplo riacho de água, uma porção de terra, e de novo o mar. Contra minha vontade eu fui forçado a viajar através de outras terras e cidades. Nelas se viam as cidades pequenas que eram, no entanto, de grandes proporções. Acostumado como estava ao tamanho da grande capital, pareciam pequenas. Ainda assim, muito mais extensas do que as que eu pensei que vi na Terra que havia deixado.

Meu movimento foi interrompido abruptamente e rapidamente fui descendo numa espiral íngreme. Então eu olhei embaixo de mim. Eu vi uma paisagem que me encheu de assombro. Um castelo no meio do mato. O castelo era de uma brancura imaculada e fiquei impressionado as torres e muralhas dele, que eram incompatíveis com uma civilização como a do planeta. Ainda refletia pelo que tinha diante dos meus olhos, ouvi a voz do Mestre:

"- Aqui reside o Mestre. O prédio é muito antigo, o mais antigo deste velho mundo. É o santuário onde todos os amantes da paz são destinados, a fim de passar alguns momentos diante do muro e dar graças mentalmente para a paz, paz que engloba todos os que vivem sob a luz do império. A luz aonde não há trevas, porque há cinco sóis e nunca escurece. Nosso metabolismo é diferente dos de seu mundo. Nós não precisamos de horas de escuridão para desfrutar do sonho. Somos feitos de maneira diferente."

Capítulo oito

O velho eremita se estremeceu com inquietude sob suas leves vestimentas.

" –Quero voltar à caverna." -- exclamou – "Não estou acostumado a passar tão longo tempo ao ar livre."

O jovem monge, atento ``a extraordinária história de um tempo atrás, se colocou em pé num salto.

" – Oh! – exclamou – as nuvens se levantam. Logo se poderá ver claramente."

Rápido, com todo o cuidado, deu a mão ao velho e o acompanhou para longe da fogueira e dentro da caverna, da qual já havia saído a neblina.

" – Vou trazer água e lenha. – disse o jovem – Quando estiver de volta poderemos tomar chá, mas me verei obrigado a ficar fora mais tempo que de costume, já que terei que ir mais longe pela lenha. Toda que havia perto daqui se acabou.", disse com calma., saindo pelo caminho.

As nuvens pareciam correr em fuga. Soprava um vento fresco e contínuo quando o monge olhava como as nuvens iam se remontando e se descobria à vista o formato da montanha. A tanta distância, não

pôde ver as pequenas manchas que seriam os viajantes da caravana. Nem pôde distinguir a fumaça do fogo sobre as nuvens que se afastavam. Os viajantes ainda não tinham se colocado em movimento, pensou, havendo se aproveitado da parada forçada para dormir e repousar. Ninguém pode atravessar a montanha quando as nuvens descem sobre a terra, o perigo é demasiado grande. Um passo em falso pode provocar a queda de um homem, ou de uma besta de carga, centenas e centenas de metros abaixo, pelo precipício. O jovem monge estava pensando num acidente acontecido há pouco tempo, quando ele visitava um pequeno convento de lamas, situado ao pé de um penhasco. As nuvens estavam baixas, raspando no teto da lamaseria. De repente, aconteceu um deslizamento de pedras e um grito rouco. Logo, um guincho e um ruído abafado como o de um saco de cevada úmida lançado com força ao solo. O jovem,

havia olhado naquela direção. Os intestinos de um homem estavam pendurados em uma pedra, a uns três metros dali, e ainda permaneciam unidos ao corpo de um homem que estava morrendo sobre o solo. Seria um caminhante ou viajante que fazia seu caminho, temerosamente pensou o jovem monge. O lago todo estava coberto de neblina, e as copas das árvores brilhavam de modo fantasmagórico, prateadas, quando o jovem caminhou em sua direção.

Grande achado! Uma copa inteira de uma árvore havia sido arrancada pela tormenta. Olhou entre a neblina rápida e decidiu que aquela ár- vore havia sido abatida por um raio durante a tempestade. Jaziam galhos ao seu redor e o tronco se via partido em dois por completo. Muito contente, o jovem carregou o maior galho que pôde e lentamente o foi levando a boca da caverna. Enchendo logo forçadamente o recipiente de água, começou o regresso definitivo a caverna. Num momento, pôs a água no fogo e entrou depois, saudando o ermitão.

“ – Uma árvore inteira, Venerável! Coloquei a água a ferver e depois que tenhamos bebido chá com tsampa, trarei muita lenha, antes que os da caravana cheguem e façam fogo com o resto da árvore que permanece lá.”

O velho eremita, tristemente, lhe respondeu:
“ – Não há tsampa. Eu, querendo ser útil e, como não posso ver, sem querer, derramei e pisoteei a cevada. Apenas sobraram restos espalhados pelo chão.”

Com um olhar de desânimo, o jovem monge se levantou rapidamente e correu até o canto aonde havia deixado a cevada. Não restava nada dela. Apoiando-se de bruços, cavou ao redor, aonde estava a pedra plana. Foi um desastre. Terra, areia e cevada estavam misturadas, em

confusão. Nada podia aproveitar-se. Levantou-se aos poucos e, devagar, foi até o eremita. Um pensamento rápido o fez retroceder, o tijolo de chá teria se salvado? Pedaços dispersos deitados no chão no fundo da caverna. O velho tinha pisado aquele tijolo, do qual haviam apenas três pedaços pequenos. Triste, o jovem monge voltou ao velho.

" –Não há mais comida, Venerável; e só temos chá por agora. Podemos nós aguardarmos que os mercadores cheguem hoje a nós ou teremos que ficar em jejum."

" – Em jejum? – replicou o ancião – Frequentemente tenho ficado sem comida por uma semana ou até mais. Nós podemos nos sustentar com água quente. Para quem não teve de beber, senão água fria por mais de sessenta anos, a água quente lhe é um luxo."

Manteve-se calado alguns momentos, e logo prosseguiu:

"- Aprenda a passar fome agora. Aprenda a ter força. A experimentar uma sensação positiva. Durante vossa vida conhecereis fomes e sofrimentos. Serão eles vossos mais fiéis companheiros. Existem várias pessoas que lhe queirão fazer dano, que o queirão submeter sob o domínio deles. Apenas com uma mente positiva, continuamente positiva, podereis sobreviver e superar todas as provas e tribulações que implacavelmente lhe estão destinadas. Agora é o tempo de aprendizagem. Sempre será o de praticar o que aprendereis agora. Contanto que sempre tenhais fé, contanto que se comporte de uma maneira positiva, podereis aguentar tudo e seguir em frente, vitorioso de todos os ataques do inimigo."

O jovem monge estava prestes a desmaiar de terror frente todas estas alusões às calamidades futuras, sinais precursores de um destino vindouro. Todo esse mundo de advertências e exortações. "Não havia nada para ser feliz e brilhante na vida que você destinava viver? Mas, em seguida, lembrou-se dos seus ensinamentos, este é o mundo da ilusão, onde mesmo o homem não é mais que uma ilusão.

Aqui, o nosso grande ótimo Super-Eu envia seus fantoches para ganhar conhecimento e para que dificuldades imaginárias sejam superadas. Quanto mais precioso seja o material, devem ser mais duras as provas e apenas falha o material defeituoso. Neste, o mundo da ilusão, em que o homem não é senão uma sombra, uma extensão mental do Grande Super-eu, que vive longe de nós. No entanto, pensou mau-humoradamente, a vida podia ser um pouco mais alegre. Mas, ninguém é carregado mais do que pode aguentar, e o próprio homem escolhe o trabalho que pode ser feito e as provas que pode suportar.

“ – Ficarei louco, – disse a si mesmo – se quero suportar estas perturbações por mim mesmo.”

O velho ermitão perguntou: “ – Tens casca fresca, daqueles ramos que trouxeste?”

“ – Sim, Venerável. A árvore foi atingida por um raio, ontem se encontrava inteira.” – respondeu o jovem.

" – Então, retire a casca de um galho e arranca dela o branco, ignorando o resto. Em seguida, coloque as fibras brancas em água fervente. É um prato excelente e nutritivo, se bem que nada agradável. Tem um pouco de sal, bórax ou açúcar, por acaso?"

“ – Não, senhor. Só temos chá bastante para uma vez.”

“ – Então, serve-o assim mesmo e não nos desanimemos. Três ou quatro dias de jejum não nos vão causar dano algum, ao contrário, aumentarão nossa capacidade mental. Se as coisas nos piorarem, então poderemos ir pedir socorro ao eremitério mais próximo, por comida.”

Com o rosto sombrio, o jovem monge terminou a tarefa de separar as folhas da casca. A casca escura externa foi colocada na fogueira para alimentar o fogo. O alburno, verde-claro e liso, foi convertido em fitas para cozê-la na água que começava a ferver. Mal-humorado, acrescentou a água o último punhado de chá, que, saltando, lhe salpicou e feriu o pulso. Usando uma vara sem sua casca agitou e moveu tudo aquilo dentro da vasilha. Com uma considerável repugnância retirou a madeira e provou, no cabo deste, umas poucas gotas daquela mistura que estava grudada. Suas mais negras esperanças se viram confirmadas. Aquilo não lembrava a nada. Com um leve aroma de chá destilado.

O velho eremita se riu com sua cuia. “ – Posso alimentar-me com isso. Quando cheguei aqui não havia outra coisa. Naqueles dias cresciam uns arbustos em frente da entrada de minha caverna. Comi-os. Passando o tempo, as pessoas se deram conta de minha presença nestas paragens e muitas vezes, desde então, tive provisões suficientes.

Mas não me preocupo se me vejo forçado a passar sem elas uma semana ou dez dias inteiros. Nunca me falta a água. Que mais alguém precisa?”

Sentado, na escuridão da caverna, aos pés do Venerável enquanto a luz do dia ia subindo fora da caverna, o jovem monge teve a sensação de que havia permanecido sentado assim por uma eternidade. Estudando sem cessar. Agradavelmente, seus pensamentos estavam brilhantes como as lamparinas de manteiga de Lhasa, atualmente para ele é pouco menos que uma coisa do passado. O que lhe forçava a permanecer por aqui não era mais que uma hipótese de que deveria ser até que o velho não tivesse nada mais para dizer-lhe, supunha. Até que o velho estivesse morto e ele devesse dispôr do cadáver.

Pensando este último, sentiu-se estremecer dos pés à cabeça. Quão macabro, pensava, estar conversando com uma pessoa e logo, uma hora ou duas mais tarde, ter que arrancar seus intestinos para que sejam pasto dos abutres e quebrar seus ossos para que nenhuma parte do cadáver fique sem enterrar sobre a terra. Mas, nisto, o ancião já tinha terminado sua comida. Pigarreou, bebeu um gole de água e recompôs sua atitude.

" –Eu era um espírito desencarnado que descrevia umas espirais ao redor do grande castelo, residência do Mestre daquele Mundo Supremo. – começou dizendo o velho eremita – Ansiava ver como era aquele ho- mem que havia ganho o respeito e o amor de um dos mais poderosos mundos existentes. Me sentia cheio de desejos de contemplar que espé- cie de homem – e de mulher – podiam manter essa situação ao longo de centenas e mais centenas de anos. O Mestre e sua Esposa. Mas, não ia ser assim. Me vi arrastado, como um menino pequeno arrasta sua corneta. Fui sensivelmente afastado daqueles lugares.
"-Essa terra é sagrada" – proferiu a Voz muito secamente. "-Não são para os terrestres. Deveis ver outras coisas." E imediatamente me vi lançado para longe dali, e mandado em direção diferente.

Debaixo de mim, os detalhes daquele mundo iam diminuindo de tamanho e as cidades pareciam grãos de areia na praia. Subi pelo ar, e

subi através do ar, e me vi fora da atmosfera. Voava por onde não havia nenhum rastro de ar. Então se apresentou no campo de minha visão um estranho objeto, como nunca havia visto nada semelhante. O objeto que eu observava me era incompreenssível. Ali, no vazio da atmosfera, onde eu não haveria sobrevivido senão sob a forma de um espírito desencarnado, flutuava uma cidade completamente metálica, que se mantinha pelos ares graças a métodos misteriosos que estavam completamente fora de meu alcance e eu não podia discernir. A medida que me aproximava se faziam mais claros os detalhes, e me dei conta de que a cidade repousava sobre

um solo de metal e suas paretes superiores estavam cobertas por um material mais claro que o cristal, mas que não se tratava de cristal. Debaixo daquela coberta transparente pude observar aos habitantes circulando pelas ruas de uma cidade maior do que Lhasa.

Viam-se estranhas protuberâncias em alguns dos edifícios. A maior delas era aquela em cuja direção me via dirigido.

"—Aqui há um grande observatório", - disse a Voz dentro de meu cérebro. " –Um observatório do qual se presenciou o nascimento de vosso mundo. Não através de raios óticos, sim de raios especiais, que se encontram fora de vossa compreensão. Dentro de poucos anos, vosso mundo vai descobrir a ciência do
rádio. O rádio, em seu mais completo desenvolvimento, será como o esforço cerebral de um verme humilde, comparado com a força mental do homem mais inteligente de todos os humanos. O que se utiliza nesses lugares está situado muito mais além. Aqui se investigam os segredos do universo e se vigiam as superfícies dos mais distantes planetas, da mesma maneira que agora estais contemplando a superfície deste satélite. Nenhuma distância, nem a maior possível, representa o menor obstáculo. Podemos inspecionar os templos, as áreas de lazer e ainda os domicílios particulares."

Aproximei-me mais e temi por minha segurança quando vi reluzir a barreira transparente perto de minha pessoa. Temi chocar-me contra ela e experimentar lesões, mas, antes que entrasse em pânico, lembrei que

naquele momento, era um desses espíritos que podem penetrar nas paredes mais sólidas quando a eles lhes parece fácil. Lentamente, eu passei por essa substância como vidro e chegou à superfície daquele mundo que a voz havia chamado com a palavra "satélite". Passei algum tempo indo e voltando, tentando pôr ordem nos pensamentos incomôdos que se amontoavam dentro de mim. Foi uma experiência curiosa com um ignorante nativo de um país atrasado de terras subdesenvolvidas. Era difícil entender o que via e conservar a própria razão.

Suavemente, igual uma nuvem arrastando-se pelo lado de uma montanha ou um raio de lua voando veloz e silenciosamente pelo alto de um lago, comecei a mover-me de lado, muito diferente das divagações a que havia me entregado. Me movia em direção lateral e atravessava estranhanhas paredes de um material que me era desconhecido. Ainda quando continuava sendo um espírito, não deixava de experimentar uma ligeira oposição ao meu avanço, que me causava uma certa coceira por todo o meu ser e, por um momento, a sensação de que me encontrava prisioneiro de um espesso lodaçal. Com uma curiosa sensação de ser arrancado,

que fez tremer toda minha pessoa, abandonei aquela parede pegajosa. Ainda lutava fortemente, e me pareceu escutar a Voz que disse: " –Já passou! Por um momento, acreditei que não poderia."

Agora, havia atravessado a parede e me encontrava dentro de um imenso espaço coberto, demasiado vasto para ser chamado de uma habitação. Umas máquinas absolutamente fantásticas e alguns aparelhos se encontravam naqueles lugares. Coisas muito além de meus conhecimentos. Mas o mais incomum de todo aquele ambiente eram os habitantes da caverna. Uns humanóides, extremamente pequenos, que se ocupavam com uns objetos que, pareciam-me ser ferramentas, enquanto outros, gigantes, carregavam fardos enormes de um lado para outro e faziam as tarefas pesadas para os demais, que eram demasiado frágeis.

"— Aqui – explicou a Voz dentro de meu cérebro – temos instalado um grande sistema. As pessoas pequenas realizam ajustes delicados e

constrói pequenos objetos. As pessoas maiores, fazem coisa em consonância com seu tamanho e força. Agora, prossigamos."

Aquela força imponderável me empurrou de novo e pude passar adiante, vencendo outra barreira em meu progresso. Era todavia mais firme e ágil, tanto para entrar nela quanto para sair.

"—Esse muro – murmurou a Voz – é a Barreira da Morte, Ninguém pode entrar nela e sair se ainda reside em sua carne. É um lugar muito secreto. Aqui podemos observar todos os mundos e descobrir imediatamente a preparação das guerras. Veja!"

Olhei ao meu redor. Por alguns momentos tudo quanto via carecia de sentido para mim. Então me concentrei com todas minhas forças e meus sentidos. As paredes ao redor daquele lugar estavam divididas em retângulos de um metro de largura por oitenta centímetros de altura. Cada um deles era um quadro vivo, embaixo dos quais se viam uns sinais estranhos, que julguei serem escrituras. As imagens eram surpreendentes. Em uma delas se observava um mundo observado do espaço. Era azulado e verde com estranhas manchas de cor branca. Com uma forte impressão me dei conta de que aquele era meu próprio mundo. O mundo em que nasci. Uma mudança que se produziu no quadro ao lado chamou toda a minha atenção. Tive a sensação ruim de estar caindo e me dei conta de que estava sentindo minha própria queda em meu próprio mundo.

As nuvens se afastaram e contemplei o panorama inteiro da India e o Tibete. Ninguém me disse que era assim, mas compreendi por instinto. A imagem se fez cada vez mais nítida. Vi Lhasa, também as comarcas altas e a cratera vulcânica.

"—Mas não se encontra aqui para ver estas coisas!" – exclamou a Voz – "—Olhe a outras partes!"

Olhei ao meu redor e me surpreendeu ao extremo o que vi. Aqui, neste quadro, se via o interior de uma sala de conselho. Personagens com aparência de serm muito importantes conversavam animadamente. Se levantavam as vozes, também as mãos. Atiravam papéis ao chão, sem nenhum respeito. Em uma cadeira levantada, sob um dossel, um homem

com o rosto avermelhado estava falando de uma forma frenética. Aplausos e vaias em proporções iguais enfatizavam seus discursos. A cena me lembrou completamente uma reunião de abades superiores.

Virei-me de novo. Por todas as partes haviam pinturas vivas, ao estilo das descritas. Algumas cenas estranhas, nas cores mais inesperadas. Meu corpo se transladou a outra parte. Ali se viam representações de objetos metálicos estranhos, movendo-se na negritude do espaço. "Negritude" não é a palavra bem exata, porque o espaço estava cheio cheio de pontinhos de luz de várias cores, algumas dessas cores não conhecidas por mim antes daquela ocasião.

" – São naves do espaço em plena viagem – disse a Voz – Temos, para observá-los cuidadosamente, as rotas de todo nosso tráfego."

Me impressionou o rosto de um homem que apareceu, como vivo, em uma peça da parede. Pronunciou umas palavras, que não entendi. Movia sua cabeça como se estivesse conversando cara a cara com outra pessoa. O rosto desapareceu, com uma saudação de sua cabeça e um sorriso de seus lábios. A parede ficou lisa como antes.

Imediatamente, aquela cabeça foi substituída por uma paisagem como a visão de pássaro. Uma vista do mundo que acabava de deixar, aquele que era o centro de um vasto império. Olhei, embaixo, a grande cidade, contemplando com todo o realismo suas imensas extensões. O quadro se movia com tal velocidade que voltava a ver o distrito aonde estava a residência do Mestre daquela grande civilização. Vi as grandes muralhas e os raros e exóticos jardins aonde se levantava aquele prédio. Vi um bonito lago com uma ilha no meio. Mas o quadro nunca parava, varrendo a paisagem, como faz um pássaro em busca de uma possível presa. O quadro, então, se deteve. Se aproximou mais e

focalizou um objeto metálico que descrevia voltas suaves e descia ao solo. O quadro se aproximou até que só se via aquele objeto metálico. Um rosto humano apareceu. Estava falando, respondendo a perguntas desconhecidas. Depois de uma espécie de saudação, aquela imagem se borrou.

Page 134

Me transportei, se bem que sem intervenção alguma de minha vontade. Minha mente, dirigida, abandonou aquela estranha habitação e penetrou em outra. Coisa rara! Aqui diante de cada um dos sete quadros permanecia sentado um ancião.

Por um momento, me deteve a surpresa mais completa. Logo, comecei a rir baixinho histéricamente. Ali estavam sete velhos, todos eles barbudos, todos parecidos entre si e de aspecto sério. Dentro de meu pobre cérebro a Voz, com tons enojados, proferiu em vozes altas:

"—Silêncio!, Sacrílego. Aqueles que aqui vês com os anciãos que controlam seu próprio destino. Silêncio, eu digo, e um ar respeitoso!"

Mas o velho homem sábio não tomou conhecimento, mas estava consciente da minha presença, porque em uma das fotos eu sentei-me sobre a terra, cheia de fios e tubos. Em outro quadro representando-me lá. Foi uma sensação estranha para mim.

"—Aqui - a Voz continuou, mais calma - estão os sábios que pediram a sua presença. Eles são os homens mais sábios entre os outros, que têm se dedicado ao longo dos séculos, para o bem de seu próximo. Trabalham seguindo as diretrizes do Mestre em pessoa, que é vivo a um tempo mais longo que eles. Nossa orientação é a de salvar seu mundo. Salvá-lo do que ameaça ser um suicídio. Salvá-lo do funesto resultado de uma explosão nuc....., mas não mencionemos términos que agora carecem de sentido para você, por ainda não haverem sido inventados em seu mundo.

Seu mundo está a ponto de que aconteça uma considerável e intensa transformação. Descobrirão-se novas coisas e se inventarão armras novas. O homem entrará no espaço dentro dos próximos cem anos futuros. Isto é o que nos deve interessar."

Um dos Sábios fez um sinal com as mãos, e os quadros foram mudando. Um mundo após o outro se seguiam dentro dos quadros. Umas pessoas, depois outras, se apresentavam, para desaparecer ao cabo de alguns instantes, para serem substituídas por outras. Estranhas bolhas de vidro se tornaram luminosas e umas linhas que se trançavam se cruzaram nos fundos. Ouvia-se o rufar de

umas máquinas,
das quais saíam uns largos papéis impressos que iam se enrolando numas cestas

que havia perto dessas máquinas impressoras. Se tratava de impressos cobertos de curiosos sinais. Todos eles iam mais além de minha compreensão, tanto que ainda hoje, depois de meditar sobre todas aquelas coisas, ainda desconheço seu sentido. E, continuamente, os velhos Sábios tomavam notas em tiras de papel ou falavam em uns discos colocados a seus lados. Em resposta, lhes falava uma voz igual a um desencarnado, mas com entonação perfeitamente humana. Mas não pude perceber a origem destas palavras.

Ao final, quando tudo me dava voltas, sob o impacto daquelas raras impressões, a Voz, em meu cérebro, disse:

"—Já tem bastante com isso. Agora vamos mostrar-lhe o passado. Para lhe preparar, começo por dizer que com as coisas que verá, não tens com o que se assustar."

Assustar-me? – pensei comigo – A Voz se engana, já que estou completamente aterrorizado.

"— Primeiro – continuou a Voz – poderá perceber a escuridão e algum movimento interior. Depois, se dará conta do que é, na realidade, esta habitação. Na realidade, existe desde milhões de anos, na sua contagem de tempo, que é muito menos, segundo a nossa. Depois, podereis ver o que sucedeu quando nasceu seu mundo. E como foi povoado de criaturas, entre as quais aquelas que chamam Homem." A Voz se desvaneceu, e minha consciência com ela.

É uma sensação desconcertante, a de ver-se de repente, privado da nossa presença de espírito, de ser privado de uma parte de nossa consciência da vida, sem que possamos perceber o tempo que estivemos inconscientes. Notei uma névoa cinza rodando no meu cérebro, alguns lampejos intermitentes me sufocando e aumentou o meu estado de confusão. Pouco a pouco, como uma manhã de nevoeiro dissipado sob os raios do sol nascente, os meus sentidos e minha lucidez
voltaram para mim. O mundo, a minha frente, tornou-se luz. Não, não era ainda o mundo, mas o espaço em que pendia do teto ao chão, como um objeto

leve flutuando no ar tranquilo. Igual as nuvens de incenso que se remontam lentamente em um templo, eu me sentia levantar, contemplando o que tinha diante de mim.

Nove anciãos. Barbudos. Sérios. Atentos a seu trabalho. Eram os mesmos? Os sinais nos quadros não eram os mesmos. Durante um tempo não se ouviu uma só palavra nem explicação de todas aquelas coisas maravilhosas. Finalmente, um ancião chegou e deu voltas em um botão. Iluminou-se seguidamente uma tela e se viram umas estrelas em uma formação que antes não havia visto. A tela foi se expandindo, até que encheu todo meu campo visual, como se eu tivesse numa janela aberta sobre o espaço.

Tão forte era a ilusão que me senti que eu estava no espaço sem ter no meio uma janela. Vi todas aquelas estrelas, frias, imóveis, brilhando com uma luz hostil e agressiva.

"Vamos correr a um milhão de vezes que a maior velocidade - observou a Voz - sob pena de não poder ver mais qualquer coisa na sua vida inteira."

As estrelas começaram a oscilar ritmicamente, uma sobre o outra, tudo em um centro que não podia ver. De um lado do quadro chegou um cometa em alta velocidade, em direção ao centro, invisível escuro. O cometa voou através do quadro, arrastando consigo outros mundos.
Finalmente, chocou-se com um mundo morto e frio que se encontrava ao centro daquela galáxia. Outros mundos, arrastados fora de suas órbitas pela velocidade crescente, se precipitaram e chocaram, como em uma corrida. No momento em que o cometa e o mundo morto chocaram-se, o universo pareceu inflamar-se. Massas giratórias de matéria incandescente foram lançadas através do espaçio. Gases inflamados engoliram os mundos que cercavam. O universo inteiro, tal como o via na tela que eu tinha em frente, se converteu em uma massa de gás brilhante, ardendo com toda violência.

Pouco a pouco, o brilho intenso que invadia todo o espaço, foi se acalmando.

acalmando. No final, uma massa central foi inflamada, com massas menores inflamadas ao seu redor. Pedaços de material incandescente foram expulsos como a massa central de vibração e contorcendo-se nas agonias de uma nova conflagração.

A Voz interrompeu meus caóticos pensamentos:
"—Estáis vendo em alguns minutos o que demorou milhões de anos para evolucionar. Vamos trocar de imagens."

Minha visão inteira se limitou às dimensões da moldura da tela. Agora, via

todo o sistema estelar como se estivesse encolhendo e eu o visse desde muito longe. O brilho do astro central também diminuiu, se bem que continuava sendo muito brilhante. Os mundos em volta brilhavam com um resplendor avermelhado, enquanto giravam e descreviam suas novas órbitas. A velocidade con que se me mostrava o universo parecía estar em um movimento giratório que me deslumbrava a vista.

Agora, o quadro mudou. A minha frente se extendiauma grande planície manchada de edifícios, alguns deles dotados de projeções, que brotavam de seus tetos. Projeções que me pareciam ser de metal, torcido de formas curiosas, cuja finalidade minha inteligência não acertava em adivinhar. Enxames de pessoas de diferentes formas e tamanhos convergiam até um objeto muito curioso no centro da planície. Era como que de um tubo enorme. As extremidades do tubo eram mais estreitas do que a área central e uma das extremidades acabava em ponta, enquanto a outra era arredondada. Ao longo do tubo se viam protuberâncias e, fixando-me, vi como vi como estas eram transparentes. Dentro se viam pontinhos que se moviam, que julguei serem pessoas. Me pareceu que todo aquele edifício tinha entre um quilometro e meio a dois de comprimento. Talvez mais ainda. Sua finalidade era completamente desconhecida para mim. Não entendia porque um edifício poderia ter semelhante forma.

Ainda eu estando atento a não perder um só detalhe, flutuou dentro do quadro um veículo muito extraordinário, que rebocava umas plataformas carregadas de muitas caixas e fardos.

Em minha imaginação, pensei que abasteceria todos os mercados da Índia. Também, como poderia ser isto? Tudo flutuava pelos ares como os peixes nadam e movem-se por si mesmos dentro da água. O estranho veículo seguiu até chegar ao lado do grande tubo, que era uma construção e aonde, um atrás do outro, os fardos e caixas foram introduzidos e então a estranha máquina se foi com as plataformas vazias seguindo-a como reboques. O fluxo de pessoas entrando no tubo diminuiu significativamente e, logo, parou completamente. Portas deslizantes se escorregaram e o tubo permaneceu fechado. "Ah - eu pensei - isso deve ser um templo. Me mostram para que eu veja claramente que têm uma religião e templos."

Sentindo-me satisfeito com a explicação que eu dava a mim mesmo, deixei que minha atenção divagasse à sua vontade.

Não há palavras que possam descrever a estupefação que

experimentei ao ver que aquele edificio tubular, comprido de mais de um quilômetro e largo de aproximadamente meio quilometro, pronto para se levantar pelos ares. Se levantou como até nossas mais altas montanhas, tornou-se pálido por uns poucos segundos e logo desapareceu! Alguns momentos antes estava ali, como uma fita de prata suspensa no céu com luzes coloridas e dois ou três sóis brincando com sua superfície. Depois, sem o menor clarão, já não estava. Olhei até o alto, fitei as telas que estavam aos lados e então o vi. Dentro de uma tela, larga de uns quatro ou cinco metros, as estrelas se misturavam em voltas como um redemoinho de tiras coloridas. Parado no meio da tela, se via o edifício que momentos antes havia deixado aquele estranho mundo. A velocidade das estrelas que por ali passavam foi crescendo, até que formaram uma hipnótica imagem borrada. Me virei para outros lados.

Um resplendor de luz atraiu minha atenção e voltei a olhar para a tela larga. Em uma das extremidades mais distantes apareceu, anunciando uma luz maior, um resplendor, como os que mandam os raios do sol antes que este apareça detrás de uma montanha, anunciando-lhe. A luz cresceu rapidamente e se tornou insuportável.

Page 139

Uma mão se mostrou dando voltas em uma chave. A luz foi se reduzindo, de forma que aparecessem as imagens claras. O grande tubo, um ponto insignificante
na imensidão do espaço, aproximou-se como uma jóia brilhante. Ele virou-se e eu comecei a olhar outra tela. Por um momento, perdi minha orientação. Contemplava, sem compreender, o quadro que tinha diante meus olhos. Tratava-se de homens e mulheres vestidos com o que eu conheci como sendo uniformes. Alguns deles estavam sentados com as mãos sobre alavancas e chaves, enquanto outros observavam uns
quadros como eu estava fazendo.

Uma pessoa, mais bem vestida que as outras, estava andando de um lado para
outro com as mãos cruzadas nas costas. Muitas vezes, parou seus passos e olhou por cima outra pessoa, enquanto consultava notas escritas, ou olhava complicadas escrituras que se encontravam atrás de vidros circulares. Então, com um aceno de
cabeça, resumiu seu passeio. Ao fim, eu me aventurei a fazer o mesmo: Eu assisti
uma tela, como aquele homem bem-vestido. Ali se viam mundos em chamas, eu não poderia dizer porque a luz me deslumbrava e o movimento excessivo me atordoava. Pelo que pude contar penso - sem qualquer garantia de minha parte -
que tinha cerca

de quinze fragmentos flamejantes, localizadas ao redor da massa central que lhes tinha dado origem.

Aquele edifício tubular, que agora comprendo que era uma nave do espaço, se deteve, e então se produziu uma grande atividade. Do fundo da nave, emergiram um grande número de embarcações circulares. Se dispersaram por todas as partes e, com sua partida, a vida a bordo da grande nave retomou sua bem ordenada existência. Passou um tempo e então todos os pequenos discos regressaron a nave-mãe e entraram a bordo. Lentamente, aquele tubo maciço girou e acelerou sua velocidade como um animal assustado fugindo pelas constelações.

Com o tempo – não saberia dizer quanto – o tubo metálico regressou

a base. Os homens e as mulheres que viajavam dentro, a abandonaram e entraram em casas que estavam por aqueles arredores. A tela que tinha a minha frente se tornou de uma cor cinzenta.

Aquela habitação no escuro, com as telas siempre movendo-se na parede, me fascinava de um modo extraordinário. No principio, eu havia prestado atenção a apenas uma das telas. Agora que ambas estavam inertes em minha frente, tinha tempo para explorar ao meu redor. Lá estavam pessoas aproximadamente de meu tamanho, o que uso quando emprego a palavra "humano". Havia gente de todas as cores: branca, negra, verde, vermelha, amarela e marrom. Talvez uma centena deles se sentavam em umas cadeiras estranhamente ajustadas, que se deformavam a cada movimiento de quem as utilizava. Havia deles sentados, alinhados em uma parede distante. Os Nove Sábios estavam instalados ao redor de uma mesa especial, situada no centro da sala. Olhei com curiosidade ao meu redor, mas os assentos e outros objetos estavam tão distantes de tudo o que minha experiência conhecia anteriormente que não achava a maneira como poderia descrevê-los. Tubos iluminados com uma luz vacilante, contendo um fantasmal reflexo verde, tubos dentro dos quais dançava um brilho âmbar, paredes que eram paredes, ainda que irradiassem a mesma claridade como se tratasse do ar livre. Cristais redondos, atrás dos quais enxameavam fantásticamente uns pontos, ou ao contrário, estavam fixos e imóveis. Lhes dizia algo, todo este mundo?

Uma parte da parede se moveu, mostrando uma quantidade enorme de arames e canos. Subindo e descendo por eles, se viam uns homenzinhos de uns três palmos de altura, anões que usavam cinturões cheios de ferramentas brilhantes. Chegou, então, um gigante que transportava uma caixa muito grande e pesada. Deixou-a no chão enquanto os anões a amarravam do outro lado da parede. Então, a parede voltou a se fechar e os anões se foram junto com o gigante. Ao mesmo tempo, se fez um silêncio. Tudo permaneceu silencioso, exceto os ruídos característicos do golpear de uma máquina por um orifício, dentro de um receptáculo especial.

Aquí, sobre aquela tela, se projetava uma coisa extranhíssima. Ao princípio acreditei ver uma rocha toscamente esculpida em uma forma humana. Logo, com meu mais intenso terror, vi como aquela coisa se movia. Uma espécie de braço se levantou e vi como passava sobre um extenso lençol de um material desconhecido, encima do qual haviam escritos sinais gráficos. Não se podia chamar aquilo de escrita, propriamente. Isso era tão estranho a qualquer forma específica de linguagem, que para descrevê-lo teria que inventar um significado. Meus olhares se dirigiram a outros lados. Tudo aquilo estava tão distante de mim, que nem poderia me interessar. Apenas terror me causava aquele disfarce de humanidade.

Mas meus olhares perdidos se detiveram de modo brusco. Ali estavam uns Anjos. Uns Anjos alados. Fiquei tão fascinado que estive a ponto de me chocar com a tela, de tanto que me aproximei dela, tentando ver mais. Era um quadro de um maravilhoso jardim, no qual se moviam criaturas aladas. De forma humana, masculina e feminina, teciam desenhos aéreos pelo céu de ouro, sobre o jardim.

A Voz interrompeu meus pensamentos:

“—Ah! com o que agora está fascinado? estes que vê aqui são os – um nome que não se pode escrever – e podem voar porque habitam em um mundo no qual a força da gravidade é excessivamente leve. Não podem abandonar seu planeta. São demasiadamente frágeis. Possuem uma inteligência poderosa, insuperável. Mas, vê ao seu redor outras telas. Não tardarás em ver algo mais da história de vosso mundo.”

A cena mudou ante a minha presença. Suspeitei que a troca era

deliberada para que
eu pudesse ver o que desejava contemplar. Primeiro, foi a profunda cor púrpura do espaço
e logo um mundo inteiramente azul, que se moveram desde a borda até ocupar o centro
da tela. A imagem foi crescendo até que encheu toda a vista por completo. Se fez ainda maior, e tive a horrível sensação de cair-me de cabeça para baixo pelo espaço. Uma experiência muito desagradável. Abaixo de mim, as ondas saltavam e corriam. O mundo girava. Por todas as partes, água. Mas uma mancha se projetava sobre as ondas eternas.

Page 142

Em todo o mundo só havia uma planície de umas dimensões iguais ao vale de Lhasa. Nela reluziam sobre a praia uns edifícios incomuns. Umas figuras humanas se agitavam na orla, com as pernas dentro da água. Outras permaneciam sentadas nas rochas em volta. Tudo aquilo era misterioso e carecia de sentido para mim.

"—Nosso cultivo forçado. – disse a Voz – aqui cultivamos as sementes de uma nova raça".

Page 143

Capítulo nove

O dia ia se apagando e debilitando progressivamente. O jovem monge olhava, como havia olhado quase todo aquele dia, emdireção ao corte nas montanhas, aonde estava a travessa entre a India e o Tibete. De repente, lançou um grito de alegria e girou sobre seus calcanhares, entrando rapidamente na caverna.

"—Venerável! – exclamou – Vem até nós por perto. Logo teremos comida!"

Sem aguardar a resposta, deu meia volta e correu para fora. Dentro do ar transparente e frio do Tibete, os menores detalhes podem perceber-se a grandes distâncias. Não há impurezas no ar que atrapalhem a visão.
Pela lateral rochosa desfilavam umas pequenas manchas negras. O jovem sorriu com satisfação. Logo teriam cevada e chá. Com toda a rapidez correu até a borda do lago e encheu o recipiente até esparramar. Levou-o à caverna com todo o cuidado, para que estivesse a ponto quando chegassem as provisões. Foi-se logo à costa, correndo, para apanhar até o último graveto dos galhos da árvore caída na tempestade. Conseguiu, com isto, reunir um bom monte de lenha ao

lado da fogueira acesa. Com grande impaciência o jovem subiu em uma rocha encima da caverna. Fazendo uma sombra com a mão, olhou para todos os lados. Uma grande fila de bestas de carga se afastava do lago. Eram cavalos, não iaques.
E os homens eram hindus, não tibetanos. O jovem monge ficou paralizado, comprovando seu erro. Lentamente, com pesar, desceu ao nível do solo e voltou a entrar na caverna.

"—Venerável! – exclamou com voz triste – Aqueles homens eram hindus. Agora se vão e não teremos o que comer."

"—Não se preocupe. – disse o ancião gentilmente – Um estômago vazio faz um cérebro claro. Temos de aguentar, ter paciência."

Um pensamento súbito ocorreu ao jovem monge. Com a vasilha de água correu ao interior da caverna, aonde havia se espalhado a cevada.

Ali, se pôs cuidadosamente de joelhos e escavou o solo arenoso. A cevada estava misturada com a areia. Havia, porém, uma outra coisa. Com toda atenção, foi colocando um punhado atrás de outro no recipiente e batendo nas paredes do mesmo. A areia foi-se ao fundo e a cevada ficou flutuando na superfície. Também flutuavam pequenos pedaços de chá. Com o passar do tempo foi eliminando a cevada e os pedacinhos de chá que estavam na superfície da água e os foi colocando uma após a outra em sua cuia. Num momento encheu a taça do velho e, finalmente, quando as sombras do entardecer se rastejavam por aquelas partes, as duas bacias estavam cheias. Cansado, o jovem levantou-se, esvaziou a água cheia de areia no chão. Então, tristemente, foi para o lago. As aves da noite começavam a despertar e a lua, em sua plenitude, espreitava ao longo da borda das montanhas quando esfregou a tigela e encheu-a com água. Cansado, lavou dos joelhos os grãos de areia e de cevada que se haviam pego e continuou o seu caminho para a caverna. Com um movimento resignado, colocou o recipiente no centro do fogo e sentou-se ali perto, esperando com impaciência o fervor da água. Por último, levantaram-se sopros de vapor e se misturaram com a fumaça que fazia o fogo. O jovem monge levantou-se e trouxe duas tigelas com cevada e chá – e também um pouco de terra. Com todo cuidado, foi colocando a água. De repente se levantou o vapor. A água começou a ferver frenética, remexendo aquela mistura de terra. Com uma lasca plana, o rapaz tirou o pior das sujeiras e, não podendo aguentar mais, com uma vara conseguiu levantar a panela do fogo e levou uma porção generosa daquela sopa na tigela do ancião. Logo, limpando-se os dedos em suas decididamente sujas vestimentas, se aproximou até o

velho ermitão, oferecendo-lhe o inesperado e mais insípido líquido. Logo, preocupou-se consigo mesmo. Era apenas potável. Havendo apaziguado ao menos o tormento da fome, ambos se estenderam na dura e empoeirada cama de areia para dormir.

Nesse meio tempo, a lua subiu e descreveu uma curva majestosa, até pousar nos distantes picos da cordilheira. As criaturas da noite se dedicaram a suas ocupações, que a noite lhes deixava plausíveis.

Page 145

E o vento da noite soprou suavemente entre os ramos finos das árvores anãs daqueles lugares. Nos mosteiros de lamas, os vigilantes da noite continuavam suas incessantes ocupações, enquanto as pessoas nas ruas da cidade as pessoas de má situação resmungavam incessantemente contra aqueles que estavam melhores situados.

A manhã transcorreu sem satisfações. Os restos de cevada, húmida, e as folhas de chá que lhes sobraram, forneceram um sustento fraquíssimo. O indispensável para não desfalecer.

Simultaneamente com o crescer da luz do dia e do fogo, que espalhava enxames de faíscas, brotando da lenha superficialmente seca, o velho ermitão disse:

"—Continuemos com o passado do conhecimento humano. Ele nos ajudará a dissimularmos a fome que sentimos."

O velho e o jovem entraram juntos na caverna e se sentaram nas posições costumeiras...

"—Fui de um lado a outro, durante um tempo – prosseguiu o eremita – como vão os pensamentos de um homem desvairado, sem direção nem propósito algum. Vacilando, indo daqui para lá, de uma tela para outra, delicadamente. Então, a Voz que falava dentro de mim, disse: "—Temos que lhe dizer mais coisas." Assim que me falou a Voz notei que me dirigia até as primeiras telas que eu havia estudado. Voltavam a funcionar. Em uma delas se via a imagem do universo que contém o que chamamos de Sistema Solar.

A Voz então disse: "—Durante séculos, se monitorou cuidadosamente que não se produzisse qualquer radiação de forma aleatória, a partir do novo sistema, então em sua formação. Passaram milhões de anos. Mas, na escala do Universo, um

milhão de
anos são apenas alguns minutos na vida de um ser humano. Finalmente, outra expedição partiu daqui, o coração de nosso império. Os expedicionários foram equipados com os
mais modernos aparelhos para determinar como devem se cultivar novos mundos que devemos fundar".

Parou, então, aVoz, e eu, novamente contemplei as telas.

Brilhavam friamente as estrelas nas imensidões impressionantes do espaço. Fixas e frágeis, reluziam com mais cores que o arco-íris. O quadro se fez cada vez mais amplo, até que se avistou um mundo que parecia ser, nem mais nem menos, um globo de nuvens. Nuvens turbulentas que eram atingidas com os mais assustador relampejar.

"—Não é possível – disse a Voz – analizar com certeza um mundo distante, a base de provas remotas. Antes, acreditávamos assim, mas a experiência mostrou o erro em que estávamos. Atualmente, durante milhões de anos, estamos mandando expedições. Veja!"

O universo foi aberto como uma cortina. De novo pude contemplar uma planície que se perdia no que parecia ser o infinito. Os prédios eram diferentes. Agora nos apareciam largos e baixos. A grande nave aérea que estava ali também era diferente. Sua forma lembrava, em sua parte inferior, um prato em posição normal, porém sua parte superior lembra- va um prato em posição invertida, repousando nas bordas do primeiro. O conjunto brilhava como uma lua cheia. Uns buracos às centenas, providos de seus cristais correspondentes, formavam uma circunferência em volta da estrutura. Na parte mais alta, aparecia uma espécie de cúpula transparente. Essa elevação tinha uns dez metros. A imensa roda da nave aérea diminuía, até fazê-la parecer anãs, do tamanho das máquinas que se viam em pé provisionando a nave do espaço.

Pequenos grupos de pessoas, todos uniformizados de uma maneira rara, conversavam, alegres, em volta da nave espacial. Aos pés de cada um se viam umas pilhas de caixas repousando no piso. A conversa era animada. O humor, excelente. Outros indivíduos, com os uniformes mais brilhantes, iam de um lado para outro, como se decidissem sobre o des- tino de algum mundo como, aliás, acontecia. Depois de um sinal súbito, todos, levando cada um consigo seu equipamento, subiram ordenada e rapidamente à nave interespacial. Umas portas metálicas, dispostas como a íris de um olho, fecharam-se herméticamente atrás deles.

Lentamente, aquele aparelho metálico se levantou por volta de trinta metros no espaço. Balançou-se um pequeno momento e, exatamente, desapareceu, sem deixar vestígio algum de alguma vez ter existido. A Voz disse então:

"—Esses aparelhos viajam a uma velocidade inimaginável – mais rápido que a luz. É um mundo – ele por si mesmo – completamente fora de influências externas: Não há nele sensação alguma de velocidade, nem de queda, nem nos momentos de maior velocidade.

O espaço – continuou dizendo a Voz – não é nenhum vazio, como pensam vocês terráqueos. O espaço é uma área de densidade reduzida. Existe nele uma atmosfera de moléculas gasosas. de hidrogênio. Tais moléculas podem estar separadas centenas de quilometros entre si, mas com a velocidade que desenvolvem essas naves do espaço essa atmosfera parece ser tão densa quanto a água do mar. Ouvem-se as moléculas batendo contra o casco da nave espacial e tiveram que se adotar dispositivos especiais para reduzir o aquecimento resultante da fricção molecular. Mas, olha!"

Em uma tela que estava ao lado da anterior, a nave espacial em forma de disco seguia seu rumo deixando um rastro de uma cor azul desbotado atrás de si. A velocidade era tão grande que, ao ir seguindo aquela imagem da nave do espaço, as estrelas pareciam linhas sólidas de luz. A Voz murmurou, então:

"—Temos que dispensar os detalhes desnecessários e ocupar-nos somente com as sequências que importam! Olhe para a outra tela!"

Obedeci-lhe, e pude ver a nave espacial agora muito mais lenta em sua viagem ao redor do Sol, nosso próprio Sol. Mas era um Sol muito diferente do atual. Maior e mais luminoso. Grandes franjas de chamas alcançavam longe de sua órbita. A nave lhe dava a volta, rodeando um planeta, e outro, e outro.

Por fim, dirigiu-se até um mundo que, pelo quanto eu podia compreender, tratava-se da Terra, Envolto em nuvens por completo, girava embaixo da nave do espaço.

Depois de haver descrito várias órbitas, movia-se mais devagar. Mudou a imagem na tela e então pude observar a embarcação por dentro. Um pequeno grupo de homens e mulheres circulava ao longo de um corredor metálico. Ao fim entraram em uma câmara aonde se viam cópias

reduzidas da nave. Alguns deles subiram por uma rampa e se enfiaram dentro de uma daquelas naves de tamanho reduzido. O restante daqueles homens e mulheres se foram. Atrás de uma parede transparente, estava de guarda um navegante, atendendo a uma série de pulsadores cada um de uma cor diferente. Brilhavam, em frente, algumas luzinhas. Num determinado momento, acendeu-se uma luz verde, e aquele navegante apertou diversos botões a vê-la.

No pavimento da nave, abriu-se como se abre a íris de um olho, um buraco pelo qual passou aquela pequena nave espacial. A pequena nave entrou no espaço e foi indo em direção às nuvens que cobriam a Terra. Então, voltou a mudar a cena e era como se eu olhasse situado dentro da nave pequenina. Ali viam-se como se aproximavam nuvens girando, amontoando-se. Primeiro, eu teria dito que eram umas barreiras impenetráveis,
mas se fundiam ao avançar da navezinha espacial. Continuamos descendo através de
um sem fim de nuvens. Finalmente nos vimos dentro de uma penumbra baixa. Um mar turbulento e cinza, como podia ser visto de longe, parecia se confundir com as nuvens cinzentas sobre as quais se pintavam resplandecentes fogos procedentes de uma fonte desconhecida.

A nave do espaço, então, voava em um sentido horizontal entre as nuvens e o mar.
Uma massa de cor escura apareceu – depois de uma longa viagem sobre as ondas – sobre a linha do horizonte. De seu cume, brotaram intermitentes labaredas. A nave espacial se dirigiu até a montanha. Debaixo de nós se extendia uma grande massa montanhosa. Grandes vulcões elevavam seus picos terríveis até as nuvens. Eram visíveis enormes chamas e correntes de lava fundida que caía esparramando-se pelas laterais dos montes para acabar caindo entre assobios altos, dentro do mar. Ainda que parecesse de uma neblina azul
vista de longe, de perto parecia, toda aquela vasta extensão de terra, tinha uma cor
vermelha muito clara.

Page 149

A nave do espaço seguia sua viagem e deu a volta ao redor do mundo algumas vezes. Não havia mais que uma imensa extensão de terra firme, rodeada completamente por aquele mar revolto, que, voando a uma pequena altura, parecia levantar fumaça. Finalmente, a nave espacial levantou mais o vôo, subindo pelo espaço, e chegou à nave-mãe. A imagem da tela desapareceu tão rápido quanto a nave iniciou seu regresso à sede do planeta império.

A Voz, que costumava a explicar-se dentro de minha cabeça, comentou agora:

"—Não! Não falo exclusivamente para você. Também me dirijo a todos

aqueles que participam do presente experimento. Como são tão sensíveis estão sendo informados por via acústica. Mas põem toda vossa atenção ao que chamaremos reflexo verbal. Tudo isto os interessa:

A segunda expedição regressou a (aqui havia um nome que eu não sabia pronunciar, e que traduzo por "nosso império"). Ali homens de ciência estudaram as memórias que redataram os tripulantes da nave.
Fizeram-se cálculos sobre o número de séculos que faltavam ainda para que aquele mundo pudesse ser habitado por seres viventes. Especialistas em matéria de biologia e de genética trabalharam para planejar as criaturas mais adequadas para viver nele. Quando há que se provar um mundo novo, e quando esse mundo surge de uma "nova", se requerem animais de grande porte e vegetais de folhas robustas, pelo momento. O solo deste mundo novo consiste de rochas pulverizadas, com pó de lava e indícios de outros elementos. Esse tipo de solo apenas permite plantas rudes e tenazes. Então quando essas plantas
e os aniimais sucumbem, anbos vão se misturando com o pó das rochas. Assim, com o passar de milênios e mais milênios, vai se formando um 'solo'. A medida que o solo vai se distanciando da rocha primitiva podem crescer plantas de maior
qualidade. Desde todos os tempos, em cada um dos planetas, o solo consiste nas células dos animais que sucumbiram, plantas que morreram e excrementos depositados pelas eras passadas."

Tive a impressão que o Dono da Voz fazia uma pausa em seu discurso, enquanto observava seu auditório. Em seguida, continuou:

"— A atmosfera de um novo planeta é absolutamente irrespirável pelos seres
humanos. Os eflúvios dos vulcões contém uma grande quantidade de enxofre e gases nocivos e mortais.

É necessário que uma vegetação adequada possa absorver as substâncias tóxicas e tranformá-las em minerais inofensivos do solo. A vegetação converte os gases tóxicos em em oxigênio e nitrogênio, indispensáveis ao ser humano. Por isto, nossos cientistas, pertencentes a diferentes ramos, trabalharam em colaboração séculos
inteiros, preparando os elementos básicos da Terra. Naquele momento, esses elementos foram colocados sobre um mundo vizinho, para que pudéssemos estar seguros que tudo marchava à maior satisfação. Se fosse necessário, tudo poderia ser modificado."

Desta forma, o novo sistema planetário foi deixado abandonado a si mesmo durante eras inteiras. Nesse meio-tempo, os ventos e as ondas foram erosionando as pontas afiadas das pedras. Por milhões de anos as tempestades açoitaram aqueles cumes. As rochas, reduzidas a pó, foram desaparecendo dos mais altos

picos, enormes pedras vulcânicas rolavam arrastando tudo que se encontrasse em seu caminho. Aquelas ondas gigantes golpeavam furiosamente à beira do mar, rompendo as saliências pedregosas, chocando as rochas umas contra as outras e reduzindo-as cada vez menores. As lavas que saíam brancas e ferventes dos vulcões e iam para ir nas águas do mar fumaceavam e explodiam em milhões de partículas até converter-se em areia miúda. As ondas devolviam aquela areia a terra,
e a erosão contínua reduzia a altura das montanhas, de suas alturas de quilômetros
a modestas centenas de metros.

Passaram, com isto, muitíssimas centenas de anos. O Sol, ardente, moderou
seus ardores. Pararam de estalar continuamente, inundando e queimando as coisas ao seu redor, as pedras vulcânicas. Agora o Sol ardia com toda regularidade. Os mundos mais próximos também esfriaram.

Suas órbitas se fizeram mais regulares. Com muita frequência, pequenas massas rochosas entravam em colisão com outras e o conjunto delas duas se precipitava no Sol, o que causa um aumento temporário de intensidade em suas chamas. Mas, de qualquer maneira, o sistema ia se estabilizando. O mundo que chamamos Terra começava a ficar em ponto de receber sua primeira forma de vida.

Na base do Império ia se preparando uma grande nave espacial destinada a uma viagem a Terra, e seus tripulantes seriam a terceira expedição, sendo instruída em tudo referente a seus trabalhos vindouros.
Os homens e mulheres foram sendo selecionados com base em compatibilidade e ausência de neuroses. Cada uma das naves é um mundo auto-suficiente, aonde o ar se fabrica com base em plantas e a água se extrai do oxigênio e hidrogênio, que é a coisa mais barata de todo o universo. Eles embarcaram os instrumentos, provisões que foram congeladas para serem reanimadas no momento necessário, e, muito mais tarde, porque não se ia com pressa alguma, a Terceira Expedição se pôs a caminho.

Vi a nave deslizar-se através do universo Imperial, logo cruzar outro, e entrar
naquele que continha, situada em uma de suas bordas, a nova Terra. Existiam vários mundos girando ao redor do Sol. Todos foram passados por alto. A atenção toda se concentrava em um planeta. A grande nave diminuiu sua velocidade e se

colocou dentro de uma órbita que resultava estacionária com relação a Terra.

A bordo, uma pequena nave foi preparada. Seis homens e seis mulheres entraram nela e logo apareceu um buraco no piso da nave-mãe, através do qual a pequena embarcação desapareceu com rumo a Terra.

Outra vez, por meio da tela, pude ver como a pequena nave do espaço caía através de espessas nuvens e emergiu navegando a uns cem metros sobre o mar. Deslocando-se horizontalmente, rápidamente chegou a terra rochosa que se projetava sobre as águas.

Page 152

As erupções vulcânicas, ainda que fossem de grande violência, não chegavam a intensidade anterior. A chuva de pequenas pedras era menos abundante. Com grande cuidado, a pequena nave foi descendo. Os olhos atentos do piloto buscavam o lugar adequado para a aterrissagem e, finalmente, quando o decidiram, fizeram a manobra nele. Sobre o solo, a tripulação fez os testes rotineiros. Satisfeitos pelo resultado, quatro tripulantes se vestiram então com estranhas roupas que os cobria desde o pescoço até os pés. Cada um, logo, fechou sua cabeça dentro de um globo transparente, que se conectava de alguma maneira com o pescoço daquela vestimenta.

Cada um dos quatro, levando uma caixa, entrou em uma pequena câmara cuja porta logo se fechou cuidadosamente, trancando-se atrás deles. Uma luz colocada em outra porta em frente, acendeu-se em cor vermelha. A agulha – negra – de um relógio começou a mover-se, e quando parou sobre um "0" maiúsculo, a luz vermelha mudou sua cor para verde e a referida porta abriu-se completamente. Uma estranha escada de metal, como se fosse dotada de vida própria, arrastou-se do piso da câmara e se esticou até tocar a terra firme, uns três metros mais abaixo. Então, um dos homens, com todo cuidado, desceu por aquela escadaria. Da caixa, tirou uma barra comprida e a afincou no solo. Inclinando-se, observou atento, minuciosamente, uns sinais que se viam na superfície daquela barra. Logo, endireitando-se, sinalou a seus companheiros que o seguissem, como fizeram imediatamente.

O pequeno grupo caminhava por aqueles arredores, pelo que parecia, de maneira aleatória. Se não me tivesse sido dito que se tratava de adultos inteligentes, haveria tomado suas ideias e atitudes por simples jogos infantis. Alguns deles escolhiam pedrinhas e as guardavam numa bolsa. Outros, golpeavam o solo com

martelos ou fincavam nele varas metálicas. Outro deles, uma mulher, ia procurando
e pegando pedacinhos de cristal por aqueles arredores,

e os colocava rapidamente dentro de umas garrafas. Todas essas coisas eram para, mim, incompreenssíveis.
Finalmente, regressaram a sua pequena nave espacial e entraram no primeiro compartimento. Ali ficaram como reses num mercado público, enquanto umas luzinhas de cores brilhantes se acendiam e apagavam nas paredes. No final, se acendeu uma luz verde, e as restantes se apagaram. O grupo, então, trocou suas roupas e entrou nas habitações principais da pequena nave.

Imediatamente iniciou-se um grande movimento. A mulher com os pedacinhos de vidro se apressou a colocá-los, um a um, num dispositivo metálico. Aplicando seu rosto de maneira que olhava com ambos os olhos, girava manivelas, enquanto fazia comentários a seus companheiros. Aquele homem que antes colecionava pequenos pedregulhos os colocou dentro de uma máquina que lançou um grande ruído e devolveu aqueles pedregulhos reduzidos agora a um pó finíssimo. Terminaram diversas experiências e se sustentaram diversas conversas com a nave-mãe.

Outras pequenas naves espaciais apareceram, enquanto a primeira regressava à nave grande. Esses deram uma volta completa ao redor do mundo e desta altura lançaram algo que caiu encima da terra e outras que caíram ao mar. Satisfeitos por seu trabalho, todas as pequenas naves formaram uma linha que se virou e abandonou a atmosfera terrestre.
Logo, uma a uma, foram entrando na nave-mãe e quando todas entraram, esta saiu de órbita que ocupava e se lançou até outros mundos de nosso sistema. Porém, desta forma muitos, muitíssimos anos de nossa Terra transcorreram.

Passaram alguns séculos sobre a Terra. No tempo de viagem a bordo de uma daquelas naves viajando pelo espaço tão somente algumas semanas, já que ambos os tempos são diferentes, de uma maneira difícil de compreender, mas que é assim. Passaram vários séculos e uma vegetação áspera e dura reinava sobre a Terra e debaixo das águas. Imensas samambaias se elevavam ao céu, que com suas imensas e grossas folhas aspiravam os gases venosos e expiravam oxigênio de dia

e hidrogênio, de noite.Ao fim de muitíssimo tempo, uma Arca do Espaço desceu através das nuvens e aterrissou sobre uma praia arenosa. Abriram-se grandes escotilhas e, daquela arca que media cerca de dois quilometros saíram rastejando umas criaturas de pesadelos, tão pesadas que a Terra tremia sob seus passos. Monstros subiram pesadamente pelo ar, sustentando-se fortemente sobre asas membranosas.

A grande Arca – a primeira que chegou, no decorrer das eras – levantou-se pelos ares e deslizou-se suavemente, voando sobre o mar. Ao sobrevoar determinadas áreas, a Arca pousava sobre as águas e lançava nelas seres estranhos às profundidades do oceano. A imensa nave do espaço levantou vôo e alcançou as mais distantes regiões dos universos. Sobre a Terra, assombrosas criaturas viveram e lutaram, alimentaram-se e morreram. A atmosfera teve alterações. Mudaram as folhas das árvores e as criaturas evoluíram. Passaram as eras e, do Observatório dos Sábios, a distância de muitos universos, seguia a vigilância dos fenômenos mencionados.

A Terra, seguia balançando-se em sua órbita. A medida que passava o tempo, ia se desenvolvendo-se um perigoso grau de excentricidade. Então, do coração do Império, mandaram uma nave espacial. Os cientistas opinaram que uma só massa de terra era insuficiente para impedir que os mares com suas ondas chegassem a desequilibrar aquele mundo. Da grande nave que se balançava a muita altura sobre o que devia ser nosso mundo, se lançou um fino fio de luz, como um disparo. Este atingiu no alvo sobre o continente terráqueo. Esse continente se quebrou imediatamente, formando várias massas de tamanho menor. Seguiram a isso violentos terremotos e, finalmente, a Terra, dividida em várias massas, limitou a violência das águas. Contra os litorais da Terra, o mar – agora “os mares” – golpeou em vão. A Terra se firmou dentro de uma órbita completamente estável.

Faltam as páginas 155 a 160

Capítulo décimo

O velho eremita sentiu-se visivelmente melhor sob a influência do chá quente, com muita manteiga e açúcar. A cevada, moída até vira um pó muito fino, havia sido tostada de maneira conveniente. As chamas da fogueira brilhavam alegremente através da entrada da caverna. Mas a hora atual se encontrava entre o entardecer e o amanhecer. Os pássaros dormiam nos galhos e só se moviam na noite algumas criaturas noturnas. A lua já havia cruzado os céus e se escondia atrás das mais distantes cordilheiras. De vez em quando, passava o vento da noite sussurrando entre as folhas e aumentando alguma brasa da fogueira acesa.

O ancião se levantou com esforço e caminhou hesitante até o interior da caverna. O jovem monge se entregou e caiu adormecido antes de que sua cabeça repousasse no travesseiro cheio de areia. O mundo estava em silêncio por todas as partes. A noite se fez mais escura, com aquela escuridão que é o prelúdio do amanhecer. Das alturas, uma pedra solitária rodou até quebrar-se contra os penhascos dos abismos. Logo, tudo voltou ao silêncio de antes.

O Sol estava muito alto, quando o jovem monge despertou a um mundo de mal-estar. Membros doloridos, agulhadas e fome. Resmungando palavras proibidas a um religioso, agarrou a vasilha de água, vazia, e olhou até o exterior da cova. A fogueira mostrava o brilho agradável de suas brasas. Com toda pressa, acrescentou pequenos troncos e, sobretudo, ramos maiores. Com tristeza, contou a escassa lenha restante e lhe preocupou o pensar que cada vez teria que ir mais longe em sua busca. Olhando para cima, ele estremeceu recordando a sua escalada na noite passada. Então foi ao lago por água.

"—Hoje temos que falar muito pouco." – disse o velho eremita quando ambos terminaram seu frugal desejum.—"Sinto que os Campos Celestiais me chamam com insistência. Existe um limite a que pode suportar a carne e eu já o passei, e com excesso, o que é concedido a um ser humano."

Page 162

O jovem se entristeceu. Havia cchegado a sentir um grande afeto por aquele ancião e considerava que os sofrimentos daquele ermitão haviam sido penosos demais.

"—Estou a vossas ordens, Venerável –respondeu. Mas deixe que encha de água vossa cuia." Então se pôs em pé, limpou a cuia e a encheu de água fresca.

O velho eremita recomeçou sua narração:

"—A Arca apareceu na tela. Era grande e volumosa. Uma nave capaz de engolir a Potala e toda a cidade de Lhasa, os conventos de Sera e Drepung juntamente. A seu lado, os homens que iam saindo pareciam

tão pequenos quanto as formigas que se espalham sobre a areia. Os grandes animais foram descarregados e, novamente, rebanhos de outros homens. Os grandes animais foram descarregados e, novamente, os rebanhos dos outros homens. Todo mundo parecia atordoado, drogado, sem dúvida, para não poderem lutar. Uns homens que levavam estranhos aparelhos sobre suas costas voavam como pássaros, guiando aos animais e aos homens, aguilhoando-os com umas varas metálicas.

A nave deu a volta ao mundo, aterrizando em determinados lugares e deixando em todas as partes animais de diferentes tipos. Os homens eram uns brancos, outros negros e alguns amarelos. Alguns altos e outros de baixa estatura. Com o cabelo preto ou branco. Entre os animais haviam os listrados, uns dotados de pescoços longos e outros, sem pescoço. Jamais eu havia imaginado que pudessem existir seres de tantas cores, formas e tipos. Algumas das criaturas do mar eram tão grandes que por um tempo não acreditei que pudessem mover-se, até que, no mar, pareciam tão ágeis como os peixes de nossos lagos.

Continuamente, voavam pelo ar pequenas naves, aonde estavam os que cuidavam dos novos habitantes da Terra. Com suas idas e vindas espalhavam grandes rebanhos e asseguravam que os animais e os homens se espalhassem por toda a superfície do globo. Passaram séculos sem que o homem fosse capaz de acender o fogo nem fabricar rudes instrumentos de pedra.

Os Sábios conferenciaram sobre o caso e decidiram que era conveniente que aquele grupo podia melhorar-se, introduzindo-se alguns humanóides mais inteligentes, que sabiam acender fogo e trabalhar a pedra.

Deste modo passaram séculos, durante os quais os Jardineiros da Terra introduziram novos tipos de homens capazes de melhorar o conjunto da humanidade. Esta, gradualmente, passou do estado da pedra lavrada ao do domínio do fogo. Passo a passo, se construíram casas e se constituiram cidades. Continuamente os Jardineiros se moveram entre as criaturas humanas e os homens os olhavam como deuses sobre a Terra.

A Voz interveio então, dizendo:

"—Não serve de nada ir seguindo passo a passo todos os transtornos intermináveis que aconteceram a esta nova colônia sobre a Terra. Quero mostrar-lhe unicamente os sucessos principais, para que lhe sirvam de instrução. Como eu falo, teremos diante de nós os quadros apropriados para que possais acompanhar tudo ponto por ponto.

O Império era grande. Mas veio de outro universo uma raça violenta, que quis arrancar de nosso poder nossas posses. Aquele povo era humanóide e sobre suas cabeças umas protuberâncias em forma de chifres que lhes brotava das testas. Também eram dotados de um rabo. Aquela gente era de uma natureza extremamente belicosa. Guerrear, para eles, era como um esporte e um trabalho. Chegaram sobre negras naves a este universo e levaram a destruição a alguns mundos que nós acabávamos de semear. Batalhas colossais se produziram no espaço. Vários mundos foram desolados. Muitos explodiram entre fumaças e chamas e seus restos se amontoam em áreas do espaço como o Cinturão de Asteróides, ainda em nossos tempos. Anteriormente alguns mundos férteis viram sua atmosfera em explosão e toda a vida exterminada de sua face. Um mundo chocou-se com outro e, num instante, esse foi projetado até a Terra. A terra tremeu e foi transferida para outra órbita, por causa disso que, nela, aumentou o comprimento do dia.

Page 164

Durante esta quase-colisão, umas descargas elétricas gigantescas surgiram de ambos os planetas. Os céus voltaram a ver-se em chamas. Muitos entre os humanos pereceram. Enormes ondas varreram a superfície da Terra e, compassivos, os Jardineiros apressaram-se ao seu redor com suas Arcas, tentando levar a bordo as pessoas e os animais, para colocá-las a salvo nas alturas. Anos mais tarde – prosseguiu a Voz – isto daria origem a lendas inexatas através de todos os países do globo.

Mas, a batalha do espaço foi ganha. As forças do Império aniquilaram aos maus invasores e fizeram prisioneiros a um certo número deles.

O príncipe dos invasores, Satan, defendeu sua própria causa, dizendo que tinha muito que ensinar aos povos do Império. Adicionou que desejava trabalhar sempre para o bem dos demais. Sua vida e a de alguns de seus companheiros foram respeitadas. Depois de um período de cativeiro, manifestou-se desejoso de cooperar com a reconstrução do sistema solar que ele mesmo havia desolado tanto. Os Almirantes e Generais do Império, todos eles pessoas de boa vontade, eram incapazes de imaginar nos demais a traição e más intenções. Aceitaram aquela oferta e colocaram o príncipe Satan e seus oficiais sob as ordens dos homens do Império.

Sobre a Terra, os homens haviam enlouquecido com as infelicidades que haviam sofrido. Foram dizimados pelas inundações e pelas chamas, caídas das nuvens. Novas expedições de seres humanos foram trazidas, de outros planetas próximos, de onde haviam sobrevivido alguns. Os territórios agora eram muito diferentes entre si e também os mares. Devido a grande mudança de órbita, havia se alterado o clima. Agora existia um cinturão equatorial quente e se amontoavam os gelos nas regiões polares.

Grandes montanhas de gelo se desgarravam da massa glacial e flutuavam pelos mares. Os maiores animaisda Terra pereceram sob o frio súbito. Grandes selvas sucumbiram quando as condições de vida sofreram uma mudança drástica.

Page 165

Muito lentamente, essas condições se estabilizaram. Outra vez, o homem começou a constituir-se em forma de civilização. Mas o homem se mostrava excessivamente belicoso e perseguia a todos de sua espécie que eram frágeis. Rotineiramente, os Jardineiros introduziram alguns novos tipos para melhorar a espécie básica. A evolução humana progrediu e, lentamente, foi resultando num tipo melhor de criatura. Os Jardineiros, no entanto, não se contentaram com isso. Então Ele decidiu que muitos mais deles viveriam sobre a Terra. E com os Jardineiros, suas famílias. Decidiu-se que seria mais conveniente utilizar as alturas da Terra como bases de seus desembarques. Em um país como este, um homem e uma mulher desceriam de sua nave espacial sobre o agradável cume de uma montanha. Assim, Izagani junto com Izanami se estabeleceram como protetores do povo japonês e – então a Voz soou calma e ao mesmo tempo com raiva – de novo se formaram falsas lendas ao seu redor, já que o casal formado por Izagani e Izanami, apareceu como se estivesse vindo da direção do Sol, os indígenas acreditaram que ambos eram, respectivamente, o deus e a deusa do Sol, que haviam descido para viver entre eles."

Na tela que eu tinha à frente, vi o Sol avermelhado no meio do céu. Vi como descia uma brilhante nave do espaço, que os raios solares pintavam de púrpura. A nave ia aproximando-se cada vez mais da Terra, até que se deteve, variou e deu lentas voltas. Finalmente, quando os raios vermelhos da luz solar se refletiam na parte superior coberta de neve que se via nela, a nave pousava sobre uma superfície horizontal. Os últimos raios de sol iluminavam a nave quando um homem e uma mulher desembarcaram, olharam à sua volta e logo voltaram a bordo da nave do espaço. Os nativos, de pele amarela, se prosternaram diante da nave, arrebatados pela glória do que viam. Ficaram ali durante um tempo, aguardando em um respeitoso silêncio. Logo se foram e sua imagem desapareceu, quando se distanciaram na escuridão da noite.

O quadro mudou, e vi outra montanha em outra terra muito distante

daquela. Aonde eu estava, ignorava por completo, mas logo me foi dada a informação necessária. Do céu chegaram várias naves do espaço, que deram várias naves do espaço, que deram várias voltas pelo ar e depois, lentamente, desceram em formação ordenada até ocupar as descidas de montanha.

"—Os deuses do Olimpo" , disse a Voz em tom sarcástico. "—Os mal-chamados deuses, que trouxeram grandes lutas e tribulações ao jovem mundo. Essa gente, com o antigo Príncipe Satan entre eles, chegaram para instalar-se sobre a Terra. Mas o centro do Império encontrava-se muito distante. As malignidades e incitações de Satan desencaminharam aos jovens de ambos sexos, que haviam sido designados a Terra para que ali pudessem adquirir experiência".

Zeus, Apolo, Teseu, Afrodite, as filhas de Cadmo e muitos outros, formaram esses grupos. O mensageiro, Mercúrio, corria de uma nave a outra, através do mundo, distribuindo mensagens e escândalos. Os homens sentiram violentos desejos pelas mulheres de seu próximo. As mulheres se dedicaram a caça dos varões que queriam. Através dos céus do planeta, naves rápidas eram tripuladas por mulheres perseguindo aos homens, já os maridos, atrás de suas mulheres fugitivas. E os ignorantes filhos deste mundo, observando as extravagâncias sexuais daqueles que tomavam por deuses, pensaram que era assim que deviam conduzir-se na vida. Deste modo começou uma erade relaxamento e sensualidade, em que foram abolidas todas as leis da decência.

Alguns dos nativos, os mais astutos e que enxergavam mais claro que o resto dos homens, proclamaram a si mesmos como sacerdotes, e pretenderam ser a voz dos deuses. Estes, muito atarefados em suas orgias, não se davam conta de nada. Mas, estas orgias conduziram a outros excessos. Provocaram numerosos assassinatos, até ao ponto em que as notícias chegaram ao Império. No entanto os sacerdotes naturais da Terra, aqueles que diziam ser representantes dos deuses, escreveram tudo o que ocorria e alteraram as coisas, de forma que seus poderes vieram a se aumentar depois. Sempre há ocorrido assim com a história do mundo.

Nunca seus nativos contaram as coisas como ocorreram e sim de maneira que lhes aumentassem ainda mais seu poder e prestígio. Quase todas as lendas não passam de uma aproximação do que aconteceu na realidade."

Contemplei, então, outro panteão. Ali se via outro grupo de Jardineiros, ou "Deuses". Horus, Osiris, Anúbis, Isis e alguns outros. Também se praticavam orgias ali. Naquelas regiões, um antigo tenente do Príncipe Satan se empenhava em destruir todos os esforços para trazer o bem naquele pequeno mundo. Também ali se viam os inevitáveis sacerdotes escrevendo suas intermináveis e errôneas lendas. Haviam alguns, da classe sacerdotal, que haviam se infiltrado lentamente na confiança dos deuses e desta forma haviam conseguido certos conhecimentos vedados aos nativos, para seu próprio bem. Estes sacerdotes haviam constituído uma sociedade secreta cujos fins eram os de roubar mais conhecimentos proibidos e tirar o poder dos Jardineiros. Então a Voz continuou, dizendo:

"—Nos deram muito trabalho estes nativos e tivemos que introduzir medidas repressivas. Alguns desses sacerdotes indígenas, depois de haverem roubado algum equipamento dos Jardineiros, não conseguiram controlá-lo.Como resultado, lançaram pragas sobre a Terra. Muita gente desse país pereceu. As colheitas se perderam completamente.

Mas alguns dos Jardineiros, sob o domínio do Príncipe Satan, haviam estabelecido uma capital do pecado nas cidades de Sodoma e Gomorra. Nelas, toda forma de perversão e de crime eram considerados virtudes. Então, o Mestre do Império advertiu severamente a Satan, para que desistisse e abandonasse aqueles lugares. Mas, ele tomou aquilo como uma piada. Alguns habitantes de Sodoma e Gomorra, os melhores entre eles, foram avisados para que abandonassem aquelas populações e, no momento combinado, uma nave do espaço solitária chegou pelos ares e jogou um pequeno pacote. E as cidades foram devastadas por fumaça e chamas. Grandes nuvens em forma de cogumelos subiram até o céu que tremia, sobre o solo não restaram senão toda sorte de devastações, pedras calcinadas, derretidas e um monte enorme de ruínas de habitações humanas.

Durante a noite, todo aquele território brilhava com um resplendor sombrio. Poucos habitantes conseguiram escapar do holocausto.

Depois destas saudáveis advertências, decidiram se retirar todos os Jardineiros da face da Terra e não ter mais contato com os nascidos nela, mas tratá-los como uma espécie separada. As patrulhas entrariam,

às vezes, na atmosfera. O mundo e seus habitantes estariam sujeitos a inspeções. Mas não haveria nenhum contato oficial. Em vez disto, decidiram que existissem sobre a Terra seres humanos que houvessem sido instruídos devidamente e que pudessem ser "plantados" aonde houvessem indivíduos preparados para recebê-los. O homem que mais tarde foi conhecido pelo nome de Moisés foi um exemplo. Uma mulher do país foi arrebatada e impregnada com a semente de características adequadas. A criança ainda por nascer foi instruída telepaticamente e dotada de grandes conhecimentos – para um natural da Terra. Foi acondicionado hipnoticamente para que não revelasse todo seu saber até o momento oportuno.

A seu devido tempo, a criança nasceu e lhe foi dada uma educação e acondicionamento posteriores. Mais tarde, o pequeno foi colocado numa cesta devidamente preparada e com o manto da noite foi depositado num canavial aonde seria facilmente descoberto. A medida que foi crescendo e chegou à maioridade, esteve em frequente comunicação conosco. Quando chegou o momento, uma pequena nave do espaço foi até uma montanha, em cujo cume permaneceu escondida, tanto pelas nuvens naturais, quanto pelas que nós fabricamos naquela ocasião. O homem, chamado Moisés, subiu ao cume, aonde entrou a bordo daquela nave e saiu dela logo com o Cajado das Virtudes e as Tábuas da Lei, que haviam sido preparadas para ele.

Mas isto não era suficiente. Tivemos que fazer o mesmo em outros territórios. No país que hoje chamamos a India, nos encarregamos da educação e formação do filho varão de um dos mais poderosos príncipes daquelas terras.

Acreditávamos que seu poder e grande prestigio arrastariam a todos os naturais daquela terra a seguir-lhe e aderissem a uma forma especial de disciplina que aumentaria o estado espiritual de seus seguidores.

Gautama tinha suas próprias idéias e nós, mais que discutí-las, deixamos que por si mesmo falasse sua disciplina espiritual. Uma vez mais, vimos como os discípulos, ou sacerdotes, geralmente em proveito próprio, deformaram o sentido das escrituras de seu mestre. Sempre acontece o mesmo: neste mundo um pequeno grupo de pessoas, que proclamam sacerdotes a si mesmos, se empenham em publicar ou reescrever por sua conta os textos sagrados, de maneira que seus próprios poderes e sua autoridade se vejam aumentados.

Outros muitos fundaram novas ramificações da religião: Maomé,

Confúcio, os nomes são demasiados para que se mencionem um por um. Mas cada qual de todos esses homens estava sob nossa direção, ou formado por nós, com a intenção de que se estabelecesse uma fé mundial, que guiasse os homens aos bons caminhos da vida. Queríamos que cada um dos homens deste mundo tratasse aos demais como queria que os demais tratassem a ele. Lutávamos para estabelecer um estado de harmonia universal como a que existia em nosso próprio Império. Mas a nova humanidade não estava bastante desenvolvida para deixar de lado o bem do próprio "eu" e buscar o de seus semelhantes.

Os Sábios estavam muito descontentes por aquela estagnação. Após uma reunião que tiveram, se propôs uma mudança de direção absoluta. Um dos sábios chamou a atenção dos reunidos sobre o fato de que todos os que haviam sidos mandados sobre a Terra, pertenciam a grandes e poderosas famílias. Como demonstrou claramente, esta era a causa pela qual automaticamente as classes inferiores rechassassem as palavras daqueles indivíduos situados em altas esferas da aristocracia. Em consequência disso tudo, realizou-se uma pesquisa, por meio dos Registros Akáshikos, em busca de uma mulher adequada para colocar no mundo um filho que correspondesse ao desejo adequado, de uma família pobre

e natural de uma terra aonde se pudesse esperar que uma nova religião fosse se iniciar. Os investigadores nomeados para o ato, imediata e regularmente, se dedicaram à tarefa. Mostrou-se um grande número de caminhos possíveis. Três homens e três mulheres, secretamente, foram colocados sobre a Terra a fim de que continuassem as investigações, de forma que a família mais adequada fosse eleita para o caso.

Por consentimento de várias opiniões, resultou favorecida uma mulher muito jovem, casada com um artesão da mais antigo artesanato do mundo: um carpinteiro. Os sábios consideraram que a maioria dos homens pertenciam a esta classe social e escutariam com preferência as palavras de um dos seus. Assim, então, a mulher recebeu a visita de um dos nossos, que ela considerou um anjo, quem lhe anunciou o que para ela seria uma grande honra. Teria um filho, fundador de uma nova religião. Ao seu devido tempo, aquela mulher ficou grávida. Mas, então ocorreu um fato, muito freqüente naquela parte do mundo. A mulher e seu marido tiveram que fugir de sua casa, por culpa da perseguição de um dos reis locais.

O casal continuou lentamente seu caminho até uma cidade do Oriente Médio e lá a mulher sentiu seu tempo tinha chegado. Não havia

lugar para ficar, senão no estábulo de uma estalagem. A criança nasceu lá. Nós seguimos a fuga para para intervir se fosse necessário. Três membros da tripulação da nave do espaço desceram para a terra e foram para o estábulo. Com natural decepção, souberam mais tarde de que sua embarcação aérea foi considerada uma estrela do Oriente.

O menino cresceu e devido a especial doutrinação que recebia por via telepática, realizou grandes progressos. Em sua infância discutia com seus anciãos e enfrentava os sacerdotes locais. Ao chegar à adolescência, deixou suas amizades e peregrinou através de muitos países do Oriente Médio. Nós o dirigimos até ao Tibete, e ele ultrapassou as

cordilheiras e permaneceu por um tempo na catedral de Lhasa, onde ainda hoje em dia se conservam os traços de suas mãos. Aqui teve a rvelação e a assistência indispensáveis para poder formular uma religião adequada aos povos do oeste.

Durante sua estadia em Lhasa submeteu-se a um tratamento especial, pelo qual o corpo astral do humano terráqueo que se abrigava em seu corpo foi liberado e ascendeu a outra existência. Em seu lugar se instalou um corpo astral escolhido por nós. Tratava-se de uma pessoa com grande experiência em matérias espirituais, maior do que se pode alcançar sob as condições da Terra. Este sistema de transmigrações é um dos que empregamos muito quando se trata de raças primitivas.

Finalmente, tudo estava certo, e o peregrino fez sua viagem de volta a sua pátria. Chegando ali, teve êxito recrutando várias pessoas que se dedicaram a divulgar a nova religião.

Infelizmente, o primeiro ocupante daquele corpo havia disputado com os sacerdotes. Agora, estes se lembravam daqueles acontecimentos e preparavam um incidente que lhes permitisse prendê-lo. Como o juiz encarregado do caso dependia de todos eles, o resultado podia conhecer-se de antemão. Nós examinamos a conveniência de uma intervenção, mas, por fim, prevalesceu a opinião que acreditamos firmemente em que intervir faria nascer males para o mundo e para a nova religião em particular”.

A Voz encerrou suas palavras. Eu permanecia mudo, flutuando entre as telas em mudança constante, mostrando, uma após a outra, as imagens das coisas acontecidas em anos distantes.

Também vi coisas que fossem prováveis que acontecessem no futu-

ro. Porque o futuro provável pode prever-se tanto para o que se refere a um mundo inteiro quanto a um país qualquer. Vi minha querida pátria invadida pelos detestados chineses. Vi a subida – e a queda – de um mau regime político, que me parece que se chamava comunismo. Porém ele nada representa para mim. Por fim, experimentei um enorme esgotamento.

Page 172

Senti ainda que meu corpo astral iria se desfalecer pelo esforço que havia sido obrigado. As telas, até aquele momento de vivas cores, tornavam-se cinzentas. Minha visão enfraqueceu e em seguida caí num estado de inconsciência.

Um horrível movimento de balanço despertou-me de meu sono, ou talvez meu desmaio. Abri os olhos, mas não tinha olhos! Ainda que não pudesse mover-me, de alguma maneira notava que estava de volta ao meu corpo físico. O balançar era a mesa que transportava meu corpo seguindo pelo corredor da nave do espaço. Uma voz sem dar nenhum sinal de emoção, em voz baixa, afirmou: "—Já tem consciência!". Seguiu-se um grunhido de confirmação e logo o silêncio, acompanhado pelo ruído de passos e do leve ruído de metal quando minha mesa operatória batia contra a parede.

Estava deitado, sozinho, naquela sala metálica. Aqueles homens haviam deixado a mesa e saído em silêncio. Deitado, ia refletindo sobre as coisas maravilhosas das quais eu tinha sido testemunha. Não sem certo ressentimento. As contínuas inventivas contra os sacerdotes. Eu era um sacerdote e eles estavam contentes em utilizar, sem contar com minha vontade própria, meus serviços. Enquanto pensava sobre estas coisas, me chegou aos ouvidos o ruído de uma porta metálica que se deslizava. Um homem entrou na sala e fechou-se, deslizando, a porta atrás dele.

"—Muito bem, monge! – esclamou a voz do doutor –Fez muito bem. Todos estamos muito orgulhosos de ti. Enquanto jazias inconsciente, examinamos novamente teu cérebro com nossos instrumentos, e estes nos demonstraram que tinhas armazenado todo o conhecimento depositado em tuas células cerebrais. Ensinou muitas coisas a nossos jovens de ambos os sexos. Em breve serás posto em liberdade. O faz feliz esta notícia?"

"—Feliz, senhor doutor?" Perguntei na minha vez. "—Que motivos teria para sentir-me feliz? Fui capturado, me foi cortado o topo do crânio, me separaram o espírito do corpo, fui insultado por ser membro do

clero e logo – depois de haverem se utilizado minha pessoa – vão abandonar-me como uma pessoa condenada a uma morte miserável. Feliz, eu?

Por que razão devo considerar-me afortunado? Vai recolocar meus olhos? Proporcionar-me meios de subsistência? Como farei para viver?" Assim lhe falei, quase com sarcasmo.

"—Uma das maiores desgraças do mundo, monge – disse o doutor – , é que a maioria das pessoas são negativas. São negativas, sem razão. Podeis dizer de modo positivo o que desejares. Se as pessoas de teu mundo pensasse positivamente, deixariam de haver muitos conflitos existentes. Pois se adotam atitudes negativas, embora sendo necessário, sendo negativo, mais esforço.

"—Mas, senhor doutor!", exclamei, "—Pergunto o que pensam em fazer comigo. Como viverei? Que deverei fazer? Tenho que me limitar a guardar estes conhecimentos até que chegue alguém que me diga que é a pessoa eleita e então nos poremos a conversar como duas velhas na praça do mercado? E, que razão tens para acreditar que cumprirei a missão que me foi confiada, pensando como pensam a respeito dos sacerdotes?"

"—Monge! — disse o doutor —, vamos instalá-lo em uma confortável caverna, com um piso lipo de rocha. Haverá nela uma pequena fonte de água, bastante para vossas necessidades no extremo em que se encontra. No que se refere a comida, seu cargo sacerdotal o assegura que todos lhe trarão o que possa comer. Lhe digo de novo, há sacerdotes e sacerdotes. Vós, os do Tibete, são em geral boas pessoas e nós não lutamos com eles. Por acaso não observou que, em tempos anteriores nos temos servido deles? Também me preguntou sobre aquele a quem terás que comunicar vosso saber. Guarde esse bom presente. O reconhecerá, quando esse homem se apresentar. Transmita vosso saber a ele e nada mais."

Assim eu estive a sua mercê por completo. Mas depois de algumas horas, o doutor veio de novo ver-me e me disse:

"—Agora, vais recobrar o movimento. Antes lhe daremos umas roupas novas e uma tigela, também nova."

Algumas mãos se ocuparam de minha pessoa. Colocaram-me em cima de uma série de objetos raros. Minha toalha foi sustituida por umas novas vestimentas. As primeiras vestes novas, que jamais havia possuído. Me puseram elas encima do corpo. Então recuperei o movimento. Algum homem praticante me passou o braço por cima de minhas costas e me ajudou a descer daquela mesa operatória. Pela primeira vez, depois de um desconhecido número de dias, pude ficar em pé, são e ágil.

Aquela noite, repousei mais contente, enrolado em uma toalha que também me havia sido dada. E pela manhã, como já lhe disse, fui tirado da nave e colocado nesta caverna aonde tenho vivido solitário por mais de sessenta anos. Mas, agora, antes que descansemos pela noite, bebamos um pouco de chá, já que minhas tarefas chegam ao seu fim.

Capítulo décimo-primeiro

O jovem monge sentou-se num só movimento, sentiu nas vértebras do pescoço um calafrio de terror. Alguma coisa havia lhe arranhado. Alguma coisa havia passado uns dedos gelados pela sua testa. Durante um longo tempo ficou sentado, a ponto de colocar-se em pé, aguçando os ouvidos para poder perceber o menor ruído que se produzisse. Com os olhos bem abertos e com todas suas forças, lutava em vão para vencer a escuridão a seu redor. Nada se movia. Nem o menor vestígio de ruído algum chegava a chamar sua atenção. A entrada da caverna se mostrava

menos escura distinguindo-se vagamente da completa falta de luz que assombrava a caverna.

Prendeu a repiração, até que conseguiu escutar o bater de seu próprio peito e os mínimos ruídos de seus próprios órgãos. Nem o mais leve ruído de folhas movidas pelo vento se produzia. Nenhuma criatura da noite se anunciava. Silêncio. A falta absoluta de qualquer ruído, que poucas pessoas do mundo conhecem, e ninguém que viva em comunidades populosas. Outra vez, traços de luz voavam em volta de sua cabeça. Com um arrepio de terror, saltou no ar e suas pernas já corriam, antes de tocar o chão. Saindo veloz, da caverna, suado de terror, deteve-se apressadamente ao lado do fogo, que estava bem protegido. Então tirou a terra e a areia que cobriam as brasas acesas. Rapidamente, escolheu um ramo bem seco e soprou as cinzas até que pareceu que as veias do pescoço e da testa fossem estourar diante do esforço. Finalmente, da lenha brotou uma chama. Segurando aquela madeira com uma mão, escolheu outro lho e aguardou até que este também pegasse fogo. Ao fim, com uma tocha acesa em cada mão, entrou lentamente na caverna. As chamas cintilantes saltavam e dançavam a cada movimento que o jovem fazia. As sombras, grandes e assustadoras, apareciam a seus dois lados.

Nervosamente, examinava a seu redor. Buscava ansiosamente, com a esperança de que havia sido uma aranha que havia se arrastrado por cima de seu corpo. Mas não via o menor sinal. Então pensou no velho eremita e repreendeu a si mesmo, por não ter lhe ocorrido antes haver pensado no ancião.

"—Venerável!" – chamou com a voz trêmula – "está bem?"

Com os ouvidos tensos, ouviu. Mas não teve resposta alguma. Nem um eco. Hesitando, avançou lentamente até o fundo da caverna, virou à direita, aonde nunca havia entrado, e lançou um suspiro de satisfação ao ver o ancião sentado em posição de lótus, no final de uma caverna menor que a primeira. Um estranho ruído de gotas lhe surpreendeu quando ia retirar-se em. Olhando com toda sua atenção viu que se tratava de uma fonte que nascia de uma saliência das paredes daquela sala – drop-drop-drop. O jovem monge se tranquilizou.

"—Lamento ter entrado aqui sem vossa permissão, Venerável." – lhe disse – Temia que estivésseis doente. Já me vou."

Mas não obteve nenhuma resposta. Nem um só movimento. O ancião estava ali sentado, como uma estátua de pedra. Com medo, o jovem avançou alguns passos e permaneceu por um tempo contemplando aquela figura imóvel. Finalmente, com temor, estendeu um braço e tocou um ombro do ancião. O espírito já não estava. Antes, confundido pelo tremular das chamas, não havia pensado na aura do eremita. Agora se dava conta de que também havia lhe abandonado, que já não existia.

Muito triste, o jovem sentou-se enfrente daquele cadáver e recitou o antiquíssimo Ritual dos Mortos, dando instruções para as etapas do espírito, a caminho dos Campos Celestiais, advertindo-o das possíveis emboscadas que, aproveitando-se do estado confuso da mente, tentariam as forças do mal. Finalmente, havendo cumprido com suas obrigações religiosas, colocou-se em pé, inclinou-se até o defunto e, havendo se

consumido as duas tochas, o jovem procurou seu caminho para fora da caverna. O vento precursosr do amanhecer começava seus murmúrios fantasmagóricos através das árvores. Um assovio agudo, feito pelo movimento do vento pelas fissuras das rochas como uma altíssima e fortíssima nota aguda de órgão que se escutava nas alturas. Pouco a pouco, os primeiros raios de luz apareceram pálidas nas alturas e se destacou progressivamente a mais distante das cordilheiras. O jovem monge estava tristemente agachado bem perto do fogo, perguntando-se o que deveria fazer, pensando nas sombrias tarefas que lhe aguardavam. O tempo parecia imóvel. Mas finalmente, depois do que pareceu representar um tempo infinito, o Sol apareceu e se fez o dia. O jovem monge colocou um ramo dentro do fogo e aguardou pacientemente até que brotassem chamas da ponta. Então com todo o pesar, agarrou a tocha ardente e entrou, com as pernas trêmulas, até a câmara interior.

O corpo do velho eremita estava sentado como se ainda estivesse vivo. Com apreensão, o jovem monge se agachou e sem esforço algum, levantou o cadáver e o carregou no ombro. Com o passo lento começou a marcha até fora da caverna e logo, pela trilha, chegou até a pedra plana que parecia aguardar-lhes. Lentamente, o jovem tirou as roupas daquele corpo consumido e experimentou alguns momentos de compaixão diante a visão daquele quase esqueleto, com a pele colada nos ossos. Com um tremor de repugnância, fincou a faca afiada de pedra na parte baixa do abdômem do cadáver. Produziu-se um alto ruído ao cortar as cartilagens e as fibras musculares, que chamou a atenção dos abutres, que se aproximaram rapidamente. Havendo exposto aquele cadáver e suas entranhas por completo, o jovem ergueu uma pedra pesada e a a-

tirou sobre o crânio, de forma que o cérebro foi espalhado sobre a pedra. Logo, com lágrimas que lhe corriam abundantes por seu rosto, levou as vestes do ermitão e a cuia que utilizava e se arrastou, lentamente, até o interior da caverna, deixando que os abutres pelejassem e

lutassem, às costas daquele jovem monge. Atirou à fogueira aquelas vestes e a vasilha, aguardando até que as chamas consumiram rapidamente todos os restos.

O jovem monge, muito entristecido, com lágrimas que brotavam de seus olhos e regavam a terra seca, afastou-se dali e caminhou lentamente. Cruzou o desfiladeiro, marchando até outra fase de sua existência.

FIM